



DIALOGO DELLA RETTORICA*

(1) Valerio, (2) Brocardo, (3) Soranzo.

Val.  R. A. **ANTOLOGIA
BILÍNGUE**

* Il Mf. ha libro primo, perchè l'autore asserisce che non si dia il dialogo e si introduca o Brocardo, o Cardinale, o Don Ercole col (5) Priolo e col (6) Navagero, in casa l'ambasciatore (7) Camerino, e don Ercole a immo della: e così si fa l'altrettanto il nostro tar-

Clássicos da Língua Italiana

(1) Il Valerio, del qual si è detto alla pag. 11. n. 6. è qui introdotto a parlar della Rettorica in Bologna, ove s'era parlato delle Lingue nel dialogo precedente. Al gioviale talento di lui allude l'Ariosto nel c. 23. st. 137. ove il fa autore della curiosa novella colà narrata dall'oste a Rodomonte.

(2) Del Brocardo può dirsi che non ha menzione alla pag. 26. n. 7. Ebbe per padre Marino, che lesse a Padova logica, filosofia, e medicina.

(3) M. Antonio Soranzo

mo Veneziano, grande amico del Casa, e letterato di quella età.

[4] Del Cardinale D. Ercole Gonzaga vedi alla pag. 63. n. 9.

[5] Di Priolo si parla già nell'uomo Veneziano, e letterato di quella età.

[6] Di Andrea Bernardo, il quale fu gran cittadino, gran Cardinale, gran letterato.

(7) Ecco un altro gran lume della repubblica Veneziana, del concilio filosofia Gasparo Contarini, che fu fatto Cardinale da Paolo III. e a egli in Bologna Ambasciatore nell'incoronazione di Carlo

Sperone Speroni

Volume 2

Ana Luiza Leite Bado

Sergio Romanelli

Organizadores

Este volume apresenta um dos tantos Diálogos escritos por Speroni, o *Diálogo acerca da Retórica* e também uma tradução de algumas partes da conceituada biografia de Sperone Speroni, escrita por Francesco

Cammarosano, que acreditamos possa se tornar útil instrumento de pesquisa para os interessados neste assunto. Sperone Speroni (Pádua, 1500-1588) foi um humanista, literato e filósofo que dedicou grande parte de sua vida a escrever diálogos que eram discutidos em uma restrita roda de amigos. Dentre esses, que datam de 1542 e 1558, respectivamente, estão o *Dialogo delle Lingue* e o

Ana Luiza Leite Bado e Sergio Romanelli
Organizadores

ANTOLOGIA BILÍNGUE

Clássicos da Língua Italiana

Volume 2

Diálogo acerca da Retórica
Sperone Speroni

PGET/UFSC
Florianópolis, 2013

GRÁFICA
Copiar
EDITORA

Tubarão, 2013

Publicação do Grupo de Pesquisa do CNPQ “Estudos Linguísticos e Aquisição/ Aprendizagem do Italiano como LE”, Líder Prof. Sergio Romanelli

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina

Campus Universitário – Trindade, CCE, Bloco B, Sala 130

E-mail: sergioroma70@gmail.com

Organizadores:

Prof. Sergio Romanelli

Ana Luiza Leite Bado

Tradutores:

Prof. Sergio Romanelli

Ana Luiza Leite Bado

Revisores:

Profa. Silvana de Gaspari

Prof. Sergio Romanelli

Revisão do português:

Profa. Silvana de Gaspari

Apresentação:

Prof. Sergio Romanelli

Ana Luiza Leite Bado

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa:

Annye Cristiny Tessaro (Lagoa Editora)

Impressão:

Gráfica e Editora Copiart

A63 Antologia bilingue. Diálogo acerca da retórica, Sperone
Speroni / Ana Luiza Leite Bado, Sergio Romanelli (org.) - -
Tubarão : Ed. Copiart ; Florianópolis : PGET/UFSC, 2013.
120 p. ; 21 cm - (Clássicos da língua italiana; 2)

ISBN 978.85.99554.92.0

1. Língua italiana. 2. Literatura italiana. 3. Retórica. 4.
Speroni, Sperone, 1500-1588. I. Bado, Ana Luiza Leite. II.
Romanelli, Sergio. III . Série.

CDD (21. ed.) 455

Elaborada por Sibele Meneghel Bittencourt - CRB 14/244

Apoio:

Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina

Sumário

<i>Prefácio</i>	5
<i>Francesco Cammarosano</i>	17
A vida e as obras de Sperone Speroni	18
<i>Sperone Speroni</i>	27
<i>Dialogo Della Rettorica</i>	28
Diálogo acerca da Retórica	29

Prefácio

A presentamos ao público brasileiro, com muita satisfação, este segundo volume dos *Clássicos da Língua Italiana*, com textos inéditos e, pela primeira vez, traduzidos para o português, do autor italiano Sperone Speroni. O autor escolhido e apresentado nesta edição escreveu e refletiu sobre a Língua Italiana e participou da consequente polêmica acerca da contraposição entre o latim e os vulgares, a assim chamada *Questione della lingua*. Este volume apresenta exatamente um dos tantos Diálogos escritos por Speroni, o *Diálogo acerca da Retórica*, e também uma tradução de algumas partes da conceituada biografia de Sperone Speroni, escrita por Francesco Cammarosano, que acreditamos possa se tornar útil instrumento de pesquisa para os interessados neste assunto.

Trata-se do segundo de uma série de volumes, fruto do trabalho dos membros do grupo de pesquisa, credenciado junto ao CNPq, *Estudos Linguísticos e Aquisição-Aprendizagem do Italiano como LE*; e do projeto de pesquisa intitulado *Projeto de tradução dos clássicos da polêmica quinhentista acerca da língua italiana ou Questione della lingua* (notes 2009.0852), em desenvolvimento desde 2009 junto ao Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto pretende coletar e traduzir, pela primeira vez, em língua portuguesa, alguns textos fundamentais da *Questione della lingua* e editar uma coletânea sobre os clássicos da língua italiana do século XV ao século XX. Com esse grupo, por mim coordenado, colaboram docentes, pesquisadores e discentes de várias universidades brasileiras e italianas, a saber: Universidade

Federal de Santa Catarina (Professor Sergio Romanelli, Professora Carolina Pizzolo Torquato); Universidade de São Paulo (Professora Cecilia Casini, Professora Elisabetta Santoro); Universidade Federal de Minas Gerais (Professora Patrizia Collina Bastianetto, Professora Lucia Fulgencio); Universidade Ca' Foscari de Veneza (Professor Paolo Torresan) e Universidade GD'A de Pescara, na Itália, (Professora Cecilia Santanché); assim como muitos graduandos, mestrandos e doutorandos do curso de Língua e Literatura Italiana e da Pós-graduação em Estudos da Tradução da UFSC, da USP e da UFMG.

A pesquisa especificamente sobre Sperone Speroni, objeto deste volume, redundou no trabalho de iniciação científica da graduanda Ana Luiza Leite Bado, com Bolsa PIBIC/CNPq, defendido em 2012, intitulado *Tradução dos clássicos da língua italiana: Sperone Speroni*.

Sperone Speroni (Pádua, 1500-1588) foi um humanista, literato e filósofo que dedicou grande parte de sua vida a escrever diálogos que eram discutidos em uma restrita roda de amigos. Dentre esses, que datam de 1542 e 1558, respectivamente, estão o *Dialogo delle Lingue* e o *Dialogo della Rettorica*, que debatem acerca da *Questione della Lingua* durante o renascimento italiano.

Sobre o diálogo, acrescentamos que este era o gênero literário típico da argumentação naquela época, por proporcionar uma resposta imediata às argumentações dos adversários e permitir a exposição de diferentes pontos de vista sobre um determinado assunto. Era um jogo de contradições que chegava lentamente ao seu fim. Para o autor do *Dialogo delle Lingue*, os diálogos poderiam ser de dois tipos: o primeiro, mais ligado ao aristotelismo, não tinha como finalidade a diversão, mas sim a educação; e, no segundo tipo, ligado ao platonismo, o autor eliminaria a sua posição pessoal em favor da discussão e da argumentação de todas as teses envolvidas. Nesse segundo tipo, enquadram-se o *Dialogo delle Lingue* e o *Dialogo della Rettorica*, nos quais os argumentos das personagens alternam-se sem que haja necessidade

da interferência do escritor ou um seu posicionamento explícito em defesa de uma das teses abordadas.

Sperone Speroni teve um importante papel no debate acerca de qual variante vernácula assumiria a função de língua comum do território italiano e foi um dos mais fortes defensores do vulgar. Retomando aqui muito rapidamente o contexto em que surgiram as obras de Speroni, é válido lembrar que a *Questione* não surgiu no século XV, mas sim no século XIV, com o *De Vulgari Eloquentia*, escrito por Dante Alighieri, em latim, na defesa das línguas vulgares (embora essa obra tenha sido publicada apenas dois séculos mais tarde); nesse tratado, Dante já se mostrava preocupado com a diversidade linguística existente na Itália e criou uma tese em defesa de um *vulgar ilustre*, que reuniria o que há de melhor dos dialetos italianos. Com a difusão do florentino erudito, muito utilizado pelos autores em decorrência dos escritos das *Tre Corone* (Dante, Petrarca e Boccaccio), no século XV, a necessidade de uma unificação linguística se fortaleceu e o debate acerca dessa questão ganhou participações ativas. Nesse período, a situação linguística da Toscana estava dividida: de um lado existiam os defensores da escolha de uma língua arcaizante, os defensores do florentino erudito, para “[...] restaurar a unidade linguística remontando ao latim língua mãe [...]” (ROMANELLI, 2012, p. 7); por outro, os defensores de uma hipotética língua cortesã ou itálica, de uma língua que seria mais adequada às conversas *civis* do homem da corte, uma língua aberta à inclusão de palavras tanto espanholas, quanto francesas (TESI, 2007). Podemos observar que a língua cortesã, defendida por Castiglione, tinha uma relação com a sua função social, ela censurava o uso das palavras e dos estilos sintáticos considerados inadequados à *naturalidade* da conversação culta (TESI, 2007). Ao lado de Castiglione, Maquiavel também defendia o florentino popular e falado, enquanto Pietro Bembo era o maior representante da facção do florentino literário.



Dentre os participantes deste debate, podemos destacar: Baldassar Castiglione (1478-1529), que defendia a criação de uma língua que não excluísse os latinismos, neologismos e nem os outros dialetos falados na província itálica, além de reivindicar o direito de cada um para falar na sua própria língua; Giangiorgio Trissino (1478-1550), tradutor do *De Vulgari Eloquentia*, que foi o primeiro a discutir “[...] a lógica íntima da duradoura questão naquilo que ela tem de mais consistente e válido no plano histórico.” (SOZZI, 1976, p. 84),¹ ou seja, o princípio da italianidade da língua; sua teoria foi baseada no escrito de Dante; Sperone Speroni, que se opunha ao formalismo de Pietro Bembo ao afirmar que a *imitatio* – forma muito utilizada durante a primeira fase do Humanismo, período em que a língua latina ainda era a preponderante – (FURLAN, 2007) proposta por ele, era apenas um comodismo, não uma prática artística e muito menos um ato de inteligência. O escritor do *Dialogo della Rettorica* afirmava que as palavras são como um espelho, portanto, cada palavra reflete a sua época e não haveria como os escritos de 1300 refletirem a modernidade de 1500.

O *Dialogo della Rettorica*, além de ser um breve tratado que reivindica o valor social da retórica, fala sobre os valores e as condutas morais do ser humano e também nos apresenta a figura do novo literato, que é capaz de argumentar em língua vulgar. O *Dialogo della Rettorica* acontece entre três personagens – Valério, Brocardo e Soranzo, sendo este o primeiro a tocar no assunto da *Questione*:

Além disso, eu estou em dúvida se a arte oratória da língua latina é condizente com as outras línguas, especialmente com a toscana que nós usamos atualmente; eu sou da opinião que algum saudoso de Boccaccio possa se deleitar escrevendo nela alguma novela sem problemas; sendo esse fato na verdade

1 Tradução nossa. [...] la logica intima dell'annosa questione in ciò che essa ha di più consistente e valido sul piano storico.

diferente dos três tipos de causas que foram nomeadas pelos escritores latinos como matéria única e geral de sua arte retórica.²

Nesse pequeno trecho da fala de Soranzo, é possível observar uma referência direta a Pietro Bembo, quando ele cita “[...] algum saudoso de Boccaccio [...]”, uma vez que Bembo definiu a *Questione* como a sua proposta saudosista de retomar a língua italiana utilizada por Petrarca e Boccaccio, língua esta que, para ele, havia atingido uma qualidade insuperável, daí a característica da língua italiana ter surgido de um registro culto escrito e não do registro falado. Outro fator importante, que contribuiu para que a ideia de Bembo fosse definidora da polêmica questão, foi a sua escolha por um florentino que representasse uma classe burguesa do século XIV, que estava em crescimento, e “[...] não se via representada nem pela opção aristocrática do latim e nem pela opção popular do florentino falado [...]” (ROMANELLI, 2012, p. 9). Tommaso Sozzi (1976) acrescenta que a solução de Bembo era ineficiente, sobretudo no plano linguístico, pois ela ignorava a natureza primária de uma língua: a oralidade.

Speroni já havia explorado a posição de Bembo no *Dialogo delle Lingue*: “[...] louvo sumamente a nossa língua vulgar, isto é, a toscana [...]. Falo da toscana, não da moderna que hoje o povo usa, mas a antiga, a qual tão suavemente falaram Petrarca e Boccaccio [...]” (SPERONI, 2006, p. 253); e continua afirmando que as línguas vulgares, como a lombarda, não são aptas ao discurso e à poesia, indo ao encontro das afirmações do Cortesão do livro de Castiglione, que acredita na necessidade de levar o pensamento científico e filosófico à plebe, de forma que estes “[...] serão próprios dos amantes e estudiosos das doutrinas

2 Tradução nossa. *Oltra di questo io sono in dubbio, se l'arte oratoria della lingua Latina si convegna con l'altre lingue, specialmente con la Toscana che noi usiamo oggi: nella quale io ho opinione che a dilettere alcun malinconico, imitando il Boccaccio, qualche novella si possa scrivere senza più cosa veramente diversa dalle tre guise di cause, le quali da' Latini scrittori sola e generale materia della loro arte rettorica si nominarono.* (SPERONI, 1978, p. 203-204)

que têm seu lugar não nas línguas, mas nas almas dos mortais.” (SPERONI, 2006, p. 249).

Retornando à fala de Soranzo, este duvida da capacidade argumentativa da língua vulgar, posição semelhante à de Pietro Bembo, no *Dialogo delle Lingue* (trecho citado no parágrafo anterior), sendo contrário ao ideal de Baldassar Castiglione (1478-1529), que dizia que a língua italiana deveria se formar sem excluir latinismos e outros dialetos falados na província itálica. Além disso, Castiglione reivindicava o direito de cada qual falar e escrever em sua própria língua (SOZZI, 1976). Em seu texto, *Il Cortegiano*, publicado em 1528, ele dedica à *Questione della Lingua* os capítulos de 28 a 39. No capítulo 38, defende a língua como expressão do pensamento individual e, no capítulo seguinte, defende a substância do pensamento contra o formalismo linguístico. O pensamento de Castiglione, no *Dialogo delle Lingue*, aparece mais uma vez na fala do Cortesão:

Pelo menos direi aquilo que tiver no coração, e o esforço que eu pensaria em adquirir palavrinhas disto e daquilo, investi-lo-ei em encontrar e dispor as concepções da minha alma, da qual procede a vida da escrita. Pois considero ruim que, para expressarmos nossas concepções, utilizemos a língua toscana ou a latina, que aprendemos e exercitamos não discutindo entre nós os nossos assuntos, mas lendo a outros [...]. Não digo, porém, que se deva escrever em paduano ou em bergamasco, mas quero muito que, de todas as línguas da Itália, possamos acolher palavras e algum modo de dizer [...]. (SPERONI, 2006, p. 224)³

3 *Almeno dirò quello che io averò in core; e lo studio che io porrei in infilzar parolette du questo e di quello sì lo porrò in trovare e disporre i concetti dell'animo mio, onde si deriva la vita della scrittura; ché male giudico potersi usare da noi altri a significare i nostri concetti quella lingua, toska o latina che ella si sia, la quale impariamo e essercitiamo non ragionando tra noi i nostri accidenti, ma leggendo gli altrui. [...]. Non dico però che uomo scriva né padovano né bergamasco, ma voglio bene che di tutte le lingua d'Italia possiamo accogliere parole e alcun modo di dire [...].* In Furlan, Mauri (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Volume 4. Florianópolis: NUPLITT, 2006. Tradução: GUERINI, Andréia; PALMA, Anna; FURLAN, Mauri.

A ideia de Castiglione aparece com frequência nos diálogos de Sperone Speroni, uma vez que as ideias deste corroboravam com as ideias daquele contra o cânone da imitação e ambos opunham-se ao formalismo de Bembo, ou, como bem esclarece Sozzi (1976, p. 87):⁴

Na opção pela culturalidade fundamentada pelo pensamento contrário ao formalismo linguístico e na reivindicação [...] dos direitos da originalidade contra o pedante cânone da imitação, surge Speroni, ao lado de Castiglione [...], como opositor do formalismo de Bembo [...].

No *Dialogo Della Rettorica*, especificamente, Brocardo tem falas significativas acerca dessa posição de Speroni; o personagem que fala muito sobre a natureza das palavras, “[...] que significam os conceitos de nossos corações [...]”, também é a representação da capacidade argumentativa da língua vulgar: “[...]. Com muito cuidado, evitarei usar as palavras latinas que a longo prazo prejudicariam a construção da minha fala, deixando essa viagem no perigoso mar a um navegador mais hábil que eu.”⁵ Brocardo evita o uso das palavras latinas, uma vez que a língua vulgar tem potencial para validar sua fala e é sua língua, sendo aquela que ele melhor domina. Da mesma forma, Baldassar Castiglione, em seu livro *O Cortesão*, expressa sua preferência por ser reconhecido como um lombardo, ao falar em lombardo, a ser reconhecido como um não toscano, por falar toscano exageradamente. Antes um falar natural, que expresse claramente os pensamentos, do que um falar artificial, muito



4 Tradução nossa. *Nell'opzione per la culturalità sostanziata di pensiero di contro al formalismo linguistico e nella rivendicazione [...] dei diritti dell'originalità contro il canone pedantesco dell'imitazione lo Speroni emerge, accanto al Castiglione [...] come oppositore del formalismo bembistico [...].*

5 Tradução nossa. [...] *e da' scogli delle parole Latine, nelle quali a lungo andare il parlamento si romperebbe, bellamente mi guardarò; a più faggio nocchiero di me lasciando la cura di dover fare sì periglioso viaggio.* (SPERONI, 1978, p. 208)

mais preocupado com as regras e que causa o cansaço de quem as fala e de seus ouvintes (BASTIANETTO, 2012).

O personagem Brocardo cita como exemplo o sucesso de Petrarca, o qual foi possível somente por ele ser toscano e conhecer bem a sua língua:

Mas porque saibam tudo, costumava me dizer o Senhor Trifone que, o fato de Petrarca ter nascido toscano e conhecer bem a sua língua, e, ao contrário, não saber a latina, apesar de usar seu estilo, foi motivo para torná-lo grande em uma, mas na outra muito menos que medíocre.⁶

Significativa sobre esse mesmo aspecto também é a fala do Magnífico, no livro de Castiglione. O personagem afirma que, se Petrarca e Boccaccio ainda estivessem vivos, nem eles usariam as palavras do toscano antigo, palavras que também são omitidas pelos costumes de sua época. Surge aí, novamente, um fio que costura o pensamento de Speroni ao de Baldassar Castiglione: ambos são muito modernos ao compreender que a língua, como um organismo vivo, é passível de mudanças temporais que influenciam no significado das palavras. Além disso, nos parece que os autores reconhecem o valor dos dialetos e não os desqualificam; ao contrário, sabem que os dialetos são formas de língua que possuem um sistema lexical e sintático próprios, usado em uma região mais restrita que a língua. E, quanto à língua italiana, esta surgiu de um dialeto, que graças a questões políticas adquiriu status.

12

No que se refere à *Questione della Lingua*, podemos afirmar que Sperone Speroni, conforme seus ideais explícitos nos *Dialogo delle Lingue* e *Dialogo della Rettorica*, defendia o

6 Tradução nossa. *Ma perchè il tutto sappiate; soleva dirmi Messer Trifone, che al Petrarca l'esser nato Toscano e saper ben la sua lingua, ed in contrario il non saper la Latina, benchè l'arte tenesse, fu cagione di farlo grande nell'una, ma nell'altra molto manco che medíocre.* (SPERONI, 1978, p. 220)

florentino erudito da sua época. Principalmente no *Dialogo delle Lingue*, o autor prova que “[...] a Itália era capaz de exprimir com dignidade e beleza não somente tudo aquilo que tinha na poesia, mas também na história, nas ciências e nas artes.” (SPERONI apud POZZI, 1978, p. 13),⁷ afirmando mais uma vez sua posição contra os saudosos latinistas. Para o escritor dos diálogos, moderno também ao reconhecer a existência de uma língua materna e que a inferioridade da língua vulgar era uma questão política, era imprescindível defender vigorosamente que o vulgar poderia e deveria ser usado em qualquer campo de conhecimento, inclusive na educação.

A partir das ideias propostas por Speroni, concluímos que o autor prezava, não somente pela valorização do florentino erudito utilizado no Renascimento, mas também para que o uso do vulgar fosse significativo na expressão dos conceitos de nossas almas, uma vez que esses devem ser manifestados pelas nossas próprias palavras e não através de ideais pertencentes a outros, deixando clara sua posição anti-humanista, refutando a solução de Pietro Bembo e concordando, em muitos aspectos, com o pensamento de Baldassar Castiglione.

Por esse motivo, o texto de Speroni não pode ser lido isolado de um contexto muito significativo na história da língua italiana. A questão secular, da qual o escritor do *Dialogo della Rettorica* fez parte, foi solucionado apenas em 1861, com a unidade política do povo italiano, por ser uma questão que ultrapassa as raias dos limites linguísticos, e estende-se para a cultura, para a história e para a política.

O nomeado príncipe da *Accademia degli Infiammati*, injustamente apagado dos estudos da história da língua italiana, tem seu valor por escrever, em língua vulgar, sobre a questão do poder argumentativo das línguas vulgares, e se elas teriam

7 Tradução nossa. [...] *l'Italia era capace d'esprimere con dignità e bellezza non solo tutto ciò che v'era nella poesia ma ancora nella storia, nelle scienze e nell'arti.*

o mesmo poder da língua latina, sendo essa uma das questões que atravessa os debates acerca da *Questione*: qual das línguas faladas na península seria a mais capacitada para assumir o status de língua nacional?

Antes de finalizarmos este prefácio, gostaríamos de especificar alguns critérios que nortearam nossa tradução do texto de Speroni. A distância histórica, linguística e cultural do texto nos levou a reformular a morfossintaxe e a pontuação para tornar o texto mais legível e compreensível para o leitor brasileiro, mas também tentamos manter, em alguns momentos, a peculiar construção prosódica do autor italiano, que era evidentemente muito influenciada pela estrutura do latim, com verbo no final. Optamos, em outras palavras, por uma estratégia tradutória meio híbrida entre a domesticação e a estrangeirização, pois, ainda que o objetivo seja tornar o texto próximo do leitor contemporâneo, acreditamos ser também importante a percepção das peculiaridades formais do texto original. No que diz respeito a nomes de personagens e lugares da Antiguidade e da Itália renascentista citados por Speroni, quando foram encontrados equivalentes em português foram traduzidos, quando isso não ocorreu foram mantidos na sua forma em italiano, com nota de rodapé explicativa quando acreditamos necessário. Para fins didáticos, também colocamos notas de rodapé para fornecer mais informações sobre autores, personagens e termos pouco comuns. Esperamos com isso ter oferecido ao público de pesquisadores, estudantes e leitores brasileiros um texto fundamental para o entendimento de uma questão tão central na constituição da língua e da cultura italianas.

Ana Luiza Leite Bado (UFSC)

Sergio Romanelli (UFSC/CNPq)



Referências bibliográficas

BASTIANETTO, Patrizia. Introdução. In: ROMANELLI, Sergio. **Antologia Bilíngue. Clássicos da Língua Italiana**. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2012, p. 96-101.

FURLAN, Mauri (org.) **Antologia Bilíngue. Clássicos da Teoria da Tradução**. Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006.

ROMANELLI, Sergio (org.). **Antologia Bilíngue. Clássicos da Língua Italiana**. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2012.

SOZZI, Bortolo Tommaso (a cura di). Niccolò Machiavelli. **Discorso, O Dialogo Intorno alla Nostra Lingua**. Edizione Critica. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, 1976.

SPERONI, Sperone. **Dialogo della Rettorica**. A cura di Pozzi Mario. Roma: Vecchiarelli Editore, 1978.

TESI, Riccardo. **Storia dell'Italiano. La formazione della lingua comune dalle fasi iniziali al Rinascimento**. Bologna: Zanichelli, 2007

Francesco Cammarosano⁸



8 [N. d T.] A tradução que apresentamos aqui é uma versão adaptada e reduzida da obra original italiana de Cammarosano Francesco. *A vida e as obras de Sperone Speroni*. Disponível em: <http://archive.org/stream/lavitaeleoperedi00cammuoft#page/n5/mode/2up>

A vida e as obras de Sperone Speroni

Mario Menghini, no prefácio do seu estudo biográfico e crítico sobre G. B. Marino,⁹ observa que

[...] da nossa literatura são estudados, e se estudam ainda com amor as origens, depois as monografias, e os estudos críticos são agrupados em torno a quatro ou cinco das melhores glórias italianas: Dante, Boccaccio, Petrarca, Ariosto e, talvez, Tasso, mas, acerca das menores, uma das quais ilustraria merecedoramente uma literatura que não fosse a italiana, a qual produziu uma quantidade tão grande, pouco se fez para que sejam colocadas sobre o pedestal em que merecem estar.

Um dos escritores injustamente esquecido é Sperone Speroni. Os seus contemporâneos, contudo – letrados, príncipes, cidadãos comuns – se esforçaram para lhe tributar as mais altas demonstrações de estima; e, na dedicatória colocada no monumento erguido a ele, em Pádua, por decreto do conselho da cidade, no salão do Palácio Municipal, o vemos comparado a Aristóteles e a Cícero.¹⁰

Sperone Speroni ocupou importantes cargos públicos na sua cidade, e, muitas vezes, cargos honráveis lhe foram confiados: da *Accademia degli'Inflammati*, erguida em Pádua em 1540, foi Príncipe, e Ilustre na *Accademia delle Notti Vaticane*, em Roma, na qual assumiu o nome de Nestore, “[...] porque não era diferente,

9 *La Vita e le opere* di G. B. Marino, Roma 1888.

10 Ω L NOEEIN KIKERΩNITE EIPEIN Sperono Sperono. Sapientissimo Eloquentissimo. Optimo et viro et civi. Virtutem meritaque acta vita. Eloquentiam sapientiam declarant scripta. Publico decreto urbis quattuor viri posuere. Anno a Cristo nato MDXCIV. Ab urbe Condita MDCCXII.

no pensamento de quem assim o chamava, e pela idade e pela eloquência do grande Nestor antigo”. A correspondência epistolar com Guidobaldo II, Duque de Urbino, mostra como ele era tido pelo Duque. Gregorio XIII, seu colega na *Accademia delle Notti Vaticane*, o Duque de Sora, seu sobrinho, demonstravam a ele especial benevolência. E, sobre o Duque de Parma, escreveu de Roma, em abril de 1525, para a filha Giulia em Pádua:

O Duque de Parma, que foi genro do imperador Carlos, e é cunhado do rei Felipe, e irmão do Cardeal Farnese, o tio do novo Duque de Urbino, quarta-feira passada, com alguns homens gentis.... veio em minha casa, às vinte horas, e permaneceram até às vinte e três, e conversamos sobre várias coisas a ele condizentes.

Quanto a Francesco dei Medici e à Grande Duquesa, uma carta dirigida a Speroni, de Giacomo Maria Cornaro, da corte de Florença, nos diz quais eram os sentimentos deles a seu respeito. Bernardo Tasso – que não se saberia dizer se mais o amasse ou o estimasse – escrevia que ele reconhecia e reconheceria certamente o louvor que todas as pessoas lhe tributavam. O filho de Torquato quis que ele fosse um dos revisores da *Gerusalemme*; e, muitos outros – entre os notáveis do campo literário – solicitaram suas sugestões e julgamentos.

Propomo-nos, neste modesto ensaio, expor brevemente a vida e estudar as obras desse homem. Os seus contemporâneos disseram que ele “[...] *virtutem meritaque acta vita – eloquentiam sapientiam declarant scripta*.”; o leitor que tiver a paciência de nos seguir julgará até que ponto a asserção corresponde à verdade.

Sperone Speroni degli Alvarotti nasceu em Pádua, em 12 de abril de 1500, de Bernardino de Bartolomeo di Francesco e de Lucia Contarini. Estudou com Pomponazzi, em Pádua, e, com 19 anos, já era doutor em filosofia. Foram seus mestres, além

do pai, Niccoló Genoa, Francesco Noale, Lodovico Carensio, Taddeo Mussato e Antonio da Carrara.

O ateneu de Pádua vivia, naquela época, seu máximo esplendor, e o jovem Sperone, recém-formado, foi chamado para lecionar lógica. Em 1523, lhe foi conferida outra cátedra, a de filosofia, muito mais remunerativa e prestigiosa. Speroni recusou e se transferiu para Bolonha, para estudar com o Peretto, e permaneceu lá até 1525, quando voltou para seu antigo cargo, em Pádua, o qual manteve durante três anos; nessa cidade, foi amigo dos mais conceituados intelectuais da época, dentre os quais: Bernardo Tasso, Pietro Aretino, Cappello, Broccardo, Bernardo Navagero, Giovan Francesco Valerio, Pietro Bembo, Gasparo Contarini, Varchi, Alemanni, etc. Neste período começa a esboçar os *Dialogi dell'Amore*; era dessa forma que ocupava seu tempo e não, como ele próprio afirma, “[...] in feste e balli [...] carte e dadi como l'altra turba infelice.”¹¹ (SPERONI, S. *Opere*. Venezia: Occhi, 1740, t. I, p. 272).

Em 1528, morre o pai e, para Speroni, começa um longo período de problemas e brigas que lhe renderam a caridade de toda sua família. Sperone teve que assumir as rédeas da família por causa da incapacidade do irmão maior, Bartolomeo, e pela menor idade do outro irmão, Giulio. No ano seguinte, estará frequentemente em Bolonha, onde tinha ido assistir a coroação de Carlos V, e onde frequentará o círculo de letrados que lá se reunia para falar de filosofia na casa de Gasparo Contarini. Dessas discussões se originam os seus mais importantes diálogos, a saber: o *Dialogo della lingua, Della vita attiva e contemplativa e Della Rettorica*.

Quando voltou a Pádua, por insistência de seus familiares, casou-se com Orsolina, filha de Giulio da Stra e de Cristina Burletta, de família abastada. O casamento não foi nunca sereno,

11 [N. d. T.] Todas as traduções de outras línguas são de nossa autoria. “[...] em festas ou danças, ou jogando baralho ou dados como a outra gente infeliz”.

tanto que as relações entre os dois foram ásperas desde o início, e Speroni nunca menciona em cartas a esposa; nem quando ela morre comenta sobre sua morte. Bem mais próxima era a relação de Speroni com as filhas, Angélica, a primeira, de uma relação anterior ao casamento, e Lucietta, Diamante e Giulia, tidas com a mulher Orsolina. Estes são os poucos dados acerca de sua vida íntima que se podem encontrar nas cartas de Speroni a amigos e intelectuais da época.

Voltando à vida pública e à sua relação com a cidade de Pádua, podemos dizer que sua participação na administração da cidade foi muito forte. Essa atividade pública se estende de 1532 a 1548, desde sua eleição a membro do Conselho. Apesar de terminar oficialmente sua vida política em 1548, documentos atestam eventuais missões em que ele participa até o ano de 1573.

O Conselho Municipal, guiado por um capitão (ou *podestà*) nomeado por Veneza, governava Pádua e elegia os 32 vereadores, 16 entre eles eram chamados de *Magistrato dei sedici* e, dentre eles, em 1533, aparece Sperone Speroni; ocupou esse cargo até 1548, e isso testemunha sua relevância na vida pública da cidade. Nesse âmbito público, muitas vezes pôde mostrar suas habilidades e, sobretudo, sua eloquência, que muito era admirada.

Em janeiro de 1534, foi um dos quatro vereadores que foram em missão a Veneza; em 1536 leu, na praça dei Signori, em Pádua, a oração para a partida do capitão Iacopo Cornaro; em 1559, foi eleito censor e até 1548 teve muitos cargos importantes na administração da cidade. Foi também autor da expulsão dos hebreus da cidade, em 1547. Essa luta dele contra os hebreus foi sempre muito ativa desde janeiro de 1543 até 1547, quando vai a Veneza para esse motivo específico.

Passando mais propriamente à sua formação cultural, cabe dizer que ele tinha uma cultura muito ampla e era muito metódico e sério em seus estudos. Com muito afincio conseguiu dominar várias áreas do saber. A análise de seus manuscritos revelou o estudo muito aprofundado dos clássicos gregos e latinos, dos

textos bíblicos e da patrística, sem descuidar da cultura jurídica, que lhe serviu para atuar nos tribunais em causas públicas e particulares. Dedicou-se também ao estudo da medicina e da astrologia. Seguindo, porém, os ensinamentos de seu mestre Pomponazzi, Speroni se entregou ao estudo da eloquência e da palavra. Debruçou-se no estudo da eloquência de Petrarca e do *Decameron* de Boccaccio e, em decorrência desse estudo minucioso dos dois grandes autores do século XIV, escreveu uma gramática em coautoria com Gabriele Trifone, além de uma coletânea de expressões idiomáticas e de um vocabulário.

As outras obras de sua autoria são: o *Dialogo dell'Amore*, que começou a escrever quando ainda morava em Pádua; o *Dialogo della cura della famiglia*, dedicado à sua criada Cornelia Cornaro; *Panico e Bichi*; os dois diálogos *Della dignità delle donne* e *Del Cataio*, este último em homenagem à marquesa Beatrice degli Obizi; o *Dialogo delle Lingue*; *Dialogo dell'usura*; *Dialogo della Discordia*; *Dialogo della Rettorica* e *Dialogo della vita attiva e contemplativa* e a carta que ele chamou de *Dialogo del tempo del partorir delle donne*. Escreveu também, em diversas ocasiões, sonetos e canções e, em 1542, quis escrever até uma tragédia sobre os irmãos Canace e Macareo.

No *Dialogo della Rettorica*, Speroni se questiona acerca da aplicabilidade da arte oratória latina às outras línguas e, sobretudo, à língua toscana. Na primeira parte do diálogo, Brocardo, que é o interlocutor principal, demonstra como, dos três meios que o orador dispõe para persuadir os ouvintes, o mais eficaz é o diletto, e que, das três causas, a mais nobre é a demonstrativa e, dos estilos, o melhor é o *médio*. Na segunda parte do diálogo, o próprio Brocardo, mediante o relato de seus estudos, expõe os preceitos graças aos quais se pode construir bem a oração em vulgar. Esse relato não é nada mais que a celebração do magistério artístico de Petrarca e Boccaccio. E este é o verdadeiro resultado e o maior sucesso do *Diálogo*.

Os tratados literários, que abundaram no século XVI, foram, na verdade, em sua maioria, uma derivação das ideias contidas na *Poética* e na *Retórica* de Aristóteles. Grande opositor da retórica aristotélica foi Francesco Patrizi (1527-1597), para o qual os preceitos de Aristóteles não eram nem verdadeiros, nem apropriados e nem suficientes para constituir uma arte científica da poesia. Mas foi Speroni quem melhor reelaborou o aristotelismo, sem a veia polêmica do Patrizi, mas com muito mais consciência da sua imperfeição e da sua inaplicabilidade à literatura vulgar. Speroni enxergou o princípio do qual deveria se originar a autonomia da doutrina da expressão da velha disciplina e a necessidade da fusão entre poética e retórica.

Como mencionado, os interlocutores do *Diálogo* são Soranzo, Brocardo e Valério; o diálogo está incompleto, pois, Marsilio dei Papafavi, que estava hospedado na casa do seu sogro Speroni, rasgou casualmente algumas folhas, e Speroni, enfurecido com o ocorrido, rasgou os outros e não quis mais terminar o projeto que tinha planejado.

No *Diálogo*, Valério lembra a Soranzo que, na noite anterior, prometeram ir à casa do embaixador Contarini, onde se encontram o cardeal D. Ercole com Priuli e com Navagero, os quais estão discutindo acerca da imortalidade da alma. Mas Brocardo afirma que aquelas discussões pouco condizem com seus estudos e que muito mais interessante seria conversar sobre a arte retórica, e lança o primeiro questionamento: já que o orador tem como finalidade persuadir o ouvinte, qual destes três modos mais é apropriado à persuasão e lhe garante mais fama: deleitar, ensinar ou comover? Segundo a sua definição, a retórica é a arte de harmonizar bem entre si as palavras com as quais nós humanos expressamos nossos sentimentos; e ela, por isso, tem como objetivo não a verdade, mas e verossimilhança; por isso, ensinar não é algo que cabe ao orador. O que lhe cabe é comover deleitando, e, como ele consegue ou deveria conseguir isso, é tema da discussão. O deleite do qual eles falam, porém,

é o deleite que consegue acalmar as paixões. Brocardo lembra novamente que objetivo da retórica não é passar a verdade, mas formar uma opinião e que ela está entre as artes prazerosas, ou seja, aquelas que têm a capacidade de deleitar o espírito, assim como a poesia. O cerne dessa retórica é a oração e, mais ainda, a palavra e o que eles definem como número, ou seja, sua maneira de concordar e de se relacionar entre elas. A partir desse momento, discutem sobre o corpo da eloquência, que seria composto por cinco membros, mas terceiro e principal seria a elocução, coração e alma da oração. A seguir, discutem sobre a causa demonstrativa que mais condiz com a eloquência, e do estilo médio, que é o mais apropriado. Depois, Brocardo relata todo seu estudo sobre Petrarca e Boccaccio e sobre a gramática e vocabulário vulgar que, a partir disso, ele elaborou. Em seguida, raciocina sobre o número da língua vulgar, tão diferente do sistema quantitativo da divisão em sílabas do latim, e discute também acerca da importância do acento na língua vulgar. Após ter tratado da rima e da natureza do hendecassílabo, passa à abordagem da prosa, que também se sustenta no número. Para exemplificar sua descrição, usa a prosa do *Decameron*, de Boccaccio. A detalhada exposição de Brocardo acaba com uma comparação entre a técnica própria à arte oratória e à da poética. O *Diálogo* termina com a exortação de Brocardo a Valério para que ele continue o estudo da eloquência, pois, segundo ele, sua missão é se tornar um orador.

Trabalza destaca a eficácia do Speroni que, diminuindo sem rejeitar a retórica antiga e exaltando a arte oratória, como aparece nos textos dos dois mestres do século XIV (Petrarca e Boccaccio), renovava as teorias literárias e também críticas; o estudioso encontra confirmação desse importante papel renovador do Speroni nas numerosas reedições que o *Diálogo della Rettorica* teve.

Há outro importante elogio ao texto do Speroni por parte de Symonds, no quarto capítulo do seu livro *Renaissance in Italy*. O que mais ele considera admirável em Speroni, apesar do tom pedante de seu discurso, é a concepção da arte pela arte, a devoção à forma em si, o esforço para lutar contra os problemas do estilo, a sua sincera busca da perfeição.



Sperone Speroni



Dialogo Della Rettorica

(1) Valerio (2) Brocardo (3) Soranzo

Val. ORA mentre che noi ridiamo e giuochiamo o Brocardo, il Cardinale Don Ercole col Priuli e col Navagero, in casa l'ambasciador Contarini, deono essere a quistione, disputando fra loro della nostra immortalità: e quivi forse n'aspettano, e duole loro il nostro tardare. Perchè a me pare che senza indugio niuno noi andiamo a trovarli. la qual cosa jeri da sera in sul partirsi da loro ragionavamo di dover fare; e questo, se non per altro, sì almeno perché il Soranzo, studiosissimo giovane e non bene uso di soler perder le sue giornate, del suo esser con noi coglier possa alcun frutto, non pur ozio e sollazzo.

Broc. Io ho opinione, che l'esser presente a' loro dotti ragionamenti sarebbe indarno per noi: con ciò sia che alli nostri studii mal si confaccia la quistion disputata. perchè più tosto consigliarei che fra noi, cosa parlando che ci convegna, si compartisse questa giornata: e sia la cosa, quale il Soranzo la eleggerà; al cui servizio il primo dì che io 'l conobbi, di tutto cuore m'offersi, ed offero oggi e tuttavia.

Val. Dite adunque o Soranzo, ciò che vi pare che noi facciamo, che'l parer vostro da ambidue noi volentieri si seguirà.

Diálogo acerca da Retórica¹²

(1) Valério (2) Brocardo (3) Soranzo

Valério: Ó Brocardo,¹³ agora enquanto aqui nós rimos e brincamos, na casa do embaixador Contarini,¹⁴ o Cardeal Don Ercole,¹⁵ com Priuli¹⁶ e com Navagero,¹⁷ devem estar discutindo entre si acerca da nossa imortalidade: e lá talvez nos esperam e não lhes agrada o nosso atraso, por isso me parece que devemos sem hesitações encontrá-los, pois ontem à noite, na hora de despedirmos, era o que tínhamos combinado; e isso porque, ao estar conosco, Soranzo, um jovem muito estudioso, que não costuma perder seu tempo, venha a colher algum fruto, e não somente ócio e diversão.

Brocardo: Eu sou da opinião de que seria pouco interessante para nós estarmos presentes nessas suas doutas discussões, pois acontece que a questão por eles discutida não é condizente com os nossos estudos, mas, ao contrário, eu aconselharia que hoje aqui discutíssemos algo para nós mais valioso, e que seja um assunto escolhido por Soranzo, pois eu, desde o primeiro dia que o conheci, com todo meu coração, me coloquei a sua disposição e continuo a servi-lo ainda hoje.

Valério: Ó Soranzo, diga-nos então o que deseja que façamos, pois ambos seguiremos de boa vontade o seu desejo.

12 [N. d. T.] Fonte usada para a tradução SPERONI, Sperone. *Dialogo della Rettorica*. A cura di Pozzi Mario. Roma: Vecchiarelli Editore, 1978.

13 Filho de Marino, professor em Pádua de lógica, filosofia e medicina, em Pádua.

14 Gasparo Contarini foi um grande nome da República veneziana, do consistório e da filosofia, foi eleito cardeal por Paulo III. Era embaixador em Bolonha quando da coroação de Carlos V.

15 Cardeal Don Ercole Gonzaga.

16 Luigi Priuli, um nobre e letrado veneziano da época.

17 De Andrea Navagero era filho de Bernardo, grande cidadão, cardeal e letrado.

Sor. Forse accettando le vostre offerre sarò tenuto presontoso: ma a mio danno non lo farò. Qui staremo, se egli vi piace, ed a' filosofi lo specular rimettendo, della vita civile, nostra umana professione, alquanto degnarete di favellarmi. Chiamo vita civile non solamente la bontà de' costumi col moralmente operare, ma il parlar bene a beneficio dell'avere, delle persone, e dell'onore de' mortali: la qual cosa per avventura è virtù non men bella in se stessa o men giovevole all'umanità, della prudenzia e della giustizia; ma in maniera difficile da potere essere appresa ed esercitata da noi, che nulla più. Io veramente quanto ho di tempo e d'ingegno, volentieri tutto dono allo studio della eloquenzia; il che faccio parte leggendo parte scrivendo, e quei precetti adempiendo, che Cicerone e Quintiliano con molta cura studiarono d'insegnare: con tutto ciò io non ne so nulla; nè so se io spero saperne, scriva e legga quanto io mi voglia. e ciò è perciò che a me pare, che i precetti dell'arte loro sono infiniti; e spesse volte, o che io m'inganno, l'uno all'altro si contradice: onde io giudico, Cicerone essere stato oratore molto migliore che retore; siccome quello che meglio parla, che non ci insegna a parlare. Oltra di questo io sono in dubbio, se l'arte oratoria della lingua Latina si convegna con l'altre lingue, specialmente con la Toscana che noi usiamo oggidì: nella quale io ho opinione che a dilettae alcun maninconico, imitando il Boccaccio, qualche novella si possa scrivere senza più; cosa veramente diversa dalle tre guise di cause, le quali da' Latini scrittori sola e generale materia della loro arte rettorica si nominarono. Da questi adunque e da altri tai dubbii, che di continuo mi s'aggirano nello 'ntelletto, infin ora non ho trovato chi mi sviluppi: che di molti che io n'ho pregati più volte, a tale manca il sapere, a tale il modo dell'insegnare. voi assai ne sapete, e d'ogni cosa da voi saputa con bello e discreto ordine siete usati di ragionare. perchè ora che voi potete, io vi prego che de' precetti di cotale arte, quanto a voi pare che mi sia lecito di conoscerne, liberamente mi favellate.

Soranzo: Talvez aceitando a vossa oferta, serei considerado presunçoso, mas por precaução não o farei. Aqui estaremos, se agrada aos Senhores, nos remetendo ao especular dos filósofos, acerca da vida civil, nossa ocupação enquanto seres humanos, até quando os Senhores se dispuserem a falar comigo. Chamo de vida civil não somente os bons costumes associados à conduta moral, mas o bem dizer em benefício do ter, das pessoas e da honra dos mortais; isso, por sorte, é uma virtude não menos bela em si mesma ou menos vantajosa para a humanidade que a prudência e a justiça; mas que seja feita de forma difícil para poder ser compreendida e exercitada por nós e ninguém mais. O quanto eu tenho de tempo e de engenho, tudo dedico, de boa vontade, ao estudo da eloquência; o que eu faço ora lendo ora escrevendo, e cumprindo os preceitos que Cícero e Quintiliano, com muito cuidado, se esforçaram para ensinar. Contudo, eu não sei nada e nem sei se espero saber, escrever e ler o quanto gostaria, por isso, me parece que os preceitos da arte deles são infinitos; muitas vezes, se eu não me engano, um com o outro se contradizem. Por isso, eu julgo Cícero ter sido muito melhor orador do que retórico; pois ele é o que melhor fala e que menos nos ensina a falar. Além disso, eu estou em dúvida se a arte oratória da língua latina é condizente com as outras línguas, especialmente com a toscana que nós usamos atualmente; eu sou da opinião de que algum saudoso de Boccaccio possa se deleitar escrevendo nela alguma novela, sem problemas; sendo esse fato, na verdade, diferente dos três tipos de causas que foram nomeadas pelos escritores latinos como matéria única e geral de sua arte retórica. Essas e outras dúvidas, então, continuamente vagam no meu intelecto, e até agora não encontrei quem as esclareça: pois, dos muitos a quem eu pedi muitas vezes, a alguns falta o conhecimento, a outros o modo de ensinar. Os Senhores muito sabem disso e costumam pensar em cada coisa conhecida com uma ordem bela e discreta; porque, agora que podem, eu lhes peço livremente que me contem os preceitos de tal arte o quanto acharem que seja lícito eu conhecer.

Val. Certo egli è il vero quel che voi dite, che la retorica è buona parte di nostra vita civile, senza la quale rimane mutola ogni virtù: ma ella è cosa da ogni parte infinita, ed è difficile parimente il trovarvi così il principio come il fine quindi adiviene che Cicerone in molti suoi libri parlandone, mai non ne parla in un modo, come è adunque possibile che all'improvviso in un giorno, tale e tanta arte vi sia mostrata da noi?

Broc. Questo è cosa impossibile; nè la dimanda il Soranzo: ma al presente d'una parte di lei (e sia la parte che voi vorrete) familiarmente parlando è ben degno che 'l compiacciate.

Val. Io per me in quanto posso, pronto sono a doverli piacere: dica e chieda ciò che a lui piace, che io ne ragioni.

Sor. Mio desiderio sarebbe da principio facendomi, d'ogni sua parte insino alla fine informarmi: il che essere non potendo, ditemi almeno una cosa, cioè che sendo officio dell'oratore il persuader gli ascoltanti diletando, insegnando, e movendo; in qual modo di questi tre più convenevole all'arte sua, con maggior laude di se rechi ad effetto il suo desiderio.

Val. Molte cose in poche parole mi dimandate: onde io comprendo che più sapete della retorica, che non vi avanza impararne. La quistione è bellissima; alla quale non terminando ma disputando risponderò. voi apparecchiatevi non solamente ad udire, ma a contraddire: e così faccia il Brocardo, il cui parere nella presente materia per avventura sarà diverso dal mio.

Broc. Senza altramente pensarvi, il mio parere si è, che 'l diletto sia la virtù dell' orazione; onde ella prende la bellezza e la forza a persuader chi l'ascolta. che posto caso che l'orator, quanto è in lui, abbia virtù d'insegnare e di muovere; infiniti son gli accidenti, dalli quali impedito non può fornire il suo officio. ciò sono la bruttezza del corpo suo, la disproporzion della voce, la

Valério: Certamente, o que os Senhores dizem é verdade, que a retórica é uma boa parte da nossa vida civil, sem a qual permanece muda cada virtude: mas é algo infinito sob todos os pontos de vista, e é igualmente difícil encontrar tanto o princípio quanto o fim, então, acontece que Cícero, ao falar disso em muitos de seus livros, nunca fala da mesma maneira. Como é possível então que, de repente, em um dia, nós possamos mostrar tanta e tal arte?

Brocardo: Isso é uma coisa impossível, e nem a requer Soranzo, mas, falando familiarmente, é muito oportuno que, em parte, agora a satisfaçam (e seja a parte que desejarem).

Valério: Quanto a mim, no que eu posso, estou pronto a satisfazer seu questionamento: diga e peça o que lhe agrada, que eu tentarei argumentar.

Soranzo: Desde o princípio, meu desejo seria ficar a par de cada sua parte até o todo; como isso é impossível, diga-me ao menos uma coisa, pois, sendo o ofício do orador persuadir os ouvintes por deleite, ensinando e comovendo; qual desses três modos é mais condizente à sua arte e traz mais louvor para si e com mais efeito concretiza o seu desejo.

Valério: O senhor me pergunta muitas coisas com poucas palavras: disso eu deduzo que saiba acerca da retórica muito mais do que pretende aprender. A questão é muito interessante; a qual eu vou responder não definindo, mas abrindo a discussão. Prepare-se não somente para ouvir, mas para contradizer e, da mesma forma, faça Brocardo, cuja opinião neste assunto, por acaso, será diferente da minha.

Brocardo: Sem pensar muito, a minha opinião é que o deleite é a virtude da oração, por isso ela usa a beleza e a força para persuadir quem a escuta; e, considerando que ainda que o orador possua as competências para ensinar e persuadir, infinitas são as variáveis que dificultam a realização do seu ofício. Essas são a feiura do seu corpo, a entonação da sua voz, a má fama do



mala fama del suo cliente, la disonestà della causa, e finalmente la stanchezza degli auditori; li quali lungamente stati attenti alle parole degli avversarii, schivi sono dell'ascoltare. senza che il suo muovere altrui ad ira, a misericordia, o ad altro affetto cotale, dee esser cosa non sforzata e per conseguente noiosa, ma sommamente piacevole a quel cotale, cui egli move e sospinge. Segno veggiamo, che a' precettori dell'arte non bastando il darci a conoscere in generale in qual modo l'orator sia possente di commover li nostri affetti; distintamente quali siano i costumi de' giovani, vecchi, nobili, vili, ricchi e poveri ci dimostrano: alle nature de' quali con bella arte l'antedetto lor movimento vanno cercando d'accomodare. Dell'insegnare non parlo; che non ha il mondo la maggior pena che l'imparare mal volentieri. questo sa ognuno che si ricorda d'essere stato fanciullo; e sollo io per quel che io provo al presente mezzo vecchio, siccome io mi sono. che mai non odo il Roino, nè leggo Bartolo o Baldo (il che faccio ogni giorno per compiacere a mio padre) che io non bestemmi gli occhi, gli orecchi, l'ingegno mio, e la vita mia condannata innocentemente a dover cosa imparare, che mi sia noia il saperla. Indarno adunque d'insegnare e di mover non diletando ci fatichiamo; e diletando, senza altro, quanta è la forza del compiacere, siamo possenti di persuader gli ascoltanti, riportando la disiatà vittoria non per forza nè quasi merito di ragione, ma come grazia a noi fatta dagli ascoltanti per quel diletto, che nelle menti di quelli suol partorire la orazione ben composta e ben recitata. E veramente quello è buono oratore, il qual parlando d'alcuna cosa principalmente, non con la causa trattata, siccome fanno i filosofi, ma con l'arbirtrio, col nuto, e col piacere degli auditori tenta e procura di convenire, quegli allettando in maniera, che altrettanto di gioja rechi loro la orazione, là ove ella move ed insegna, quanto fare ne la veggiamo mentre ei l'adorna per dilettere. E questo è quanto mi par di dire nella presente materia.

seu cliente, a desonestidade da causa, e, finalmente, os ouvintes, os quais longamente estiveram atentos às palavras de seus adversários, cansados se esquivam de escutar. Para que outros não sejam tomados pela ira, pela misericórdia e por outra emoção parecida, deve ser algo espontâneo e, de consequência, não entediante, mas demasiadamente agradável para aquela pessoa a quem se dirige. Por isso, vemos que, aos preceptores da arte oratória, não basta nos mostrar de que forma o orador possua a capacidade de nos comover, pois eles nos mostram como se deve adequar, com muita arte, o movimento de sua fala aos costumes dos jovens, dos velhos, dos nobres, dos vis, dos ricos e dos pobres. Não falo sobre ensinar; que não existe no mundo pena maior que aprender de má vontade. Isso sabe cada um que se lembre da época de sua juventude assim como eu agora que estou no meio do meu caminho. Pois, eu sou uma pessoa que, todo dia, para agradar a meu pai, desgasto os meus olhos, os meus ouvidos e minha inteligência para ouvir Roino, ler Bartolo ou Baldo; desperdiçando assim inocentemente minha vida para aprender algo que me entedia. Então, sem prazer nos desgastamos em vão para ensinar e convencer e, pela força que dá o prazer de agradar, sem dúvida, nos sentimos capazes de persuadir os ouvintes alcançando a almejada vitória, não pela força nem quase pelo mérito do nosso raciocínio, mas pela graça concedida pelos ouvintes por esse prazer, pois, na mente deles, costuma assim se originar a oração bem formulada e bem recitada. E será, de fato, um bom orador aquele que, falando de alguma coisa, tente e busque convencer, não se utilizando do principal argumento do discurso, como fazem os filósofos, mas utilizando o seu arbítrio, o notório, e agradando os ouvintes de tal forma que sua oração lhes traga felicidade e, ao mesmo tempo, os convença e os ensine; fato que observamos enquanto ele adorna a oração para agradá-los. E isso é o que me parece suficiente dizer acerca desse assunto.

Val. Non pensate di così tosto ispedirvi dalla impresa già cominciata: che le ragioni, che ci adduceste, quelle meglio non distinguendo, non son bastanti di farne credere la opinione proposta. adunque egli è mestieri che in questa causa medesima argomentiate altramente: il che fatto, perché al Soranzo pienamente soddisfacciate, più vicino facendovi, con bello ordine mostrarete in che modo e per qual via procendo, cotal virtù del dilettrar gli ascoltanti possa acquistarsi l'orazione volgare: che a tale fine, se io non m'inganno, gli udimmo fare la sua dimanda.

Broc. Molte son le ragioni per le quali si può mostrar chiaramente, il perfetto oratore, diletutando più che insegnando o movendo, il suo officio adempire: le quai ragioni, studiando d'esser breve, perché a voi più tosto il dover dire venisse, deliberai di tacere. Ma se voi o Soranzo, cotanto disiderate d'intenderle, e ciò vi pare che molto bene al fatto vostro partegna, io che ne parlo per compiacervi, volentieri incominciarò, quindi il principio prendendo: che la rettorica non è altro che un gentile artificio d'acconciar bene e leggiadramente quelle parole, onde noi uomini significiamo l'un l'altro i concetti de' nostri cori. Diremo adunque che le parole nascono al mondo dalla bocca del vulgo, come i colori dall'erbe: ma il gramatico dell'orator familiare, quasi fante di dipintore, quelle acconcia e pulisce; onde il maestro della rettorica dipingendo la verità, e parli ed ori a suo modo. Che così come col pennello materiale i volti e i corpi delle persone sa dipingere il dipintore, la natura imitando, che così fatti ne generò; così la lingua dell'oratore con lo stile delle parole ora in senato, ora in giudicio, ora col vulgo parlando, ci ritragge la verità: la quale proprio obietto delle dottrine speculative, non altrove che nelle scole e tra filosofi conversando, finalmente dopo alcun tempo, a gran pena con molto studio impariamo. Ed è il vero, che così come a ben dipingere la mia effigie è assai il vedermi, senza altramente aver contezza de' miei costumi, o lungamente con esso meco domesticarsi; dipingendo l'artefice null'altra cosa di me, salvo la estrema mia superficie, nota agli occhi di ciascheduno:

Valério: Não venham pensando em desistir tão rapidamente da tarefa já começada, visto que as razões que nos trazem, se não forem melhor esclarecidas, não bastam para persuadir a opinião proposta, pois é mister que argumentem de outra forma sobre esta mesma causa, se quiserem satisfazer plenamente Soranzo, fazendo com que, usando uma bela estrutura e mostrando de que maneira e por qual caminho estão prosseguindo, se aproximem da oração em vulgar que consiga deleitar os ouvintes, pois essa era a finalidade, se não me engano, da pergunta que ele fez.

Brocardo: Muitos são os modos pelos quais se pode mostrar claramente o perfeito orador; entretanto, mais do que ensinando ou convencendo, eu resolvi omitir as razões do seu ofício procurando ser breve, para que mais rapidamente chegasse aos Senhores o que deve ser dito. Ó Soranzo, mas, se quiser entendê-las com tanto desejo, e achar que isso tenha cabimento, eu, que falo só para agradá-lo, começarei, com muito prazer, do princípio segundo o qual a retórica não é nada mais que um elegante artifício para arrumar levemente aquelas palavras que nós homens utilizamos para comunicar os conceitos de nossos corações. Diríamos, então, que as palavras vêm ao mundo da boca do povo, assim como as cores vêm das plantas; mas, o gramático, parente do orador, quase discípulo do pintor, é aquele que as prepara e as limpa para que o mestre da retórica, pintando a verdade, fale e discurse da sua maneira. Assim, como o pintor sabe retratar com o pincel os rostos e os corpos das pessoas, imitando a natureza, que assim os gerou, da mesma forma a língua do orador, com o estilo das palavras do senado, do fórum, ou do povo, nos traga a verdade, que é o próprio objetivo das doutrinas especulativas que, depois de algum tempo, e a custa de muito estudo, aprendemos nas escolas e conversando com os filósofos. E é verdade que, assim como ao artista, para pintar minha imagem, é suficiente observar-me, sem ter nenhum outro conhecimento dos meus costumes e sem ter nenhuma intimidade comigo, já que deve retratar somente a minha aparência; da mesma forma, é evidente para qualquer

similmente a bene orare in ogni materia basta il conoscere un certo non so che della verità; che di continuo ci sta innanzi, siccome cosa, la quale nei nostri animi naturalmente di saperla disiderosi fin da principio volle imprimer Domeneddio. Può bene essere e spesse volte adiviene, che la ignoranza del vulgo l'oratore ascoltando, colga in scambio cotale effigie dipinta, lei istimando la verità; non altramente per avventura, che l'idolatra plebejo le dipinture e le statue, nostre umane operazioni, faccia suo Dio, e come Dio le riverisca. Può anche essere che l'oratore ori a fine d'ingannar le persone; dando loro ad intendere che 'l suo disegno sia il vero, non del vero similitudine: nel qual caso, questo cotale non ostante il suo ingegno meraviglioso, meritarebbe che si sbandisse del mondo. e di sì fatti oratori si deono intender le parole di chi biasima la rettorica; cioè coloro che ad altro fine la esercitano, che l'industria civile non la formò; la qual cosa non pur a lei, ma a qualunque altra più onorevole ed utile arte è tra noi, facilmente intraviene. Ora al proposito ritornando, certo per le cose già dette, in qualche parte non sie difficile il giudicare la quistion cominciata. perciocchè l'insegnare, il quale è strada alla verità, propriamente parlando, non è cosa da oratore: più tosto è opra dalle dottrine speculative; le quali sono scienze non di parole ma di cose, parte divine, parte prodotte dalla natura. Resta adunque che noi veggiamo, quale officio sia più proprio dell'oratore tra 'l dialettare ed il muovere; sì veramente, che innanzi tratto un corollario inferiamo: cioè, con ciò sia cosa che 'l perfetto oratore tale sappia, qual parli, e quale insegna, tale imparasse; troppo erra chi ha opinione che 'l suo intelletto, che non sa nulla, sia uno armario d'ogni scienza. non per tanto sempremai in ogni età rari furono non pur li buoni, ma i mediocri oratori; ed a' di nostri sono rarissimi in ogni lingua: sì è cosa difficile non solamente il saper bene la verità, ma il parer di saperla. Or di questo non più; ed alla lite del diletto e del movimento consetiate che io mi rivolga. Certo, naturalmente parlando, ogni diletto si è movimento; ma in contrario, stando nei termini di questa arte, ogni oratorio

peessoa que, para bem usar a retórica, em cada âmbito, é suficiente conhecer aquela parte da verdade que naturalmente temos diante de nós, pois o Onipotente, desde o princípio, a colocou nas nossas almas para que a desejássemos. Pode muito bem ser, e, muitas vezes acontece, que o vulgo ignorante, ao escutar o orador, por ventura e equivocadamente, considere tal imagem pintada como a verdade, tanto que o idólatra plebeu toma as pinturas e as estátuas, que são feitos humanos, como se fossem Deus e como tal as venera. E é possível até que o orador use a retórica com o intuito de enganar as pessoas, levando-as a entender que seu discurso seja verdadeiro e não verossímil, neste caso, tal orador, não obstante seu maravilhoso engenho, mereceria ser exilado do mundo. A esse tipo de orador se dirigem as palavras de quem blasfema a retórica, ou seja, àqueles que a exercitam para um fim injusto. Facilmente, então, nos damos conta de que a habilidade humana não criou a retórica conforme seus princípios, mas conforme os princípios das artes mais nobres e úteis entre as nossas. A propósito, voltando às coisas já ditas, de qualquer forma não é difícil julgar a questão já começada. Pois ensinar qual é o caminho para a verdade, devidamente falando, não é papel do orador, mas propriamente obra das doutrinas especulativas as quais não são ciências das palavras, mas das coisas, em parte divinas, em parte produto da natureza. Resta-nos então observar qual é o ofício mais apropriado para o orador entre deleitar ou persuadir; tanto que, diante de um corolário, induzimos se o perfeito orador sabe também aprender da mesma forma que ele fala e ensina; está muito enganado quem acha que o seu intelecto, que não sabe nada, seja como um receptáculo de todo o saber. Todavia, desde sempre, foram raros não tanto os bons, mas os oradores médios, e atualmente são raríssimos em cada língua e é algo muito difícil não somente saber bem a verdade, mas até disfarçar que a sabem. Concluído este assunto, permitam-me agora abordar a questão da disputa entre deleite e persuasão. Certamente, falando a verdade, todo deleite é



movimento è diletto: con ciò sia cosa che 'l perfetto oratore muove altrui, non per forza e con violenza, in quel modo che noi moviamo le cose gravi all'insù o le leggiere all'ingiù; ma sempre mai muove lui conforme all'inclinazion del suo affetto: la qual cosa non può esser che non gli sia oltra modo piacevole e gioiosa molto. nè ad altro fine, siccome dianzi io diceva, da' maestri della rettorica sono distinte minutamente le disposizioni degli ascoltanti; i cui affetti col mutamento della fortuna e degli anni sono usati di variarsi: salvo acciocchè conoscendo il buono oratore ove pieghino le passioni de' petti loro, ivi col vigore delle parole studie e tenti di ritirali. E per certo se 'l movimento rettorico fosse d'altra maniera, ogni ingenua persona, come sforzata e tiranneggiata dall'oratore, mortalmente l'odiarebbe: nè posso credere che niuna repubblica, bene o male ordinata, sol che ella amasse la libertà, comportasse a' suoi cittadini l'esercitarsi in una arte, con la quale non pur gli eguali, ma i magistrati e le leggi loro, di dominar s'ingegnassero. Resta a dirvi in qual modo ci diletta tal movimento, ed onde vegna che 'l diletto che negli affetti dell'uomo partorisce l'orazione, sia movimento appellato. che tutto che cotai cose pajono alquanto più filosofice che oratorie, tuttavia egli è bello il saperle; maggiormente che alla materia, di che parliamo, grandemente son pertinenti. Ma della prima brevemente mi espedirò. Che siccome il dipintore e il poeta, due artefici all'oratore sembianti, per diletto di noi fanno versi ed imagini di diverse maniere, quali orribilli, quai piacevoli, quai dolenti, e quai liete; così il buono oratore non solamente con le facezie, con gli ornamenti, e co' numeri ad amore; ma ad ira, ad odio, e ad invidia movendo suol diletta gli ascoltanti. Io veramente mai non leggo in Virgilio la tragedia di Elisa, che io non pianga con esso seco il suo male. non per tanto considerando con che gentile artificio ci dipingesse il poeta l'amor suo e la morte sua; così vinto, come io mi trovo, dalla pietà, non posso altro che sommamente alleggerarmi: la qual cosa non dee parer meraviglia a chi per troppa allegrezza alcuna volta fu costretto di lagrimare.

persuasivo em si, mas, ao contrário, estando aos princípios desta arte, todo discurso oratório é um deleite; disso decorre o fato de que o perfeito orador, fato que o agrada e o satisfaz, convence os outros, não com força e com violência, assim como deslocamos os objetos pesados para cima e os leves para baixo, mas sempre conforme o grau de sua sensibilidade. Para este fim, como eu disse anteriormente, os mestres da retórica discriminam o tipo de público cuja sensibilidade costuma mudar, conforme mudam as condições favoráveis com o passar dos anos. Por essa razão, o bom orador, ao descobrir onde se refugiam as paixões em seu espírito, com a força de suas palavras as estuda e tenta arrancá-las. E, certamente, se a persuasão da retórica fosse de outra forma, todo ingênuo, quase forçado e dominado pelo orador, o odiaria mortalmente; também não posso crer que nenhuma república, bem ou mal governada, que ama a liberdade, possa conceder aos seus cidadãos que se exercitem em uma arte com a qual se ensina a dominar não somente os semelhantes, mas também os magistrados e suas leis. Resta dizer-lhes de que forma a persuasão nos dê prazer, e de onde nasce aquele deleite que a oração suscita nos sentimentos dos homens. Todas as coisas que parecem mais filosóficas que oratórias são muito eficazes para persuadir, por isso é importante sabê-las, sobretudo quando dizem respeito ao assunto do qual estamos falando.

Mas agora me ocuparei da retórica. Assim como o pintor e o poeta, dois artistas semelhantes ao orador, que, para nos deleitar, produzem imagens e versos de diferentes maneiras, às vezes horríveis, às vezes agradáveis, às vezes dolorosas, outras prazerosas, da mesma forma o bom orador costuma deleitar os seus ouvintes não somente com as banalidades, com os ornamentos, e com referências ao amor, mas também à ira, ao ódio e à inveja. Eu, na verdade, não consigo ler a tragédia de Elisa, contada por Virgílio, sem compadecer do seu sofrimento, se eu considerar o bom artifício com o qual o poeta nos descreve o amor e a morte dela; dessa forma, tão envolto pela piedade, somente posso me

E' il vero, che una tal lezione è possente di più e meno commovermi, secondo che e più e meno son disposto a compassione: ma in ogni guisa più mi è a grado il lagrimar con Virgilio, che non è il rider con Marziale. Ma tornando all'orazione, a me pare, che in quel modo che l' trafitto dalla taranta, udendo il suono conveniente al suo morso, si leva suso e salta tanto, fin che l'umor perturbato si risolve in sudore, e quasi mare senza onda queto stassi nel loco suo; similmente dalle parole di uno oratore eccellente mosso ad ira alcuno uomo iracondo, non senza molto piacere sfoga il caldo, che la complession naturale o altro stranio accidente gli tiene acceso nell'animo: il qual piacere, perciocchè nasce da cosa per se medesima dispiacevole e noiosa molto, che non diletta se non per quella conformità, che è tra lei e l'affetto dell'ascoltante (la qual cosa mosse Filostrato, essendo re della sua giornata, a comandare a' compagni che di coloro, i cui amori miseramente finirono, si ragionasse) però è ben fatto, che propriamente parlando, tal piacere, non diletto, ma movimento sia nominato. la cui natura odiosa, acciocchè a lungo andare non ci si faccia sentire, ed altrettanto per se ci annoje, quanto dianzi nel conformarsi all'affetto ne diletta; con ciò sia cosa che corta sia la concordia delle cose non buone; però volsero i retori, che l'oratore brevemente ed in poche parole se ne dovesse espedire. E nel vero il diletto del movimento è come un riso nato in noi non di vera allegrezza, ma di solletico; il quale continuato da noi, finalmente in doglia e spasimo si converte. Ma le facezie, i motti, le sentezie, le figure, i colori, la elezione, il numero e il sito delle parole, lo uscir fuori della materia, ed alquanto a guisa d'uomo di sollazzo disideroso per lo giardino dell'altre cose vicine gir vagando con lo 'ntelletto, sono cose tutte quante per lor natura sommamente piacevoli: nelle quali di continuo non altramente suol compiacersi la nostra mente, che degli odori, de' suoni, e de' colori materiali si diletta i sentimenti del corpo.

alegrar; isso não deve surpreender a quem já alguma vez chorou de alegria. É fato também que a história consegue me comover, ou não, conforme a minha maior ou menor disposição à comoção, mas, de qualquer forma, me agrada mais chorar com as obras de Virgílio do que rir com as obras de Marciano.¹⁸ Mas, voltando à oratória, me parece que, assim como a pessoa que é mordida pela tarântula, ao sentir na pele sua picada, subitamente levanta e pula incessantemente até quando a sua perturbação causa sudorese e como um mar sem ondas acaba quieto no seu lugar; assim como as palavras de um excelente orador despertam a ira de algum homem iracundo, da mesma forma lhe acalmam prazerosamente o calor que a conformação natural ou algum outro acidente estranho mantém aceso na sua alma. Essa sensação, apesar de nascer de coisa em si desagradável e muito incômoda, que somente dá prazer por causa da sua natureza, está entre ela e o afeto do ouvinte (coisa que impulsionou Filóstrato,¹⁹ sendo o rei da sua jornada, a influenciar seus companheiros que falassem daqueles que perderam seus amores miseravelmente); como é bem sabido, propriamente falando, tal prazer não seja chamado de alegria, mas de persuasão. Para que sua natureza odiosa, em longo prazo não nos prejudique, ou por outro lado não nos entedie, tanto quanto anteriormente por sua natureza nos dava prazer; que sejam então breves as coisas ruins. Quiseram então os retóricos que o orador brevemente e em poucas palavras falasse sobre elas. E, na verdade, o prazer do convencimento é como um riso que nasce em nós não de alegria, mas de cócegas, as quais se continuarmos a fazer se convertem em espasmo e agonia. Mas, os gracejos, os ditados, as sentenças, as figuras, as cores, a eleição, o número e o lugar das palavras, o escapar do assunto, e também o homem que desejoso de diversão divaga com o seu intelecto pelos jardins do vizinho, são coisas muito agradáveis por natureza, nas quais continua e certamente a nossa

18 [N. d T.] Escritor latino de Cartago (início v sec. d. C.).

19 [N. d T.] Um dos narradores do *Decameron* de Boccaccio.

Valerio: Fermatevi un poco o Brocardo, mentre ancora, benchè da lunge, noi scorgiamo l'entrata del cominciato ragionamento: ed innanzi che la dolcezza del diletto e del movimento trattato vi trasporte più oltra, non vi sia grave d'udire ciò che a me pare di poter dire con verità degli affetti e de' movimenti di quelli. perciocché io ho per fermo, chè l'oratore principalmente abbia cura non di commovere ma d'acquetar le procelle, che nelle parti più basse de' nostri animi, l'ira, l'odio, e la invidia, venti contrarii al sereno della ragione, sono usati di concitare: e ciò può far l'oratore non solamente nel fine, ma nel principio del suo sermone; imitando la orazione che fe Cesare nel senato a favore de' congiurati prigionieri. E' il vero quello istesso oratore, che ha virtù di rasserenare, può turbare li sentimenti: ma chi ciò face, o è persona cattiva, che male adopra la sua scienza, quasi medico che avvelena gli infermi; o è di farlo costretto, sendo cosa impossibile il torre altrui subitamente dallo estremo dell'odio e nel mezzo della ragione riporlo, senza alquanto fargli sentire dell'altro estremo contrario. La qual cosa avvegna dio che vera sia, non per tanto, volgarmente parlando, siamo usati di dire esser proprio dell'oratore commover gli affetti: secondo il qual modo di favellare fece il Soranzo la sua dimanda. perciocché il movimento è a' volgari più noto, e pare opra di maggior forza che la quiete non è: senza che la maggior parte degli oratori orano a fine non d'acquetare, ma di commovere gli ascoltanti. Io veramente per una terza ragione ho opinione che all'oratore più partegna il commovere, che l'acquetare; con ciò sia cosa che l'arte sua non solamente turbando, il che è noto per se medesimo, ma componendo gli affetti, quelli muova e sospinga. che grandissima violenza dee esser quella dell'oratore ne' nostri animi, qualora a ben fare ne persuade; cosa oprando con le parole in una ora, che in molti anni virtuosamente vivendo a gran pena suole acquistarsi il filosofo. Or vedete oggimai, se la rettorica è arte conveniente alla civiltà della vita ed alla pubblica libertà;

mente se alegra, pois dos odores, dos sons e das cores materiais se alegram os sentimentos do corpo.

Valério: Ó Brocardo, acalme-se um pouco mesmo que tenhamos desviado da questão iniciada; antes que o Senhor se deixe levar pelo grande prazer e envolvimento da discussão, não se incomode de ouvir o que posso afirmar com a verdade dos pensamentos e da sua persuasão, que são meus pilares, que o orador tenha principalmente cuidado de não instigar, mas de acalmar as tempestades, pois, nas partes inferiores das nossas almas, a ira, o ódio, a inveja, ventos contrários à calmaria da razão, são usados para provocar. E é isso que o orador pode fazer não somente no fim, mas no início do seu discurso, imitando o de Cesar ao defender os conspiradores condenados. É verdade que aquele mesmo orador que tenha a capacidade de tranquilizar, pode inquietar os sentimentos. Mas quem faz isso, ou é uma pessoa má, que usa de má fé a sua ciência, como um médico que envenena os doentes; ou é obrigado, sendo impossível deslocar alguém subitamente do ódio, que é uma das extremidades, para o centro da razão, sem que ele passe pela extremidade contrária. Ainda que isso seja verdade, não por isso, vulgarmente falando, costumamos dizer que seja usual ao orador comover os pensamentos; modo este que usou Soranzo para elaborar a sua pergunta. Como é mais comum persuadir em vulgar, isso parece muito mais obra de uma força maior do que da calma; pois a maior parte dos oradores não fala com o objetivo de acalmar, mas de convencer os ouvintes. Eu, na verdade, considero, por uma terceira razão, que ao orador pertença mais convencer do que acalmar; e, portanto, pertence à sua arte não somente perturbar, o que é óbvio, mas, ao compor os pensamentos, convencer e conduzir, pois o orador deve produzir um grande choque em nossas almas, caso queira realmente nos persuadir. O que consegue fazer em uma hora com suas palavras, ao contrário do filósofo, que somente adquire essa arte vivendo por muitos anos virtuosamente. Ainda considerem se a retórica é arte conveniente à civilidade da vida e à liberdade

e se il commover gli affetti è operazione più o meno all'oratore onorevole dell'insegnare e del dilettere.

Broc. Certo se il movimento oratorio fosse tale e sì fatto, quale dianzi il discrivevate, male fece l'Ariopago a divietarlo agli Ateniesi. ma io non vedo che egli sia tale; considerando che l'oratore nel trattar degli affetti, ponga mente più tosto alla età e alla fortuna che ci perturba, che alla ragione, cui sola tocca di temperarne. Ma posto caso che così sia, come voi dite; io ho per fermo, che così come per le ragioni già dette concludemmo, che la dottrina dall'oratore agli ascoltanti insegnata non è scienza di verità, ma opinione e di vero similtudine; similmente la quiete de' sentimenti, che negli animi umani suol generar la orazione, non è virtù, ma dipintura della virtù: con ciò sia cosa che la virtù è un buono abito di costumi, il quale non con parole in instante, ma con pensieri e con opre a lungo andare ci guadagniamo. Ma acciocchè non creggiate che la buona arte rettorica di tutte l'arti reina, sia una certa buffoneria da far ridere (benchè egli v'abbia di quelli, che alla cucina l'assimigliarono) voi dovete sapere, che del numero delle arti altre sono piacevoli, ed altre utili. quelle sono le utili, le quali comunemente nominiamo meccanice: delle piacevoli parte ha virtù di diletter l'animo, parte il corpo delle persone; o parlando più chiaramente, parte il senso, parte la mente suol dilettere. La dipintura e la musica gli occhi e gli orecchi, gli unguentarii il naso, il cuoco il gusto, e la stufa con la temperanza del caldo suo tutto 'l corpo con magisterio piacevole sono usati di confortare. ma le arti, che l'intelletto dilettono quanto al proposito si conviene, sono due; cioè rettorica e poesia: le quali avvegnadio che altramente, che per gli orecchi passando, non pervengono all'intelletto; nondimeno perciò sono da esser dette intellettuali, che

pública; e se influenciar os pensamentos é, para o orador, mais honroso que ensinar e deleitar.

Brocardo: Certamente, se a persuasão da retórica fosse tal qual foi descrita há pouco, mal fez o Areópago²⁰ quando a vetou aos Atenenses; mas eu não vejo como tal; considerando que o orador, ao tratar dos sentimentos, ponha em mente mais a idade e a fortuna que nos perturbam do que a razão à qual cabe amenizá-los. Mas, supondo que assim seja, como o Senhor diz, é minha opinião que, assim como definimos pelos motivos já mencionados, a doutrina ensinada aos ouvintes pelo orador não é ciência da verdade, mas da verossimilhança; igualmente, a calma dos sentimentos, que a oração costuma gerar nas almas humanas, não é virtude, mas uma réplica dela. Isso significa que a virtude é um bom hábito, o qual não adquirimos com palavras imediatamente, mas com pensamentos e ações ao longo do tempo. Mas, para que não acreditem que a boa arte retórica que reina sobre todas as artes não seja apenas uma palhaçada que desperte o riso (embora existam aqueles que a aproximem da arte de cozinhar); o Senhor deve saber que, no que diz respeito às artes, algumas são agradáveis e outras são úteis: as úteis são aquelas que comumente chamamos de práticas; as agradáveis, por um lado têm que agradar o ânimo e, por outro, o corpo das pessoas; ou, em outras palavras, uma parte agrada aos sentidos, outra parte à mente. A pintura e a música, com muita habilidade, costumam revigorar os olhos e os ouvidos; o perfumista estimula o olfato; o cozinheiro o gosto, e a estufa, com a temperatura e com todo o seu calor, o corpo. Usadas para revigorar, as artes do intelecto, no que se convém, são duas: a retórica e a poesia; ainda que, ao passar pelos ouvidos não atinjam o intelecto, nem

20 [N. d T.] O areópago constituía-se de um conselho de membros da aristocracia ateniense, cujas atribuições, enquanto instância dos diferentes tipos de governo pelos quais Atenas passou, sofreram alterações ao longo do tempo. Entre seus membros, invariavelmente, eram escolhidos alguns que receberiam o título de arconte (uma espécie de rei ou *governante*), cada um responsável por um aspecto diferente do governo de Atenas.

elle sono arti delle parole, instrumenti dell'intelletto; con li quali
 significhiamo l'un l'altro ciò che intende la nostra mente. Certo
 delle voci e de' suoni è la musica, con la quale annoverando i gravi
 e gli acuti, quegli in maniera tempriamo, che diversi, siccome sono,
 si congiugono insieme a generar l'armonia; che non pur noi, ma
 molti bruti animali muove e diletta mirabilmente. ma la rettorica
 e la poesia sono artificii delle voci degli uomini, non come gravi
 ed acute, ma propriamente come parole; cioè in quanto elle son
 segni dell'intelletto, quelle accordando sì fattamente, che ne riesca
 una consonanzia. la quale metaforicamente parlando, da' primi
 retori, al numero musico assimigliandola, numero anch'essa fu
 nominata: senza il qual numero non è orazione la orazione; e
 col qual numero ogni volgare e inerudito ragionamento può aver
 nome d'orazione. Ma questo è punto che a ben volerlo manifestare
 (con ciò sia che in lui solo, quasi in centro fermissimo, è fondato
 il discorso di tutta l'arte oratoria) è mestieri che un'altra volta
 per altra strada noi ci facciamo da capo; considerando che tutto
 'l corpo della eloquenzia quanto egli è grande, non è altro che
 cinque membra e non più; cioè parlando latinamente, invenzione,
 disposizione, elocuzione, azione, e memoria. In fra le quali senza
 alcun dubbio la elocuzione è la prima parte, quasi suo cuore; e se
 anima la chiamassi, non crederei di mentire: dalla quale è, non
 che altro, il nome proprio della eloquenzia; come vivo da vita
 vien derivando. E per certo la invenzione e disposizione sono
 parti, che alle cose partengono; le quali ritrovate nelle scienze, va
 ordinando la orazione: ma la terza, per quel che suona il vocabulo,
 è propria parte delle parole; le quali non a caso, ma con giudizio
 eleggiamo ed elette leghiamo. Adunque avvegnachè la elocuzione
 sia un terzo membro della eloquenzia, diverso molto da' primi
 due; nondimeno ella è suo membro sì principale, che nella istessa
 elocuzione nuova invenzione e disposizione oratoria vi si possono
 annoverare. e ciò è, perciocchè non ciascheduna elocuzione è
 oratoria; anzi in ogni linguaggio molte son le parole, le quali vili
 troppo, o volgari, o aspre, o vecchie, una civile persona non in

por isso devemos deixar de considerá-las intelectuais, pois elas são artes das palavras, instrumentos do intelecto com os quais significamos um para o outro aquilo que intende a nossa mente. Claramente, a música é feita de vozes e de sons, que contam com graves e agudos, os quais dosamos por serem diferentes, para que, juntando-se, gerem harmonia; tanto que ela afeta e agrada admiravelmente não somente a nós, mas também a muitos animais brutos. Mas, a retórica e a poesia são artifícios da voz dos homens, não enquanto graves e agudos, mas enquanto palavras; pois elas são signos do intelecto que se harmonizam de tal forma que resultam em uma concordância a qual, metaforicamente falando, pelos primeiros retóricos, foi comparada ao número musical e foi também nomeada de número, e sem esse a oração não seria possível, pois, graças a ele, qualquer raciocínio vulgar e coloquial pode ser chamado de oração. Mas, este é um ponto que, para bem abordá-lo, é necessário que, outra vez, por outro caminho, o retomemos (pois é somente nele, no centro exato, que se fundamenta toda a arte retórica); considerando que o corpo da eloquência, ainda que grande, não possui mais que cinco membros, isto é, falando latinamente: a invenção, a disposição, a elocução, a ação e a memória. Entre as quais, sem dúvida alguma, a elocução é a primeira parte, quase seu coração; e se a chamasse de alma, não acho que eu estaria mentindo: pois é dela e não de outra que deriva o nome próprio da eloquência; como vivo deriva de vida. E, certamente, a invenção e a disposição são partes que pertencem às coisas e que, uma vez encontradas nas ciências, a oração vai ordenando; mas a terceira, pelo que sugere o vocábulo, é parte própria das palavras. Estas, não casualmente, mas com juízo, elegemos e, uma vez eleitas, as ligamos. Embora a elocução seja um terceiro membro da eloquência, muito diferente dos dois primeiros, nem por isso deixa de ser seu membro principal; mas ainda que na mesma elocução possam ser elencadas uma nova invenção e uma nova disposição oratória, nem por isso cada elocução é oratória; aliás, em cada língua, muitas



senato o in giudicio, ma con gli amici e co' familiari parlando, si guardarebbe di proferire: e guardarebbesi facilmente senza arte adoprare, sol che un tempo della sua vita con gentili e discreti uomini fosse usato di conversare. ma le parole già ritrovate dolci, chiare, e sonanti porre insieme; ed ove prima da se medesime alle cose significate s'accomodavano, or tra se stesse, gli accenti loro e le loro sillabe annoverando, adunarle è artificio, il quale solo o primo fa orator l'oratore. E veramente, se quello è vero che io trovo scritto ne' retori, la invenzione e disposizion delle cose essere opra più tosto di prudenti ed accorti uomini, che di eloquenti oratori; solo il sito delle parole è tutta l'arte oratoria: onde vana è la quistione del dilettere, del muovere, e dell'insegnare. che come il muovere e l'insegnare sono frutti d'invenzione; le cui parti sono proemio, narrazione, divisione, confirmazione, confutazione, ed epilogo; così il diletto si dee dire opra della oratoria elocuzione. Forse io v' annojo, mentre con le parole volgari le Latine e le Greche vo mescolando; e contra quello che io vi diceva pur dianzi, non discernendo, tra le parole, come io le trovo, così le ammasso e confondo. Ma che posso io? certo questa è colpa de' nostri padri Toscani; li quali non curando le cose gravi che alle dottrine partengono, solamente delle amorose con novellette, e con rime si dilettarono di parlare. Ben v'ha di quelli, che furno arditi in tentar le scienze: ma pochi sono e senza fama; e sì antichi, che'l ragionarne co' vocaboli loro, per la loro vecchiezza via più strani che i Latini non sono, sarebbe opra perduta. Io veramente qualunque volta in vece di narrazione, di confermazione, e di confutazione, divisamento, confermamento, e differmamento dicessi; me medesimo tra gl'intrichi di cotai nomi facilmente r avvolgerei in maniera, che in qual parte d'orazione

são as palavras que uma pessoa se resguardaria de pronunciar no senado ou em juízo, mas não com amigos e familiares, por estas serem ou demasiadamente vis, ou vulgares, ou ásperas, ou ultrapassadas, e se resguardaria facilmente de usá-las sem fazer uso da arte, somente se em algum momento da sua vida tivesse tido o costume de conversar com pessoas gentis e discretas; mas, se as palavras já existentes eram doces, claras e sonoras, e antes elas se relacionavam com as coisas significadas por si só, agora juntá-las e contar seus acentos e sílabas é o artifício que, acima de todos, qualifica o orador. E se é verdade o que eu encontro no que está escrito nos retóricos, ou seja, que a invenção e a disposição das coisas sejam obra mais de homens prudentes e conscientes que de oradores eloquentes; toda a arte oratória seria somente o lugar das palavras. E, conseqüentemente, seria inútil a questão do deleite, do convencimento e do ensino. Que, assim como o convencimento e o ensino são frutos da invenção – cujas partes são o proêmio, a narração, a divisão, a confirmação, a objeção, o epílogo –, da mesma forma, o deleite se deve considerar obra da elocução oratória. Talvez eu os entedie enquanto uso as palavras vulgares misturadas com as latinas e com as gregas; e, contrariamente ao que falei antes, como não distingo as palavras, à medida que as escolho, junto-as e confundo-as. Mas, o que eu posso fazer? Certamente, esta é culpa dos nossos pais toscanos, os quais, não tendo cuidado com as coisas sérias que pertencem às doutrinas, mas somente com as coisas amorosas das novelas, tiveram prazer em falar com as rimas. Até existem aqueles ousados que tentaram as ciências, mas são poucos e sem fama; e seria perda de tempo discutir sobre isso usando suas palavras, por causa da sua antiguidade, que as torna mais estranhas que as latinas. Até eu, algumas vezes, falei ao invés de *narrazione*, *confermazione* e *confutazione*, *divisamento*, *confirmamento* e *differmamento*;²¹ eu mesmo, no emaranhado desses nomes, muito

21 [N. d T.] Optamos por manter a grafia do original para preservar as diferentes designações das duas listas de palavras opostas por Speroni.

fossi intrato per ragionarne, potrebbe esser che io mi scordassi. E' adunque men male il ricorre a' forestieri, le cui voci intendiamo, che a' nostrani che non s'intendano; imitando i Latini, li quali da' padri Greci le dottrine e le parole prendendo, fero no lor privilegio di poter essere Romane, e come tali in lor servizio le adoperarono.

Val. Insino a qui voi non usaste parola, che alcun volgare ascoltandola se ne dovesse maravigliare: ma procedendo più oltra voi incapparete in concetti, che ragionandone, a volere essere inteso, vi sia mestieri di proveder di vocaboli, che agli orecchi d'Italia si confacciano un poco meglio, che i Latini non fanno.

Broc. Ragionando con esso voi nella presente materia, la cui mente di gran lunga le mie parole previene; non ho paura di dover dire vocabolo, che peregrino lo esistimate.

Val. Avvegna dio che dell'arte oratoria tra noi pochi e con stile rimesso molto, quale a camera si conviene, abbiate tolto a parlare; nientedimeno io vi consiglio che con quell'animo ed in quel modo ne favellate, che voi fareste, se in presenza di molti, così dotti come ignoranti, ne ragionaste, la qual cosa per avventura avverrà: perciocchè'l Soranzo diligentissimo guardatore de' vostri detti, quegli in uno raccoglierà; e raccolti non potrà fare, che molti suoi amici desiderosi di novità non ne faccia partecipi.

Sor. Certo in sul partir di Vinegia, mio germano Messer Jeronimo strettamente mi comandò, che mentre io stessi in Bologna, d'ogni cosa che io giudicassi notabile ne lo dovessi avvisare; ed hollo fatto infin ora: pensate quel che io farò per innanzi di così nobil ragionamento; dopo 'l quale per mio giudicio vanno i papi e gli imperadori.

Broc. Ben conosco Messer Jeronimo; alla presenza del quale nè parole nè opre, se non elette, non son degne di pervenire. Ma voi Soranzo (e so che fare il proteste) fareste bene, detto che io

facilmente me perderia, tanto que qualquer que fosse a ideia com a qual eu estivesse raciocinando, poderia ser que a esquecesse. É então mal menor recorrer a termos estrangeiros, cujos sentidos entendemos, que aos nossos que não entendemos; imitando os Latinos, os quais, ao pegar as doutrinas e as palavras dos pais gregos, tiveram o privilégio de considerá-las romanas e, em seu favor, as empregaram.

Valério: Até aqui o Senhor não usou nenhuma palavra que possa surpreender o vulgar que a ouviu: mas, ao continuar no seu raciocínio, e querendo ser compreendido, deverá providenciar vocábulos que, ao contrário dos da língua latina, sejam mais condizentes com os ouvidos italianos.

Brocardo: Raciocinando sobre esse assunto com o Senhor, cuja mente tem grande capacidade de prever as minhas palavras, eu não tenho medo de ter que falar um vocábulo que considere estrangeiro.

Valério: No caso em que tenha parado de falar de forma muito rebuscada e adequada ao lugar no qual entre nós poucos discutimos da arte oratória, mesmo assim, eu o aconselho a continuar falando com o mesmo ânimo e da mesma forma que utilizaria também na presença de muitos, sejam eles doutos ou ignorantes; e, se isso acontecer, Soranzo, que é um diligentíssimo observador das suas colocações, as reunirá e, uma vez reunidas, não poderá deixar de compartilhá-las com seus amigos desejosos de novidades.

Soranzo: Prestes a partir de Veneza, o meu irmão, Senhor Jerônimo, me recomendou fortemente que, enquanto eu estivesse em Bologna, deveria avisar a ele de todas as coisas que eu julgasse relevantes; e foi o que eu fiz até agora e o que farei em decorrência desta ordem tão nobre; após a qual eu considero somente tal a dos papas e dos imperadores.

Brocardo: Eu bem conheço o Senhor Jerônimo; para o qual somente fatos e palavras elevadas são dignos de atenção. Mas, o Senhor

m'abbia mia opinione, quella istessa con altro stile descrivere, che non l'udiste da me: che una cosa è il parlare privatamente e da amico, siccome io faccio con voi; ed altra è lo scrivere altrui a perpetua memoria de' passati ragionamenti. E nel vero se ciò avessi pensato allor che feste la quistione; o io taceva del tutto, o così tosto non rispondeva. che le parole e le cose, che a cotale arte partengono, e sopra tutto il porle insieme e con bello ordine ciascheduna a suo loco distintamente esplicare, è fattura di molti giorni, non d'una ora o di due. Ma se io errai nell'incominciare, forse nel proseguire m'ammendarò. che ove io pensava oggidì, alquanto uscendo della materia, di tutta l'arte oratoria (che che io ne sappia) liberamente parlavi; adoprando quelle parole, con le quali ne' Latini scrittori studiaï d'impararla; ora alcune poche cosette, che al fatto nostro convengono, brevemente percorrerò. così ad un tratto pagarò il debito del dover dirvi mia opinione; e da' scogli delle parole Latine, nelle quali a lungo andare il parlamento si romperebbe, bellamente mi guardarò; a più faggio nocchiero di me lasciando la cura di dover fare sì periglioso viaggio. Dunque al proposito ritornando, benchè dianzi secondo i retori io vi dicessi, l'insegnare ed il muovere esser due opre d'invenzione; con ciò sia cosa che quanto move il proemio e l'epilogo, tanto insegna la narrazione e confermazione; nondimeno mutando in meglio mia opinione, e cosa a cosa proporzionando, a me pare di dover dire, che l'insegnare propriamente alla disposizione partegna; come in contrario la confusion delle cose ci partorisce ignoranza. Adunque sempremai col movimento la invenzione, e con la disposizion l'insegnare; ma il diletto, di che parliamo, con la sua madre elocuzione, forma e vita della eloquenzia, meritamente accompagneremo. Quindi passando alle tre guise di cause dallo oratore considerate, ed a' tre stili venendo, cioè tre modi di dire; l'uno all'altro con misura agguagliando, io li congiungo in maniera, che la causa giudiciale, cui è proprio la gravità dello stile, al movimento ed invenzione; la deliberativa col suo stil basso e minuto alla disposizione ed allo insegnare;

Soranzo deveria, ao ouvir minha opinião, reescrevê-la com outro estilo (e sei que o pode fazer), pois uma coisa é conversar em particular entre amigos e outra é escrever para outros, perpetuando sua memória acerca de conversações passadas. E, na verdade, se assim tivesse pensado quando o Senhor colocou a questão, ou eu teria me calado por completo, ou não teria respondido tão rapidamente. Pois, as palavras e as coisas, que pertencem a tal arte, e, sobretudo, ordená-las e explicar numa ordem bela, cada uma com o seu lugar definido, é tarefa de muitos dias, não de uma ou duas horas. Mas, se eu errei, no início do meu discurso hoje, saindo um pouco do assunto enquanto falava livremente da arte oratória (pelo quanto eu sei), usando as palavras dos textos latinos nos quais eu a estudei, agora retomarei algumas poucas coisas que dizem respeito ao nosso assunto, assim eu pagarei imediatamente a minha dívida de dizer-lhe a minha opinião. Com muito cuidado, evitarei usar as palavras latinas que, a longo prazo, prejudicariam a construção da minha fala, deixando essa viagem no perigoso mar a um navegador mais hábil que eu. Então, retornando ao nosso propósito, mesmo que antes, conforme os retóricos, eu estivesse dizendo que o ensino e a persuasão são duas partes que cabem à invenção; por isso, é verdade que, quanto persuadem o proêmio e o epílogo tanto ensinam à narração e a confirmação; apesar disso, revendo a minha opinião e colocando cada coisa em seu lugar, parece-me mais justo dizer que o ensino pertença com mais propriedade à disposição, pois, ao contrário, a confusão das coisas produz a nossa ignorância. Então, sempre está com a persuasão a invenção e com a disposição o ensino. Mas, o deleite do que falamos o associaremos com mérito à sua mãe elocução, forma e vida da eloquência. Então, passando aos três tipos de causas consideradas pelo orador e aos três estilos, ou seja, ao três modos de dizer, um ao outro, com a justa proporção associando, os considero de modo que: a causa judicial, a qual pertence à gravidade do estilo, corresponda diretamente à persuasão e à invenção; a deliberativa,

ultimamente la causa dimostrativa mediocrementemente trattata, alla elocuzione e al diletto dirittamente sia rispondente. Le quai cose in cotal modo disposte, procedendo più oltra facilmente si può concludere, che così come tra le parti d'orazione la elocuzione è la prima; e la causa dimostrativa è la più nobile e più capace d'ogni ornamento, che l'altre due non sono; e degli stili del dire, il più perfetto e più virtuoso è il mediocre; il quale non è avaro nè prodigo, ma liberale; non superbo nè abietto, ma altero; non audace nè pusillanimo, ma valoroso; non lascivo nè stupido, ma temperato: così il diletto oratorio al movimento ed allo 'nsegnare è ben degno che si preponga. Però veggiamo non sempre muovere o insegnar l'oratore; ben quello istesso per ogni parte d'orazione, in ogni causa con parole eleganti studiare di dilettarne: il quale non contento del diletto delle parole, per raddoppiarne il piacere e compitamente addolcirne, ricorre al gesto ed all'azione dell'orazione, condimento e mele e zucchero soavissimo degli orecchi e degli occhi nostri. dalla qual azione, per quella grazia che è in lei, dipende in guisa la virtù dell'orazione, che ella è nulla senza essa. la quale sentenza da Demostene data, Eschine suo avversario poco appresso con bella prova ci confermò; mentre leggendo a' Rodiani la orazion di Demostene, maravigliandosi gli ascoltanti, ebbe a dire, veramente maravigliosa essere stata la orazione, esso Demostene recitandola; quasi dire volesse, l'azione del recitatore poter scemare e accrescer forza all'orazione, ed in maniera da se medesima tramutarla, che non paresse più d'essa.

Val. Innanzi che il Soranzo consenta, che diletstando più che insegnando o movendo persuada la orazione, egli aspetta d'intendere con quai ragioni contra la mente di Cicerone gli provarete, che la causa dimostrativa sia più nobile dell'altre due, e che de' stili il

com o seu registro baixo e minuto, à disposição e ao ensino; e, por último, a causa demonstrativa, tratada mediocrementemente, à elocução e ao deleite. Uma vez postas as coisas desta forma, pode-se ir além mais facilmente concluindo que, assim como entre as partes da oração, a elocução é a primeira, e a causa demonstrativa é a mais nobre e mais apropriada a qualquer tipo de ornamento – ao contrário das outras duas; e, dos registros, o mais perfeito e o mais virtuoso é o médio, o qual não é nem avaro nem pródigo, mas liberal, nem soberbo nem vil, mas altero, nem audaz nem tímido, mas virtuoso, não vulgar nem estúpido, mas moderado –; assim, da mesma forma, o deleite decorrente da oratória é importante que se anteponha à persuasão e ao ensino. Porém, nem sempre vemos o orador persuadir ou ensinar, mas ele mesmo, em cada parte da oração, em cada causa, tenta deleitar com palavras elegantes; e não contente com o prazer das palavras, para redobrar o prazer e devidamente adoçá-las, usa o recurso do gesto e da ação da oração, tempero e mel e açúcar suavíssimo para os olhos e para os nossos ouvidos. Dessa ação, devido à graça que ela contém, depende em parte a virtude da oração, pois uma é nada sem a outra. A sentença dada por Demóstenes²² foi confirmada em uma bela prova logo depois pelo seu adversário Esquio, enquanto ele lia aos habitantes de Rodi a oração dele. Ao ficarem maravilhados os ouvintes, ele teve que admitir que a oração era realmente extraordinária. Ele a declamou como se fosse dele, quase para mostrar que a ação de quem declama pode diminuir e acrescentar força à oração e, de tal forma, transformá-la a ponto de não parecer mais a mesma.

Valério: Antes que Soranzo assinta ao fato de que a oração persuada mais deleitando do que ensinando ou comovendo, ele espera entender com quais raciocínios contra a mente de Cícero o

22 [N. d T.] Demóstenes (em grego, Δημοσθένης, Dēmsthénēs; 384 a.C. — 322 a.C.) foi um preeminente orador e político grego de Atenas. Sua oratória constitui uma importante expressão da capacidade intelectual da Atenas antiga e providencia um olhar sobre a política e a cultura da Grécia antiga durante o quarto século AC. Demóstenes aprendeu retórica estudando os discursos dos grandes oradores antigos.

migliore sia il mediocre. e per certo da due cotali premesse, più tosto false che dubbiose, malamente si può decidere la quistion disputata.

Broc. Qui aspettava che interrompeste le mie parole; sendo certo, che ciò che io dissi della causa dimostrativa e dello stil mediocre, subitamente rifiutareste. Però sappiate, e sappialo anche il Soranzo, che ragionando di cotai cose con una semplice narrazione e senza alcuno argomento, io ebbi in animo di congiungere insieme i tre stili, le tre cause, e i tre modi del persuadere con le tre parti d'orazione; in maniera che alla invenzione il movimento nella causa giudicale con lo stil grande principalmente corrispondesse. ma alla disposizion l'insegnare nella causa deliberativa con lo stil basso, ultimamente il diletto alla elocuzione nella causa dimostrativa con lo stile mezzano propriamente si riferisse. Il quale ordine da tutti i retori, così Greci come Latini, essere stato osservato, chi le loro opre riguarda, facilmente giudicherà. La qual cosa se così è, che certamente è così; voi medesimi per una istessa ragione argomentando, la oratoria elocuzione, con tutta quanta la schiera sua, alle altre due parti d'orazione con le loro ordinanze debitamente preponerete. che non è onesto il buon col tristo agguagliare; ma il buono al buono, ed al migliore il migliore stile, parte, causa, e persuasione, con ragionevol misura dee pareggiarsi. Ma de' stili poco appresso per avventura ragionaremo; e del diletto si è favellato a bastanza. Dunque alle cause venendo, come io dissi così ridicolo di nuovo, che la causa dimostrativa è la più orrevole, la più perfetta, la più difficile, e finalmente la più oratoria che niuna dell'altre due. la qual cosa mentre io tento di dimostrarvi, io vi prego che non guardando alla fama degli scrittori della rettorica poniate mente alla verità; la quale da ragione ajutato io mi apparecchio di palesarvi. Perciocchè altra cosa è il parlar di questa arte, le vene sue, i suoi membri, l'ossa, i nervi, e la carne sua annoverando e partendo; la qual guisa d'anotomia, lei

Senhor comprovará isso; ou seja, que a causa demonstrativa seja a mais nobre que as outras duas e que, dos estilos, o melhor seja o médio. E, com certeza, a partir de tais premissas, mais falsas que duvidosas, dificilmente se pode decidir a questão discutida.

Brocardo: Aqui eu esperava que os Senhores interrompessem as minhas palavras, tendo certeza de que o que eu disse acerca da causa demonstrativa e do estilo médio, subitamente recusariam. Porém, saibam, e o saiba também Soranzo, que, ao raciocinar sobre tais coisas com a simples narração e sem argumentação nenhuma, eu tinha o objetivo de juntar os três estilos, as três causas e os três modos de persuadir com as três partes da oração; de modo que à invenção correspondesse principalmente o convencimento na causa judicial com o estilo elevado, mas, à disposição o ensino na causa deliberativa com o estilo baixo e, por último, se associasse propriamente o deleite à elocução, na causa demonstrativa com o estilo médio. Que essa ordem tenha sido usada por todos os retóricos, tanto gregos como latinos, pode ser observado facilmente por aquele que estudar suas obras. Se for assim, e certamente é assim, até os Senhores, argumentando pela mesma razão, irão devidamente antepor a elocução oratória e tudo que ela implica, às outras duas partes da oração com as suas disposições. Pois não é honesto associar o alto com o baixo, mas o alto com o alto; e se deve igualar, de forma razoável, ao melhor estilo, a melhor parte, causa e persuasão. Mas, certamente, logo falaremos acerca dos estilos; e acerca do deleite já falamos suficientemente.

Então, no que diz respeito às causas, eu confirmo novamente o que tenho afirmado, que a causa demonstrativa é a mais honrável, a mais perfeita, a mais difícil e, finalmente, a mais oratória dentre as outras duas. Enquanto eu tento demonstrar isso para o Senhor, rogo-lhe que leve em consideração a verdade e não a fama dos escritores da retórica, pois, ajudado pela razão, isso eu tentarei tornar explícito. Posto que uma coisa é falar dessa arte, listando e classificando, as suas veias, os seus membros, seus ossos, os seus

insegnando con le ragioni, operiamo: ed altra cosa è il parlare oratoriamente al vulgo, a' giudici, a' senatori, quegli allettando e movendo; il che non faccio al presente. Forse una volta, che Dio nol voglia, il farò: quando ubbidendo a mio padre, la voce e il fiato che ei mi donò, venderò a' litiganti. Or di questo non più; ed al proposito ritorniamo. Io veramente le tre cause oratorie per li lor fini, per loro officii, e per le loro materie con diligenza considerando, non posso altro che credere, che la causa dimostrativa sia in fra tutte la principale: il cui fine è onestà, la cui materia è virtù, ed il cui officio è il diletta l'intelletto e di ben fare ammonirlo. Quindi nacque il costume nella repubblica Ateniese, pubblicamente ogni anno quei cittadini lodare, i quali fortemente per la lor patria. E combattendo fossero stati ammazzati. La quale annua orazione, se a Platone crediamo, lodando i morti e le virtù loro, tutto in un tempo le madri, i padri, e le mogli consolava benignamente; ma i fratelli, i figliuoli, ed i nipoti, che dopo lor rimanevano, a dover quegli imitare e farsi lor simili mirabilmente accendeva. Adunque non indarno soleva dir Cicerone, niuna guisa d'orazione potere esser nè più ornata nel dire nè più utile alle repubbliche di questa una dimostrativa: i cui precetti hanno virtù non solamente di farne buoni oratori, ma a dover vivere onestamente con bella arte ne esortano. il che di quelli dell'altre due non avviene; con esse quali spesse fiate guerre ingiuste persuademo, e vendicando le nostre ingiurie or gli innocenti offendiamo or diffendiamo i nocenti. Confusamente per avventura più che io non debbo, vo comparando fra loro le tre cause oratorie; il che faccio, perchè io disidero d'ispedirmene, e dar loco al Valerio che s'appresta per contradire. voi ambidue col vostro ingegno il mio difetto adempiendo, di parte in parte le mie parole distinguerete. Adunque seguitando il ragionamento, e fra me stesso considerando ciò che dianzi io diceva dell'orazion di Demostene, sommamente dall'azion dipendente, ho fermissima opinione, che nelle cause deliberative e giudiciali molto più opri la natura dell'oratore e

nervos e a sua carne – essa espécie de cirurgia, nós operamos seguindo as leis que ela nos ensina –; outra coisa é falar ao vulgo, aos juízes, aos senadores, seguindo a oratória, tentando deleitá-los e persuadi-los; coisa que não faço neste momento. Talvez um dia, se Deus quiser, eu o farei, quando, ouvindo ao meu pai, emprestarei a voz e o fôlego que ele me doou, a quem estiver discutindo isso. Acerca disso não falarei mais e voltarei ao assunto. Eu, se considerar com cautela as três causas oratórias pelos seus fins, pelas suas obras e pelas suas matérias, não posso deixar de acreditar que a causa demonstrativa seja verdadeiramente, dentre todas, a principal; pois, ela tem como finalidade a honestidade, sua matéria é a virtude, e seu ofício é o deleite do intelecto e fazer com que ele atue bem. Na república ateniense, surgiu o costume de louvar publicamente todo ano aqueles cidadãos que tinham sido mortos após ter combatido assiduamente pela sua pátria. Essa oração anual, se acreditarmos em Platão, consolava ao mesmo tempo as mães, os pais e as esposas, louvando os mortos e suas virtudes; mas estimulava extraordinariamente os irmãos, os filhos e os netos para seguir o mesmo exemplo de seus entes queridos. Não por acaso, costumava dizer Cícero que nenhum tipo de oração poderia ser nem mais ornada, no dizer, nem mais útil às repúblicas do que aquela demonstrativa: tais preceitos possuem a virtude, não somente de fazer-nos bons oradores, mas, com uma bela arte, nos estimulam a viver honestamente. Fato este que com os outros dois tipos de orações não acontece; com as quais muitas vezes movemos para guerras injustas para vingar as nossas injúrias; ou ofendemos os inocentes, ou defendemos os delinquentes. Confusamente, por mais que eu não deva, eu vou comparando entre elas as três causas oratórias, e faço isso porque desejo me despedir delas e passar a voz ao Valério que se prepara para replicar. Os Senhores com a sua inteligência, ao compensar o meu defeito, separarão as partes da minha fala. Portanto, seguindo o pensamento, e eu mesmo considerando aquilo que antes eu dizia acerca da oração de Demóstenes, muito

della materia, che non fa l'arte oratoria. il contrario è della causa dimostrativa; nella quale leggendo non è men bella la orazione, che recitando però veggiamo mediocri oratori bene informati delle civili materie, ed ajutati dall'azione e dalla memoria, in senato e in giudicio soler parlare assai bene. che in tai casi dalle cose trattate nascono in noi le parole; le quali concordate con li concetti dell'animo, ne riesce quella armonia che fa stupir chi l'ascolta. Per la qual cosa molte fiate ne comandano i retori, che non curando della vaghezza delle parole isquisite, ad alcune altre non così belle, ma proprie molto e di gran forza nell'esplicare i concetti, volgarmente parlando ci debbiamo appigliare. ma nella causa dimostrativa è mestieri non solamente di concordare le parole ai concetti, ma quelle scielte e dette sì fattamente adunare, che pare a pare, e simile a simile con bella arte si referisca; e quelle istesse parole or raddoppiare e replicarle più volte, ora a' contrarii congiungerle; imitando la prospettiva de' dipintori, i quali molte fiate il negro al bianco accompagnano, a fine che e più bella, e più alta, e più illustre ci si mostri la sua bianchezza. Le quali cose tutte quante sono puro artificio, ma in maniera difficile, che all'improvviso poter lodare o vituperare eloquentemente, sarebbe opra miracolosa. E' il vero, che nell'altre due cause alcuna volta tutta bella e tutta ornata va camminando la orazione, cioè a dire negli epilogi e ne' proemii: li quai proemii, benchè primi si proferiscano, nondimeno, siccome cose più oratorie e di maggior magisterio, gli ultimi sono che si compongono; e li quali Marco Tullio Cicerone, padre e principe degli eloquenti, dovendo orare, di parola in parola imparava, ed a memoria gli si mandava. Adunque può bene esser che le due guise di cause, senatoria e giudiciale, siano agli uomini più necessarie di questa terza dimostrativa; e che da loro, siccome prime che si trattarano, Tisia, Corace, o altro antico oratore l'arte rettorica s'ingegnasse di generare: ma le più volte quel che è ultimo per origine, diventa

dependente da ação, tenho a contundente opinião que, nas causas deliberativas e judiciais, seja muito mais relevante a natureza do orador e da matéria, do que a arte oratória. O contrário acontece na causa demonstrativa, na qual a oração não é menos bela quando lida do que declamada, contudo, vemos oradores médios que, bem informados das matérias civis, e ajudados pela ação e pela memória, no senado e no juízo, demonstravam saber falar muito bem. Pois, nesses casos, as palavras despertam em nós a natureza das coisas tratadas e harmonizadas, como os conceitos da alma dão origem àquela harmonia que surpreende quem a escuta. Por esse motivo, muitas vezes, os retóricos recomendam que, não nos preocupando com a vagueza das palavras rebuscadas, temos que nos ater, vulgarmente falando, a algumas outras não tão belas, mas mais eficazes para explicar os conceitos. Por outro lado, na causa demonstrativa, é costume não somente concordar as palavras com os conceitos, mas juntar as palavras escolhidas com as faladas, de modo que sejam proferidas com bela arte, igual com igual, similar com similar; e também as mesmas palavras possam ser duplicadas e replicadas mais vezes ou associadas aos seus contrários, imitando dessa forma a perspectiva dos pintores que, muitas vezes, juntam o preto com o branco para que mais bela, mais alta e mais ilustre apareça a sua brancura. Todas essas coisas são puro artifício, mas tão complexo que, de repente, poder louvar ou criticar eloquentemente se tornaria algo milagroso. É verdade que, nas outras duas causas, alguma vez a oração permanece completamente bela e ornada, ou seja, nos epílogos e nos proêmios; estes, ainda que se pronunciem antes, sendo partes mais oratórias e de maior importância, são redigidos por último.

Marco Túlio Cícero, pai e príncipe dos eloquentes, devendo proferir um discurso, aprendia palavra por palavra esses proêmios e os falava de cor. Portanto, pode bem ser que os dois tipos de causas, senatorial e judicial, sejam, para os homens, mais necessárias do que a terceira demonstrativa e que, a partir



primo in perfezione; e sempremai nell' umane operazioni ivi è maggior l'artificio, ove il bisogno è minore: con ciò sia cosa che nei bisogni la nostra madre natura per se sola, da niuna arte aiutata, è tenuta di provvederne. Naturalmente con le zampe e co' denti pugna l'orso e il leone; e la damma con la prestezza del corso suo si sottragghe all'ingiurie fa il suo nido la rondine; e la ragna tessendo si procura di nutricarsi. ma noi uomini, creature civili, con l'ajuto delle parole, messi e segni dello'ntelletto, con gli amici dell'avvenir consigliamo; e raffrenando le mani dell'iracondia ministre, or da' nemici a noi presenti ci difendiamo, or quelli istessi offendiamo. Poco adunque in tai casi ci può insegnar l'artificio; se non disporre ed ordinare l'invenzion naturale. ma nella causa dimostrativa, non necessaria alla nostra vita, le parole e le cose col loro ordine e col sito loro sono puro artificio: il quale seminato nella natura delle due prime, e dall'industria nudrito divenne grande; e nella terza dimostrativa, quasi terza sua età, si fe intiero e perfetto: e così intiero e perfetto non pur illustra la buona causa dimostrativa, vero nido del suo splendore, ma riflettendo i suoi raggi, l'altre due più inferiori scalda ed alluma mirabilmente. Quindi adivieni che nelle cause giudiciali la giustizia e le leggi molte volte sono laudate, e biasimato chi le perturba: e ne' consigli delle repubbliche la libertà, la pace, e la giusta guerra con somme laudi si esaltano; ed i tiranni con vituperio son lacertati. la qual mistura d'orazione nelle Filippiche

delas, sendo as primeiras as de que trataram Tísias e Córax,²³ outro antigo orador nelas tentou fundamentar a arte retórica. Mas, na maioria das vezes, o que é último em origem, se torna primeiro em perfeição; e sempre nas ações humanas é maior o artifício onde a necessidade é menor, de consequência, nossa mãe natureza, por si só, auxiliada por nenhuma arte, deve providenciar o que for necessário. Naturalmente, o leão e o urso lutam com as garras e com os dentes, e a gama, com a rapidez da sua corrida, se afasta dos perigos, a andorinha faz o seu ninho, e a aranha, tecendo, busca o seu alimento, mas nós homens, criaturas civis, com a ajuda das palavras, colocações e signos do intelecto, com os amigos argumentamos sobre o futuro, e, afastando as mãos que trazem a ira, tanto nos defendemos dos inimigos, quanto os mesmos ofendemos. Pouco então, nesses casos, nos pode ensinar o artifício, se não dispor e ordenar a invenção natural; mas, na causa demonstrativa, que não é necessária para as nossas vidas, as palavras e as coisas com a sua ordem e com a sua posição são meramente artificiais; porém, esse artifício, semeado nas duas primeiras causas e nutrido pela capacidade, tornou-se grande e, na causa demonstrativa, quase sua terceira idade, tornou-se inteiro e perfeito. E tão inteiro e perfeito, não somente o artifício ilustra a boa causa demonstrativa, verdadeiro ninho do seu esplendor, mas, ao refletir os seus raios, esquenta e ilumina maravilhosamente as outras duas causas inferiores. Então, decorre disso que, nas causas judiciais, a justiça e as leis muitas vezes

23 [N. d T.] Natural de Siracusa (Magna Grécia), Tísias foi considerado, juntamente com Córax, o primeiro a ensinar, de modo profissional, a arte de falar em público (Sofisma), e afirmava-se que Lísias e Isócrates teriam sido seus alunos. Ele teria aprendido sua arte com Córax, que concordou em ensiná-lo em troca do dinheiro que ele, Tísias, haveria de ganhar, ao vencer a primeira causa que defendesse. Se não vencesse, nada teria que pagar, posto que a instrução teria sido inútil. Tísias viveu em um período histórico que assinala a transição da tirania dos Dinomênidas para um governo democrático, e testemunhou grandes transformações no que se refere à legislação sobre a propriedade da terra. Mas há dúvidas sobre a sua existência histórica. Para alguns estudiosos, ele seria um personagem lendário. Para outros, ele e Córax seriam uma só pessoa. O que se sabe sobre seu trabalho resume-se a referências nas obras de Platão, Aristóteles e Cícero.

di Demostene, nelle Verrine ed Antoniane di Cicerone riuscì opra meravigliosa. Finalmente l'arte e le cause oratorie a' sentimenti di nostra vita agguagliando, posso dire che le due prime sono il senso del tatto; senza le quali non nasceva nè vivrebbe la orazione: ma la causa dimostrativa, ornamento della rettorica, è occhio e luce, che fa chiara la vita sua; lei a grado innalzando, ove nulla dell'altre due non è possente di pervenire. Sia al mondo un buono uomo pien d'eloquenzia e d'ingegno; il quale uscito della sua patria, solo e nudo, quasi un altro Biante, venga a starsi in Bologna: che farà egli dell'arte sua? Se egli accusa o difende; ecco un vile avvocato che vende al vulgo le sue parole. se delibera, non sendo parte della repubblica, i suoi consigli non sono uditi. Tacerà egli, e sia sua vita oziosa? non veramente: ma di continuo con la sua penna nella causa dimostrativa biasimando e lodando, la sua eloquenzia esercitarà. La qual cosa non per odio o per premio, ma per ver dire facendo, in poco tempo non solamente da' pari suoi, ma da' signori e da' regi sarà tenuto e stimato.

Sor. Questo vostro eloquente (se non m'inganna la simiglianza) è il ritratto dell'Aretino.

são louvadas e é culpado quem as perturba; e se exaltam com muitos louvores, nos conselhos das repúblicas, a liberdade, a paz e a guerra justa e os tiranos são dilacerados com vitupério. Essa mescla de orações deu origem a uma obra maravilhosa tanto nas *Filípicas*²⁴ de Demóstenes, quanto nos *Discursos contra Verre e contra Antonio*²⁵ de Cícero.

Se compararmos a arte e as causas oratórias aos sentidos da nossa vida, diria que as duas primeiras corresponderiam ao tato, sem as quais não nasceria nem sobreviveria a oração, mas a causa demonstrativa, ornamento da retórica, é o olho e a luz que clareia a sua vida, elevando-a de tal forma que nenhuma das outras duas é capaz de alcançá-la. Ponhamos o caso que haja no mundo um homem bom e muito inteligente e eloquente que, tendo deixado a sua pátria, sozinho e sem nada, quase fosse outro Bias de Pirene,²⁶ venha a se estabelecer em Bolonha, o que fará ele com a sua arte? Se ele acusar ou defender, logo aparece um advogado vil que vende ao povo as suas palavras; se deliberar, não sendo cidadão da república, os seus conselhos não são escutados. Se ele se calar, tornará por isso a sua vida ociosa? Na verdade não, pois, continuamente, com a sua pena na causa demonstrativa, exercitará a sua eloquência condenando e louvando. Isso o tornará estimado e temido em pouco tempo, não somente pelos seus pares, mas também pelos senhores e pelos reis, não em consequência do ódio ou da recompensa, mas por estar dizendo a verdade.

Soranzo: Essa personagem tão eloquente que o Senhor está retratando (se não me engana a semelhança) corresponde a Aretino.²⁷

24 [N. d T.] Série de discursos proferidos contra Felipe II da Macedônia; Demóstenes intimava o povo grego a se rebelar e depor Felipe II.

25 [N. d T.] Discurso também com escopo político contra Gaio Licínio Verre, acusado de corrupção.

26 [N. d T.] Um dos sete sábios da Grécia.

27 [N. d T.] Leonardo Bruni (1369-1444) (Leonardus Brunus Aretinus, Leonardo Aretino) (* Arezzo, c1369 - † Florença, 09 de Março de 1444), foi humanista, secretário

Broc. Io non nomino alcuno; ma chiunque si è, ei non può esser se non grand'uomo. onde a me pare che questa causa dimostrativa tale sia alla senatoria e giudiciale, quali sono le dignità ecclesiastiche alle grandezze de' secolari: quelle sono naturali successioni, queste per propria industria acquistiamo. e così come un particolar gentiluomo fatto papa è adorato da' suoi signori; così al buono oratore per la sua causa dimostrativa cedono i grandi del mondo; che il causidico e il senatore non degnarebbono di guardare. Non per tanto, onde vegna che nell'altre due cause i parlamenti oratorii per la lor gravità non son men cari ad udire dell'orazioni dimostrative, non è difficile il giudicare. Perciocchè i soggetti di quelle due son cose tragice, pertinenti parte alla vita della persona, parte allo stato della repubblica: ma questa terza dimostrativa, i vivi vivi, e morti i morti lasciando stare, solamente gli altrui nomi e memorie d' ogn' intorno di lode e biasimi va dipingendo. Adunque, così come il veder pugnare a corpo a corpo due nemici in camicia con le coltella affilate, è aspetto non men grato per le ferite e pel sangue, che sia il combattere a giuoco esercitato da schermidori con artificio meraviglioso; così le cause civili altrettanto per le materie trattate sono usate di dilettarne, quanto questa dimostrativa con la sua arte del dire ne reca gioja e sollazzo. Quindi adiviene, siccome dianzi io diceva, che in senato e in giudicio i mediocri oratori volentieri ascoltiamo; ove il difetto dell'arte col soggetto, di che ragionano, facilmente si ricompensa: ma le orazioni dimostrative, siccome ancora i poemi, se non son cosa perfetta, non è chi degni nè d'udire nè di vedere. E questo basti al diletto ed alla causa dimostrativa. voi Valerio che conoscete i miei falli, giudicateli e correggeteli.

Brocardo: Eu não nomeio ninguém, mas, seja quem for ele, somente pode ser um grande homem. Em definitiva, parece-me que essa causa demonstrativa está para a senatoria e a judicial, assim como as dignidades eclesiásticas para as grandezas seculares, ou seja, aquelas são sucessões naturais e estas últimas se adquirem por capacidade própria. E, assim como um gentil homem qualquer, uma vez eleito papa e adorado pelos seus senhores, da mesma forma os grandes do mundo, que ignorariam o causídico e o senador, cedem ao bom orador pela qualidade da sua causa demonstrativa. Não é por menos, pois é fácil entender porque os parlamentares oradores, por causa de sua densidade, estão mais dispostos a ouvir as orações demonstrativas que as outras duas. Porque aquelas duas causas têm como objeto assuntos trágicos, que pertencem, em parte, à vida da pessoa, em parte, ao estado da república, mas a demonstrativa, deixando permanecer vivos os vivos e mortos os mortos, vai descrevendo somente os nomes e as memórias dos outros, evitando qualquer louvor e acusação. Então, se ver lutar corpo a corpo dois inimigos com uniforme e com facas afiadas é algo não muito agradável, pelas feridas e pelo sangue; ao contrário, o combate exercitado pelos esgrimistas habilidosos é maravilhoso. Da mesma forma, as causas civis costumam entreter por causa dos assuntos tratados, e a demonstrativa proporciona alegria e prazer com a sua arte de dizer. Disso decorre, assim como antes eu disse, que, no senado e no julgamento, escutamos os oradores médios com prazer; onde facilmente se compensa o defeito da arte com a natureza do sujeito de que se trata; mas as orações demonstrativas, assim como os poemas, se não forem algo perfeito, não há quem queira nem ouvir nem ver. E, acerca da causa demonstrativa, isso basta.

Valério, o Senhor, que conhece bem as minhas falhas, as avalie e as corrija.

papal, filósofo, historiador, tradutor e chanceler italiano. É considerado criador da forma renascentista da tradução e um dos primeiros historiadores da época moderna.

Val. Può bene essere che quel che è detto, basti al diletto ed alla causa dimostrativa: ma non basta agli stili; de' quali, specialmente del mediocre, siete obbligato di favellare.

Broc. per una istessa ragione potria parlare degli ornamenti, e delle forme del dire, e dello stil mediocre: con ciò sia che la elocuzione è quella parte della rettorica, con la quale e col diletto e con lo stil mediocre la buona causa dimostrativa fu accompagnata da me. ma questa è opra da altro ingegno e da altra industria che dalla mia: senza che ciò sarabbe uno uscir fuori di quel proposito, intorno al quale piacque al Soranzo che lo favellassi.

Sor. Come Brocardo, è fuor di proposito il ragionar dello stile, con esso 'l quale la orazione genera in noi il diletto, che al movimento ed all'insegnare faceste prova di preferire?

Broc. O ciò è fuor di proposito, o io son fuor di me stesso, e non l'intendo come io devrei: per la qual cosa in ogni guisa io ho ragion di tacere.

Val. Ecco Brocardo, noi consentiamo che'l parlamento de' stili, quando a voi piace, in altro tempo si differisca. Ora (il che negare non ci potete) insegnatene in che maniera e quai precetti osservando, il Toscano oratore in ciascheduna delle tre cause possa ornarsi di quel diletto, il quale impresso ne' nostri animi ne persuade a dover fare a suo modo: che con tal patto voi rispondeste alla quistion del Soranzo.

Broc. Guardate che a dir cosa non m'induciate, che la lingua Toscana vi faccia avere in dispetto. che molte cose pajono belle e nobili molto, quando son fatte; la cui origine è vilissima e ripiena d'ogni bruttura.

Val. Già a' scolari di medicina, per fare ogni anno una anatomia di corpi umani, ed in quelli vedere ove e come nove mesi ne portino le nostre madri, e portati ci partoriscono, non son men care le belle donne, che elle siano agli idioti, che tai secreti non

Valério: Pode bem ser que, o que foi dito, foi suficiente acerca do deleite e da causa demonstrativa: mas não esgotou o assunto sobre os estilos; dos quais, especialmente acerca do médio, o Senhor tem a obrigação de falar.

Brocardo: Por uma mesma razão, isso se poderia aplicar também aos ornamentos, e às formas de falar e ao estilo médio; visto que a elocução é aquela parte da retórica, com a qual, a boa causa demonstrativa, foi por mim desenvolvida, tanto com prazer, quanto com estilo médio. Mas essa é obra para outra inteligência e outra habilidade que não as minhas, além disso, fugiria daquele propósito, o qual a Soranzo agradaria que eu falasse.

Soranzo: Como, Brocardo, pode ser fora de propósito pensar sobre o estilo, que o Senhor fez questão de mostrar que prefere ao movimento e ao ensino, se é com ele que a oração gera em nós o prazer?

Brocardo: Ou é irrelevante, ou estou fora de mim, e não entendo como deveria: por isso, de qualquer modo, tenho razão em calar.

Valério: Ora Brocardo, nós concordamos que a discussão acerca dos estilos seja adiada para outro momento, quando agradar ao Senhor. Agora (o que não pode negar) nos ensine de qual maneira e observando quais preceitos o orador toscano possa ornar cada uma das três causas. Com esse deleite estampado nas nossas almas, nos persuada a fazer do seu modo, e, com esse acordo, o Senhor responderá à questão de Soranzo.

Brocardo: Cuidado para não me induzir a dizer coisas que façam com que tenham aversão pela língua toscana, pois muitas coisas parecem muito belas e nobres quando são feitas, mas sua origem é vil e cheia de muita feiura.

Valério: Não é porque os estudantes de medicina fazem todo o ano uma dissecação dos corpos humanos, e veem onde e como durante nove meses neles as mãos nos trazem e depois nos parem, que gostamos menos das mulheres lindas, pois isso acontece com

sanno. però dite sicuramente, che 'l parlamento già cominciato sarebbe nulla, se in cotal fine non terminasse.

Broc. Vorrò poscia che m'insegniate anche voi i vostri modi di persuadere; con li quali, benchè molto m'offendano, me al presente signoreggiate e sforzate.

Sor. Duolvi tanto che io impari?

Broc. Per certo sì: perciocchè attendendo alle mie parole, voi imparerete quella istessa ignoranza, che in molti anni con molta industria e con poco onore la mia sciocchezza mi ha guadagnato: con ciò sia cosa che i precetti, che io v'ho da dire, non sono altro che l'istoria delli miei studii, con esso i quali son fatto tale, quale io mi sono.

Sor. Ogni punto mi pare una ora, che de' precetti mi favellate; con li quali brutti vili, come diceste, diventi atto a far bella la orazione volgare. Adunque incominciate, se voi mi amate; e quanto più facilmente potete, dichiaratemi il vero, che non ha faccia di verisimile.

Broc. Facil cosa fie l'adoprarli i precetti, li quali intendo di dimostrarvi: ma al mio giudicio non son cosa, che uno ingegno par vostro debbia degnarsi d'adoperarli: però uditemi, ma con animo d'ammendarmi, non d'imitarmi. Io veramente sin da' primi anni disiderando oltra modo di parlare e di scrivere volgarmente i concetti del mio intelletto, e questo non tanto per dovere essere inteso, il che è cosa da ogni volgare, quanto a fine che 'l nome mio con qualche laude tra i famosi si numerasse; ogni altra cura posposta alla lezion del Petrarca e delle cento Novelle con sommo studio mi rivolgei. nella qual lezione con poco frutto non pochi mesi per me medesimo esercitomi, ultimamente da Dio ispirato ricorsi al nostro Messer Trifon Gabriele: dal quale benignamente ajutato vidi ed intesi perfettamente quei due autori; li quali non

os idiotas, que desconhecem esses segredos. Porém, o Senhor afirma com certeza que a discussão que já começamos seria nula se não tivesse tal finalidade.

Brocardo: Eu quero depois que me ensine os seus modos de persuadir, com os quais, ainda que muito me incomodem, o Senhor está me lisonjeando e me estimulando atualmente.

Soranzo: Incomoda-o tanto que eu aprenda?

Brocardo: Com certeza sim, pois, seguindo as minhas palavras, o Senhor aprenderá aquela mesma ignorância que, em muitos anos, com muita habilidade e com pouca honra, a minha estupidez ganhou; conseqüentemente, os preceitos que devo mostrar não são nada mais que a história dos meus estudos, graças aos quais me tornei tal qual sou agora.

Soranzo: Cada instante que esperar para que o Senhor me fale dos preceitos, parece-me uma hora, pois, com esses preceitos feios e vis, como afirmou, eu me tornei apto a embelezar a oração vulgar. Comece então, se o Senhor me ama, e, quanto mais facilmente possa, me revele o verdadeiro, que não se parece em nada com o verossímil.

Brocardo: É coisa fácil usar os preceitos que pretendo demonstrar-lhe, mas, ao meu ver, não é algo que alguém inteligente como o Senhor deveria preocupar-se em usar, porém, me ouça, mas com objetivo de me julgar e não de me imitar. Eu, na verdade, sempre desejei muito, desde a juventude, falar e escrever em vulgar os conceitos do meu intelecto e isso não tanto para que eu fosse compreendido, o que é normal com qualquer vulgar, mas para que o meu nome com algum louvor fosse inserido entre os famosos; por isso, renunciei a tudo, eu me dediquei com muito afinho aos ensinamentos de Petrarca e das cem novelas do Boccaccio. Após muitos meses desse estudo, não tendo tido resultados, ultimamente, inspirado por Deus, me dirigi ao nosso senhor Trifone Gabriele, com a ajuda amorosa do qual finalmente

sapendo che notar mi dovessi, avea trascorso più volte. Questo nostro buon padre primieramente mi fece noti i vocaboli; poi mi diè regole da conoscere le declinazioni e congiugazioni de' nomi e verbi Toscani; finalmente gli articoli, i pronomi, i participii, gli adverbii, e l'altre parti d'orazione distintamente mi dichiarò: tanto che accolte in uno le cosette imparate, io ne composi una mia gramatica; con la quale scrivendo io mi reggeva in maniera, che in poco tempo il mondo m'ebbe per dotto, e tiemmi ancora per tale.

Sor. Infin ora non dite cosa, che ci pentiamo d'urdila; e così spero che dell'avanzo avverrà; se col maestro e con gli autori antendetti d'impararlo vù consigliaste.

Broc. Dunque al rimanente venendo, poichè a me parve d'esser fatto un solenne gramatico, con speranza grandissima di ciaschedun che mi conosceva, io mi diedi al far versi. Allora pieno tutto di numeri, di sentenzie, e di parole Petrarchesche e Boccacciane per certi anni fei cose a' miei amici meravigliose. poscia parendomi che la mia vena s'incomiciasse a seccare (perchicchè alcune volte mi mancava i vocaboli, e non avendo che dire, in diversi sonetti uno istesso concetto m'era venuto ritratto) a quello ricorsi che fa il mondo oggidì; e con grandissima diligenza fei un rimario o vocabolario volgare: nel quale per alfabeto ogni parola, che già usarono questi due, distintamente riposi; oltre di ciò in un altro libro i modi loro del descriver le cose, giorno, notte, ira, pace, odio, amore, paura, speranza, bellezza sì fattamente raccolsi, che nè parola nè concetto non usciva di me, che le novelle e i sonetti loro non me ne fossero esempio. Vedete voi oggimai a qual bassezza discesi, ed in che stretta prigionie e con che lacci m'incatenai. Ma molto più ho da dirvi, che io non v'ho detto fin qui. perchiocchè avendo io, come divoto d'ambidue loro, ogni lor

enxerguei e entendi perfeitamente aqueles dois autores; os quais, não sabendo que deveria observá-los, eu havia evitado muitas vezes. Esse nosso bom pai, primeiramente me esclareceu os vocábulos, em seguida me deu as regras para conhecer as declinações e conjugações dos nomes e dos verbos toscanos e, finalmente, me ensinou separadamente os artigos, os pronomes, os participípios, os advérbios e as outras partes da oração; tanto que, uma vez reunidas essas coisas todas que aprendi, eu compus uma gramática pessoal, a qual eu continuava seguindo para escrever, tanto que, em pouco tempo, o mundo me considerou um douto e ainda me considera como tal.

Soranzo: Até agora o Senhor não disse nada que nos arrependamos de ouvir; e assim espero do que vier; se o Senhor fizer referência aos mestres e aos autores antes mencionados.

Brocardo: Então, continuando no assunto, como me considerava um gramático solene, com a grandíssima esperança de todos que me conhecem, eu me pus a compor versos. Completamente repleto de números, de sentenças e de palavras petrarquescas e boccaccianas, durante alguns anos, fiz coisas maravilhosas, segundo meus amigos; em seguida, achando que a minha veia poética começasse a secar (pois, algumas vezes, me faltavam os vocábulos e, não tendo o que dizer, em vários sonetos, acabava repetindo um mesmo conceito), resolvi o que todo mundo faz hoje; e, com grandíssima diligência, organizei um rimário ou vocabulário vulgar, no qual, separadamente e por ordem alfabética, coloquei cada palavra que aqueles dois autores tinham já usado; além disso, em um outro livro, recolhi suas formas de descrever as coisas, o dia, a noite, a ira, a paz, o ódio, o amor, o medo, a esperança, a beleza, tanto que somente usava como exemplos palavras e conceitos extraídos de suas novelas e de seus sonetos. Vejam os Senhores, até que nível eu descí, e como me prendi e de que forma me amarrei em uma prisão estreita. Mas tenho muito mais para dizer-lhes além do que disse até aqui, pois, tendo lido, enquanto admirador de ambos, todas as obras

cosa così Latina come volgare trascorso; e veggendo le loro cose Latine per rispetto alle Tosche non esser degne de' nomi loro; giudicai ciò dovere avvenire, perciocchè a varie lingue varie gramatiche, seguentemente varie arti poetice, e varie arti oratorie corrispondessero; e che il Petrarca e il Boccaccio le lor volgari sappiendo, ma le Latine, colpa e vergogna de' tempi loro, ignorando, tanto bene toscanamente scrivessero, quanto male latinamente poetarono ed orarono. Per la qual cosa lasciati stare i consigli del nostro padre Messer Trifone, il quale a poetar volgarmente con l'artificio Latino mi richiamava, tener volli altra strada: per la quale mettendomi son giunto a tale, che io vedo il male e non lo posso schivare. Ma perchè il tutto sappiate; soleva dirmi Messer Trifone, che al Petrarca l'esser nato Toscano e saper ben la sua lingua, ed in contrario il non saper la Latina, benchè l'arte tenesse, fu cagione di farlo grande nell'una, ma nell'altra molto manco che mediocre. Ma all'incontro mi si parava l'esperienza: perciocchè a' dì nostri la città di Fiorenza, così Toscana come è, non ha poeta nè oratore pare al Bembo gentiluomo Viniziano. Adunque potuto arebbe il Petrarca con Virgilio e con Cicerone farsi tale oratore e tal poeta Latino, quale il Bembo col Petrarca e con le Novelle è divenuto Toscano. la qual cosa non essendo avvenuta, segno è che in due lingue ha due arti. però il Petrarca con l'arte sua volgare componendo latinamente, fu minor di se stesso, mentre egli scrisse nella sua lingua Toscana. Confermava mia opionione il vedere ogni giorno alcuni uomini, pur Toscani letterati e di grandissima fama, li quali tolti dal Petrarca ed or

deles, tanto as latinas quanto as vulgares, e considerando que as latinas em relação às toscanas não são dignas de sua fama, julguei ser necessário o seguinte: que correspondessem a cada língua diferentes gramáticas e frequentemente diferentes artes poéticas e diferentes artes oratórias; e que Petrarca e Boccaccio, conhecendo as línguas vulgares, mas ignorando as latinas, culpa e vergonha de seus tempos, escreveram tão bem em vulgar toscano, e tão mal escreveram poesia e argumentaram em latim. Em consequência, desconsiderando os conselhos do nosso pai Senhor Trifone, que me atentava a escrever poesia em vulgar com estilo latino, quis percorrer outro caminho, por causa do qual agora eu enxergo mal, mas não consigo evitá-lo. Mas, porque saibam tudo, costumava me dizer o Senhor Trifone que, o fato de Petrarca ter nascido toscano e conhecer bem a sua língua, e, ao contrário, não saber a latina, apesar de usar seu estilo, foi motivo para torná-lo grande em uma, mas na outra muito menos que medíocre. Mas a experiência me levava a questionar isso, pois, hoje em dia, na cidade de Florença, que é a mais toscana de todas, não existe um poeta nem orador melhor que Bembo,²⁸ que é um gentil homem veneziano. Por consequência, Petrarca poderia ter alcançado tal competência como orador e como poeta em latim se tivesse seguido os exemplos de Virgílio e de Cícero, assim como Bembo, ao seguir Petrarca e as *Novelas* de Boccaccio se tornou toscano; mas não tendo acontecido isso, podemos concluir que para as duas línguas existem dois estilos. Porém, as obras de Petrarca, escritas em latim com o seu estilo vulgar, se tornaram menores que as obras por ele escritas em língua toscana. Esta minha opinião era confirmada ao observar todo dia como alguns homens, ainda que letrados toscanos e de grandíssima fama, se

28 [N. d T.] Pietro Bembo (Veneza, 20 de maio de 1470 – Roma, 18 de janeiro de 1547) foi um gramático, escritor, humanista, historiador e cardeal veneziano. Foi o primeiro a estabelecer as regras da língua italiana de modo seguro e coerente, com base nas práticas dos maiores escritores toscanos do séc. XIV. Contribuiu decisivamente para a difusão na Itália e no exterior do modelo poético petrarquista. Suas ideias foram também fundamentais para a formação musical do estilo madrigal do século XVI.

Tibullo, ora Ovidio, or Virgilio imitando, facevan versi volgari; li quali mezzo tra volgari e Latini, parimente a' volgari ed a' Latini spiacevano infra li quali chiunque con nuova guisa di rime, o senza rima niuna i Latini imitava, meno errava al mio parere, e con giudicio più ragionevole le poesie confodeva. perciocchè togliendo a' versi la rima o del suo loco movendola, si leva loro gran parte di quella forma volgare, che i Latini e loro arte naturalmente abborrisce. La qual cosa si provai io in quel tempo, quando, quasi nuovo alchimista, lungamente mi faticai per trovare l'eroico; il qual nome niuna guisa di rima dal Petrarca tessuta non è degna d'appropriarsi. Moveami ancora a dover creder così la nostra guisa di verso, il quale contra i precetti latini senza piedi e con rime non è men dolce agli orecchi, nè men leggiadro nel camminare di qual si vuol degli antichi: dei quai piedi poco appresso per avventura si parlerà. Vinto adunque dalle ragioni ed esperienze predette, a' primi studii tornai; ed allora oltra 'l continuo esercitarmi nella lazion del Petrarca (la qual cosa per se sola senza altro artificio può partorir di gran bene) con maggior cura di prima ponendo mente a' suoi modi, alcune cose osservai sommamente, come io credeva, al poeta ed all'orator pertinenti: le quali, poichè volete che io 'l faccia, brevemente vi esplicarò. Primieramente le sue parole d'una in una annoverando e pesando, niuna vile, niuna turpe, aspre poche, tutte chiare, tutte eleganti mi fu avviso di ritrovarle; e quelle in modo al comune uso convenienti, che egli pareva che col consiglio di tutta Italia l'avesse elette e ricolte. Infra le quali, quasi stelle per lo sereno di mezza

afastavam de Petrarca e imitando ou Tibulo,²⁹ ou Ovídio,³⁰ ou Virgílio, compunham versos em vulgar; consequentemente esses versos desagradavam tanto aos defensores do toscano quanto aos defensores do latim por ser algo híbrido entre o vulgar e o latim. Dentre os quais, quem imitava os latinos, utilizando um novo tipo de rima ou sem rima nenhuma, a meu ver, errava menos, ao adotar uma conduta mais razoável; pois, tirando a rima aos versos, ou deslocando-a do seu lugar, se elimina grande parte daquela forma vulgar que os latinos e seu estilo naturalmente rejeitam. Coisa que eu tentei naquele tempo, quando, quase fosse um novo alquimista, longamente me esforcei para encontrar o heroico; nem as rimas compostas por Petrarca são dignas desse nome. A causa dessa minha crença é o nosso tipo de verso, o qual, contra os preceitos latinos, sem pés e com rimas, não é menos doce aos ouvidos, nem menos elegante na prosódia que aquele dos antigos, cujos pés logo em seguida falaremos. Convencido, então, pelas razões e experiências anteriores, voltei aos primeiros estudos; e, então, além de continuar me exercitando na lição de Petrarca (a qual coisa sozinha sem nenhum outro artifício pode proporcionar um grande bem) com maior cuidado de antes, seguindo os seus modos, observei sumariamente algumas coisas pertinentes ao poeta e ao orador, como eu acreditava: as quais, como desejam os Senhores, explicarei brevemente. Primeiramente, levando em conta e avaliando as suas palavras uma a uma, pareceu-me lógico considerá-las todas claras e elegantes, nenhuma vil, nenhuma vulgar, e ásperas somente poucas; e elas todas condizentes ao uso comum, tanto que parecia que com o conselho de toda a Itália as tivesse escolhido e organizado. Entre as quais, quase como

29 [N. d T.] Álbio Tibulo (em latim: *Albius Tibullus* ; Gábios, 54 a. C.— Roma ?, 19 a. C.) foi um poeta lírico latino.

30 [N. d T.] Públio Ovídio Naso, conhecido como Ovídio nos países de língua portuguesa (Sulmona, 20 de março de 43 a. C. — Constança, Romênia, 17 ou 18 d. C.) foi um poeta romano que é mais conhecido como o autor de *Heroides*, *Amores*, e *Ars Amatoria*, três grandes coleções de poesia erótica; *Metamorfoses*, um poema hexâmetro mitológico; *Fastos*, sobre o calendário romano; e *Tristia* e *Epistulae ex Ponto*, duas coletâneas de poemas escritos no exílio, no mar Negro.

notte, rilucevano alcune poche, parte antiche, ma di vecchiezza non dispiacevole; uopo, unquanco, sovente: parte vaghe e leggiadre molto, le quali quasi gemme belle agli occhi di ciascheduno, solamente da' gentili ed alti ingegni sono adoperate: quali sono gioja, speme, rai, disio, soggiorno, beltà, ed altre a lor simiglianti; le quali niuna lingua erudita non parlerebbe, nè scriverebbe la mano, se gli orecchi nol consentissero. Lungo sarebbe il contarvi distintamente tutti i verbi, gli adverbii, e l'altre parti d'orazione, che fanno illustri i suoi versi: ma una cosa non tacerò; che parlando della sua donna, e di lei ora il corpo, ora l'anima, ora il pianto, ora il riso, or l'andare, or lo stare, or lo sdegno, or la pietà, or la età sua, finalmente or viva or morta descrivendo e magnificando, le più volte i proprii nomi tacendo, mirabilmente ogni cosa dell'altrui voci suole adornare; chimando la testa oro fino e tetto d'oro; gli occhi soli, stelle, zaffiri, nido e albergo d'amore; le guancie or neve e rose, or latte e foco; rubini i labbri, perle i denti; la gola, il petto, ora avorio ora alabastro appellando. e questo basti alle dizioni: voi dal poco che io dico, il rimanente che è molto, per voi medesimi osserverete. Or venendo alla orazione, nella quale questo raro uomo le parole, che io vi lodai, con bella arte va componendo; risguardando alla copia io m'accorsi, che avendo detto una volta lume, foco, catena, diletto, dolore, ed altri tai nomi, mai li medesimi in quel sonetto non ridiceva; ma in loro loco raggio, luce, splendore, fiamma, ardore, faville, nodo, laccio, legame, gioja, piacere, pena, doglia, martiro, strazio, affanno, e tormento si diletta di replicare. Oltre di ciò

estrelas no céu sereno da meia noite, reluziam algumas poucas; em parte antigas, mas de uma antiguidade não desagradável: *uopo, unquanco, sovente*;³¹ em parte vagas e muito leves, as quais quase fossem belas pedras aos olhos de todos, foram utilizadas somente por engenhos nobres e gentis e são: *gioja, speme, rai, disio, soggiorno, beltà*³² e são empregadas outras parecidas aos outros sentimentos; as quais nenhuma língua erudita asalaria nem as escreveria, se os ouvidos não consentissem. Seria muito longo relatar separadamente todos os verbos, os advérbios, e as outras partes da oração que tornam ilustres os seus versos, mas, sobre uma coisa não calarei que, ao descrever sua mulher, e o seu corpo, a sua alma, o seu choro, o seu riso, o seu andar, a sua postura, o seu desdenho, a sua piedade e a sua idade, finalmente a descrevendo e magnificando tanto viva quanto morta, a maioria das vezes omitindo os nomes próprios, notavelmente quer adornar cada coisa com outros nomes, chamando a cabeça de ouro fino, cobertura de ouro, os olhos sóis, estrelas, safiras, ninhos e abrigo do amor; as bochechas às vezes neve e rosas, às vezes leite e fogo; rubis os lábios, telas os dentes, a garganta, o peito, às vezes, marfim, às vezes alabastro; e isso seja o suficiente acerca dos modos de dizer.

Os Senhores poderão observar por si mesmos o muito que sobrou do pouco que eu disse. Passando agora à oração, na qual esse homem tão raro vai compondo as palavras, que eu louvei com muita arte, prestando atenção na cópia, me dei conta que, tendo dito uma vez *lume, foco, catena, diletto, dolore*³³ e outros nomes similares, nunca reutilizava os mesmos naquele soneto, mas em seu lugar lhe agradava utilizar *raggio, luce, splendore, fiamma, ardore, faville, nodo, laccio, legame, gioja, piacere, pena, doglia, martiro, strazio, affano, tormento*.³⁴ Além disso, eu compreendi

31 [N. d T.] Necessidade, ainda não, muito.

32 [N. d T.] Alegria, esperança, desejo, demora, beleza.

33 [N. d T.] Luz, fogo, corrente, prazer, dor.

34 [N. d T.] Raio, luz, esplendor, chama, ardor, faíscas, nó, laço, relação, felicidade,

io compresi, che egli amava di contraporre i contrarii ed a quelli i proprii affetti e le proprie opere, propriamente parlando, di congiunger desiderava: della discordia de' quali, l'uno all'altro con misura corrispondendosi, usciva fuori il concento che sente ognuno, e pochi fanno la sua cagione. Ma veramente quella era cosa meravigliosa, e degna certo di dovere essere con diligenza osservata; che tai contrarii e tai voci, quasi fila della sua tela, in tessendo la orazione sono ordite in maniera, che nè aspre per la strettezza, nè troppo molli o allargate; ma salde, piane, ed eguali per ogni parte, stanno insieme le sue giunture: il che è tanto maggior virtù, quanto men della prosa i nostri versi volgari alle lor rime legati son tenuti di adoperarla. Ma perciocchè nella orazione, non solamente le dizioni e il loro sito consideriamo, ma forma e fine determinato, oltra'l quale non spazie, è mestieri di statuirle: la qual cosa non è altro che 'l numero (così il chiamorno gli antichi) del qual numero oggi promisi ed incominciai ma non compiei di parlarvi: acciocchè piena informazione d'ogni mio studio portiate, voi dovete sapere che 'l nostro numero, siccome quello dell'altre lingue, propriamente è misura della grandezza del verso; le cui parole ben disposte e ben terminate, altrettanto e più piacciono all'intelletto, quanto il suono, quanto la voce, quanto il mover della persona e de' piedi de' ballatori e de' musici, gli occhi e gli orecchi suol dilettere. Onde io giudico al tempo antico, forse in Provenza o in Sicilia, quei medesimi, che erano musici e danzatori, essere stati poeti: li quali pareggiando i lor versi ai balli, ai canti, ed ai suoni, or sonetti, or canzone, ed or ballate i lor poemi si nominarono. E' il vero, che altramente misuravano i versi loro i Latini, ed altramente noi volgari li misuriamo: quelli in sillabe dividendo le dizioni, di esse sillabe alcuna lunga ed alcuna breve facevano; le quali insieme adunate, varie misure e varie forme di numeri (piedi dicono li scrittori)

que ele amava contrapor os contrários, e a esses costumava acrescentar, falando propriamente, seus sentimentos e seus feitos. Da discordância entre esses opostos, pois se correspondiam com equilíbrio um ao outro, originava-se o conceito que todo leitor sente, mas que poucos entendem. Mas, na verdade, isso era algo maravilhoso e, com certeza, digno de ser observado com cuidado, pois, tais contrários e tais nomes, quase fossem os fios da sua teia, ao construir a oração, são organizados de tal forma que os seus conectivos estão juntos de tal maneira que não ficam nem ásperos, por causa da proximidade excessiva, nem demasiadamente fracos ou folgados; mas saldos, planos e iguais em toda parte. O que é tão mais louvável quanto menos é necessário utilizar dos artifícios da prosa nos nossos versos vulgares ligados às suas rimas. Mas, como consideramos na oração não somente os modos de dizer e a sua colocação, mas também a forma e o fim determinado, é necessário estabelecê-los para que não vão além. Sendo isso nada mais que um número (assim o chamaram os antigos); desse número hoje prometi falar e comecei e não terminei. Para que tenham uma informação completa acerca do meu estudo, os Senhores devem saber que o nosso número, assim como aquele das outras línguas, é propriamente a medida da grandeza do verso, cujas palavras bem dispostas e bem acabadas mais agradem ao intelecto, quanto costumam agradar aos olhos e aos ouvidos o som, a voz, o movimento das pessoas e os pés dos dançarinos e dos músicos. Por isso, eu julgo que, na antiguidade, talvez na Provença e na Sicília, os que eram músicos e dançarinos eram também poetas, os quais, comparando os seus versos com as danças, os cantos e os sons aos sonetos, nomearam assim seus poemas. E é verdade que os latinos mediam os seus versos de outra forma, e de outra forma os medimos nós vulgares: aqueles dividindo as orações em sílabas e essas sílabas eram algumas longas e outras breves; as quais, uma vez juntadas, davam origem a várias medidas e várias formas de números (que os escritores

jambi, trochei, spondei, dattili, ed anapesti ne venivano a riuscire; con esso i quali i lor versi a oncia a oncia si misurassero e numerassero. Ma noi altri i nostri versi volgari con minore arte e con più ragion misurando, frutto eguale a' Latini finalmente ne riportiamo. perciocchè non curando della lunghezza nè brevità delle sillabe, solamente contandole, quelle in uno accogliamo; e così accoltre con diletto degli ascoltanti rendono intiera la clausula, ed in verso ne la convertono. Il qual modo di misurare è cosa pura e sincera molto; che non perturba le sillabe, nè le parole, di cui sono parti, scema o rompe nel mezzo; ma ne' lor luoghi co' loro suoni ed intendimenti lasciandole, sane e salve per tutto 'l verso le ci conserva. le quai cose non fanno forse i Latini, o non le fanno sì bene: i quali considerando le sillabe non come parti di dizione, ma in quanto brevi ed in quanto lunghe, troncando col loro scandere le parole e non parole rendendole, fanno numeri che non son numeri, ma passi o braccia, o altra cosa cotale misurante la orazione; non altramente, che se ella fosse una superficie ben continua e di un pezzo solo. nel qual caso spesse volte quello a' Latini suole avvenire mentre essi scandeno i versi loro, che a' Latini ed a noi con li cantori adiviene; i quali concordando le parole alle note, senza curar dei significati, fan barbarismi non sopportabili. Non vuò però che creggiate che la volgare scansione sia puro numero, tanto che sole undici sillabe, comunque insieme s'adunino, facciano il verso Toscano: ma è mestieri in numerandole, anzi che all'ultima si pervegna, alquanto in su la quarta, o in su la sesta, o in su la ottava sedere, ove ricogliendo lo spirito facilmente infino al fine ci conduciamo. Bisogna adunque che la quarta, la sesta, e la ottava sillaba sia cosa piana; in maniera che la voce già faticata comodamente vi si riposi ed adagie. Però non è verso

Voi che in rime sparso ascoltate il suono:
nè quello

chamam de pés): jâmbico, troqueu, espondeu, dátilo, anapesto; com isso, os seus versos mediam e numeravam um por um. Mas nós, medindo os nossos versos em vulgar, com menor arte e com mais razão, alcançamos finalmente resultados iguais aos latinos, pois, não cuidando do comprimento nem da brevidade das sílabas, mas somente contando-as, as reunimos em uma e, juntadas dessa forma, deleitando os ouvintes, elas rendem inteira a cláusula e a convertem em verso. Tal forma de medir é algo puro e muito sincero, que não perturba as sílabas nem as palavras das quais são parte. Esse modo diminui ou quebra no meio, mas deixa as sílabas nos seus lugares com seus sons e significados e as conserva no verso todo, sãs e salvas. Essas coisas não fazem talvez os latinos, ou não as fazem tão bem, pois, ao considerar as sílabas não como partes da oração, mas enquanto breve e enquanto longas, truncando com a sua pronúncia as palavras e tornando-as assim não palavras, criam números que não são números, mas passos ou braços, ou outra coisa desse tipo com a qual medem a oração; como se ela fosse nada mais que uma superfície única e bem contínua. Acontece frequentemente aos latinos, quando pronunciam os seus versos, o que a eles e a nós acontece com os cantores, os quais concordam as palavras com as notas sem cuidar dos significados, criando assim estrangeirismos insuportáveis. Não quero, porém, que acreditem que a pronúncia vulgar seja mero número, tanto que somente onze sílabas, ainda que se juntem, constituam o verso toscano, mas é costume ao numerá-las, antes que se chegue à última, se deter na quarta, ou na sexta, ou na oitava quando, recolhendo o espírito, facilmente conseguimos chegar até o fim. Precisa então, que a quarta, a sexta e a oitava sílaba sejam oxítonas, de modo que a voz já cansada possa descansar comodamente e apoiar-se nela. Porém, não é um verso:

Voi che in rime sparso ascoltate il suono:

nem aquele

Voi che in rime sparso il suono ascoltate:

ma bene è bello e buon veso con tutti gli altri di quel sonetto,

Voi che ascoltate in rime sparso il suono.

Forse direte; con qual ragione da' poeti volgari la undecima sillaba, quasi l'una delle colonne di Ercole, fu posta al verso per termine, oltre al quale non si mettesse? A che rispondo, che così volsero i primi padri del verso di questa lingua; li quali per avventura mal potevano accomodarlo a' suoni, a' canti, ed a' balli loro, se più oltra lo distendevano. o è più tosto, che'l nostro verso Toscano allora è verso perfetto, quando egli è giunto all rima. Adunque perchè più tosto si conducesse a perfezione, di sole undici sillabe alla più lunga il formarono, concedendogli privilegio di poter farsi più breve, e col consiglio di chi l'ascolta, alcuna volta con cinque, ma sovente con sette sillabe intieramente pronunciarsi. Molte altre cose vi potrei dir della rima; ma non è tempo da ragionarne. però passando alla prosa, nostra propria materia, nella quale se egli v'ha numero alcuno, noi il togliamo dal verso ed in lei lo trapiantiamo o innestiamo; facilmente dalle cose già dette si può concludere, che i suoi numeri non son dattili nè spondei, ma sono appunto i medesimi che noi troviamo nel verso; se non che 'l verso riposando in su le quattro, in su le sei, o in su le otto sue sillabe, e nelle undici terminando, ha più certi e più noti i suoi numeri, che la prosa non ha: nella quale sarebbe vizio non piccolo, se la sua clausula posata alquanto in sul quarto passo, totalmente in su l'undecimo si fermasse. Dunque in qual modo vi dirò io, che 'l Boccaccio fuggendo il verso, la orazione delle sue centro Novelle s'ingegnasse di numerare? certo questo non è impresa da scherzo, nè io l'ho presa perchè io mi vanti di consumarla e condurla a buon fine; ma acciochè conosciate quali e quanti infin ora sono stati i miei studii, e di che piccola utilità

Voi che in rime sparso il suono ascoltate:

mas, é um verso bom e lindo, como todos os outros daquele soneto

Voi che ascoltate in rime sparso il suono.

Talvez os Senhores digam: por qual razão a décima primeira sílaba foi posta como término do verso pelos poetas vulgares, quase fosse uma das colunas de Hércules, além das quais nada se colocaria? E eu respondo que, assim quiseram os primeiros pais do verso dessa língua, os quais por ventura mal podiam acomodá-lo aos sons, aos cantos e às suas danças, se o tivessem estendido mais além. Ou talvez porque o nosso verso toscano é então perfeito quando ele chega até à rima. Então, para que mais rapidamente se chegasse à perfeição, formaram o verso mais longo com onze sílabas, concedendo-lhe o privilégio de poder ser mais breve e, conforme o juízo de quem escuta, poder ser pronunciado inteiramente alguma vez com cinco, mas frequentemente com sete sílabas. Poderia dizer-lhes muitas outras coisas acerca da rima, mas não é momento para tal; porém, passando à prosa, nosso assunto específico, na qual, se existe algum tipo de número, nós o tiramos do verso e o transplantamos e o implantamos nela. Das coisas já ditas, se pode facilmente concluir que os seus números não são dátilos nem espondeus, mas são de fato os mesmos que nós encontramos no verso, com a diferença que o verso, se detendo na quarta, na sexta ou na oitava sílaba e terminando na décima primeira, tem números mais certos e mais evidentes, ao contrário da prosa, na qual seria muito estranho se a sua cláusula se detivesse no quarto verso, e terminasse totalmente no décimo primeiro. Então, de que forma eu lhes diria que Boccaccio, fugindo do verso, tentou numerar a oração das suas cem novelas? Com certeza isso não é uma brincadeira, nem eu resolvi fazer isso para tirar vantagem ou para conduzi-los a um bom fim, mas para que conheçam quais e quantos até agora tem sido os meus estudos e como, após um longo esforço, redundaram em algo de

dopo lunga fatica mi sono suti cagione. Voi oggidì, se non altro, si almeno di meglio spendere il vostro tempo, che il mio non seppi fare, imparare a mie spese. Considerando con diligenza or le parole, le quali usa il Boccaccio e di cui dianzi vi ragionai, or la loro composizione, ora i fini d'alcune clausule, or le materie delle Novelle; niuna cosa mi si parava innanzi, che numerosa, cioè compita e da ogni parte perfetta, non mi paresse di ritrovarla. E' il vero, che per diverse cagioni ciò avvenir giudicava, ed or natura ed ora arte lo esestimava; e per dirvi ogni cosa, or con gli orecchi del corpo, or con la mente dello 'ntelletto di così credere mi consigliava. La eleganzia ed antichità de' vocaboli, co' loro suoni piacevoli, le mie orecchie naturalmente di diletto disiderose compitamente addolcivano: la proprietà e traslazione, la natura d'alcune cose perfettamente allo 'ntelletto rappresentando, senza modo mi dilettevano. Fanno ancora in un'altra guisa numerose le sue Novelle i pari, i simili, ed i contrarii; li quali, siccome è loro natura, alcune volte in alcune clausule pienamente corrispondendosi, nel paragone acquetandomi, non potevano non contentarmi. Per la qual ragione a me pareva di poter dire, gli avvenimenti di Pinuccio e di Nicolosa, di Spinelloccio e del Ceppa, di Cimone, di Salabertto, d'Ambrogiuolo e di Bernabò, beffa a beffa, ingiuria a ingiuria, e caso a caso totalmente quadrando, le lor novelle far numerose. Numerosa altresì possiamo dire l'orazione, ove il fante di frate Cipolla Guccio Imbratta, ove la bellezza della valle delle donne, la grossezza di Ferondo, la vanità di madonna Lisetta, la confessione di ser Ciappelletto, e finalmente la mortalità di Firenze ci è descritta sì fattamente, che più oltra non si disidera. Parla ancora in alcuni luoghi or la Licisca, or Bentivegna del Mazza, or la suocera d'Arriguccio, or la moglie di quel di Chinzica, e dice cose e parole in maniera alla persona convenienti, che par che intiera ne la ritraggano; quello

pouca utilidade. Os Senhores hoje, pelo menos, aprenderão às minhas custas, como utilizar melhor o seu tempo, ao contrário do que eu consegui fazer. Considerando com diligência, às vezes as palavras que usa Boccaccio, e acerca das quais antes eu falei, às vezes a sua composição, às vezes os fins das orações e às vezes os assuntos das *Novelas*, não havia nenhuma delas que, ao observá-la, não me parecesse completa e perfeita em cada sua parte. É verdade que julgava isso por diversas razões, e o estimava ou por natureza ou por arte; e, para ser sincero, eu acabava acreditando nisso, às vezes pelo ouvido do corpo, e às vezes pela mente do intelecto. A elegância e a antiguidade dos vocábulos, com os seus agradáveis sons, adoçavam completamente minhas orelhas naturalmente desejosas de prazer: a propriedade e o deslocamento e a natureza de algumas coisas perfeitamente representando o intelecto, me agradavam de forma artificial. Os pares, os similares e os contrários tornam de outra forma as suas novelas bem estruturadas; e, conforme a sua natureza, ficavam tão coordenados algumas vezes em algumas cláusulas, que me satisfaziam, esgotando assim meu estudo comparativo. Por esse motivo, parece-me possível afirmar que os acontecimentos de Pinuccio e de Nicolosa, de Spinelloccio e de Ceppa, de Cimone, de Salaberto, de Ambrogioiolo e de Bernabò, totalmente enquadrados engano por engano, injúria a injúria, e caso a caso, tornavam as suas Novelas bem estruturadas. Também bem coordenadas são as orações descritivas acerca do valete do padre Cipolla, Guccio Imbratta; acerca da beleza do vale das mulheres, da grosseria de Ferondo, da vaidade da senhora Lisetta; acerca da confecção de Ciappelletto e, finalmente, acerca da moralidade de Florença; todas descritas tão fartamente que satisfazem o desejo do leitor. Ainda fala em alguns momentos, ora a Liscia, ora Bentivegna del Mazza, ora a sogra de Arriguccio, ora a mulher daquele tal Chinzica, e diz coisas e palavras de uma forma condizente à pessoa que parece descrevê-la totalmente, ele retratando com tinta

formando col puro inchiostro, che Tiziano solennissimo dipintore co' colori e con l'arte sua non potrebbe adombrare. Ma il numeroso di che v'ho detto fin qui, perchè può essere ed è forse non poche volte da niun numero accompagnato, non è il buono di cui ho tolto a parlarvi; bene è cosa da farne stima, e che a trovare quel che cerchiamo, facilmente ne può guidare e far lume: però passando più oltra, al componer delle parole ed al finir delle clausule, come dovemo, arriviamo. Delle quali due cose, l'una non è possibile che senza numero sia numerosa; l'altra è fontana del numero e d'ogni bene che fa perfetta la orazione. Adunque incominciando dalla fontana, quindi a' ruscelli venendo, a me pare, ed in effetto è così, che l'orazione delle Novelle è talmente composta, che chi ha orecchie non inumane, facilmente s'avvede quanto ella tiene di perfetto e di numeroso. La cagione, oltra a quello che pur dianzi ve ne diceva, non le orecchie ma l'intelletto dee far prova di ritrovare. E per certo quantunque volte adivieni, che con parole gentili e sì tra loro adunate, che nè aspra nè aperta la loro fabbrica ne riesca, alcun concetto esplichiamo; altrettanto senza altro numero è numerosa la orazione. e tale è quella delle Novelle: alla quale fu sì intento il Boccaccio, che alcune volte uno e due versi nascondono, o non gli vide, o veduti di levarneli non si curò; ma quasi ellera o caprifici, che da se stessi fra sasso e sasso germogliano, nelle sue prose li comportò. Ma così come dalle parole ben composte fra se medesime alcuna volta per la prosa delle novelle nascono versi, de' quali quanto sono migliori, tanto è peggio abbondare; così in esse molte fiato, anzi sempre, varii numeri d'orazione, parte gravi, parte vaghi e leggiadri, sono usati di pullulare: con esso i quali il Boccaccio non più a caso o per natura delle parole, ma con leggiadro artificio va legando le sue

pura algo que Ticiano,³⁵ magnífico pintor, com as cores e com a sua arte não conseguiria ofuscar. Mas, todos esses exemplos de boa redação do que eu disse até aqui, pode ser que também venham sem concordância, mas de qualquer forma não deixei de falar, pois é algo que devemos estimar e que facilmente nos pode guiar e esclarecer até encontrar o que buscamos. Porém, passando adiante vamos chegar à composição das palavras e à terminação das orações, como deveríamos. Das duas coisas, uma não é possível, porque sem número não há concordância; a outra é fonte do número e de todo o bem que torna a oração perfeita. Então, começando pela fonte, e seguindo com os riachos, me parece, e de fato é assim, que a oração das novelas está organizada de tal forma que, para quem não tiver ouvidos desumanos, facilmente se dá conta de quanta perfeição e concordância ela possui. A razão, além do que falei anteriormente, deve conseguir reencontrar não os ouvidos, mas o intelecto. E, com certeza, ainda que às vezes aconteça explicar algum conceito com palavras gentis, e encaixadas entre si de tal forma que sua constituição resulte nem áspera, nem aberta; da mesma forma, sem nenhum número pode ser construída uma oração, como acontece nas *Novelas* de Boccaccio, o qual se dedicou tanto à oração que, algumas vezes, surgiram um ou dois versos, que uma vez vistos não teve o cuidado em tirá-los, e quase fossem trepadeiras, que por si só germinam entre as pedras, inseriu-os nas suas prosas. Mas, assim como nas *Novelas* das palavras bem ordenadas entre si, alguma vez, em decorrência da qualidade de sua prosa, surgem versos – quanto melhores forem mais deveriam ser usados –; da mesma forma, muitas vezes, aliás, sempre, vários elementos da oração, em parte graves, em parte vagos e leves, costumam sobressair. Mediante esses elementos, Boccaccio não mais ao acaso ou pela natureza das palavras, mas com gracioso artifício,

35 [N. d T.] Ticiano Vecellio ou Vecelli, em italiano *Tiziano Vecellio*, (Pieve di Cadore, ca. 1473/1490 — Veneza, 27 de agosto de 1576) foi um dos principais representantes da escola veneziana no Renascimento antecipando diversas características do Barroco e até do Modernismo.

sentenze, quelle in quadro acconciando, e fra i termini delle lor clausule compitamente accogliendo. I quai numeri moderando la orazione, e la vaghezza del corso suo con piacevoli intoppi soavemente affrenando, hanno virtù non solamente di dilettarne, ma di giovarne. che in quel modo che la destrezza della persona con la possanza congiunta le nostre forze fa graziose, e rende l'uomo nel difendersi più sicuro, e nell'offender più impetuoso e piu fiero; così la prosa da cotai numeri accompagnata è più cara ad udire, e quei concetti che ella significa, con maggiore efficacia ci suole imprimer nello 'ntelletto. Forse aspettate che io ve li nomini, e che in trochei, jambi, dattili, ed altri piedi cotai latinamente parlando gli vi distingua? ma indarno aspettate: che se nel verso, ove nascono ed onde li prende l'orazione, non son nomati nè figurati; nella prosa, ove essi son peregrini, quai figure o quai nomi può loro dare chi ne ragiona? Adunque a' luoghi, dove essi albergano, conducendovi e quasi muto additandogli, il rimanente al vostro studio commetterò. Ma voi dovete sapere, che così come la composizion della prosa è ordinanza delle voci delle parole, così i numeri sono ordini delle sillabe loro; con li quali dilettaudo gli orecchi, la buona arte oratoria incomincia, continua, e finisce l'orazione. perciocchè ogni clausula come ha principio, così ha mezzo e fine: nel principio si va movendo ed ascende; nel mezzo, quasi stanca della fatica, stando in piè si posa alquanto; poi discende e vola al fine per acquetarsi. Ora in quanti luoghi della sua via di qua dal fine debbia posarsi la orazione, e quante sillabe dal principio sia lontana la prima pausa, non è precetto che nel comandi, e comandandolo ragion sarebbe il non ubbidirlo; sì perchè la prosa vuole esser libera, onde il numero non le è legame ma compimento; sì per fuggire il fastidio, che coi medesimi numeri detti e ridetti più volte ci recarebbe

vai unindo as suas sentenças, as enquadrando, e inserindo de forma organizada os termos das suas cláusulas. Tais elementos, moderando a oração e amenizando a vagueza da sua prosódia com prazerosos obstáculos, possuem a virtude não somente de deleitar, mas também de trazer benefício, pois da mesma forma que a habilidade da pessoa juntamente com a potência torna as nossas forças graciosas, e faz com que o homem se defenda de forma mais segura, mas com mais ímpeto e mais orgulho, assim a prosa, acompanhada de tais elementos, é mais agradável de ser ouvida, e, aqueles conceitos que ela significa, costuma estampar com mais eficácia no intelecto. Talvez esperem que eu os nomeie e que os distinga falando latinamente em troqueus, jâmbicos e dátilos, e outras medidas? Mas os Senhores esperam em vão. Pois se no verso, onde nascem e de onde a oração os apanha, não são nomeados nem descritos; na prosa, onde eles são clandestinos, quais figuras ou quais nomes pode dar-lhes quem os descreve? Portanto, conduzindo-os e quase mudo apontando-lhes os lugares onde eles habitam, deixarei o restante desse assunto ao seu estudo. Mas os Senhores devem saber que, assim como a composição da prosa se deve à seleção das palavras, assim a dos versos se deve à ordem entre as suas sílabas; com esses versos deleitando os ouvidos, a boa arte oratória começa, continua e termina a oração. Pois toda oração, como tem princípios, também tem meio e fim: no princípio se começa a argumentação e depois se intensifica; no meio quase cansada pelo esforço, permanecendo em pé descansa um pouco; em seguida, desce novamente e voa até o fim para se aquietar.

Ora, em quantos lugares do seu caminho antes do fim deva deter-se a oração, e quantas sílabas do princípio esteja distante a primeira pausa, não existe preceito que nos ensine; e ainda que nos guiasse seria razoável não obedecê-lo. Isso porque a prosa quer estar livre, por isso a concordância não é para ela uma norma, mas é um fim; tanto para evitar o incômodo que nos traria a oração se usássemos sempre as mesmas concordâncias mais

l'orazione; sì ancora perchè a sentenzie ed affetti dispari, pari intervalli di parole non si convengono. Che se 'l verso no fastidisce, ciò adiviene perchè 'l suo numero è puro numero, e quasi muro della sua fabbrica; il quale smaltato con altri numeri più rilevati, pari, simili, e contrarii, e d'ogn intorno di rime, d'epiteti, e di figure dipinto, perde il colore; maggiormente che molte volte il fin del verso è principio, e talor mezzo della sentenza. ma nella prosa un medesimo numero è delle cose e delle parole: però abbondando di dipinture sarebbe opra affettata; non dilettevole ed oratoria, ma ridicola e puerile. Adunque ricogliendo le cose dette, e fra se stesse paragonandole concluderemo, una mesima orazione per diverse cagioni potere essere numerosa e non numerosa; perciocchè 'l verso può esser verso, ma di parole vilissime e mal composte; ed è talora che la rima, e quei contrarii, e quei simili fan sonora, ma aspra molto l'orazione: e la composizione elegante spesso fiate guasta il verso, e non verso fa giudicarlo. Similmente la prosa alcuna volta ben compone le parole non belle, ed altra volta le belle malamente va componendo: e può occorrere, che siccome nella musica bene e spesso le buone voci discordano, e le non buone o per usanza o per arte sono tra loro concordi; così i pari, i simili, ed i contrarii, cose tutte per lor natura ben risonanti, qualche volta con voce aspra difforme, qualche volta scioccamente ed a bocca aperta va esplicando la orazione. finalmente molte fiate intraviene, che la prosa perfettamente composta, quasi fiume del proprio corso appagandosi, non si cura non che di giungere al fine, ma di posarsi per lo cammino; e va sempre; e se 'l fiato non le mancasse, continuamente tutta sua vita camminarebbe. però a' numeri ricorriamo, li quali attraversando la strada, piacevolmente con lusinghe e con vezzi a rinfrescarsi ed albergare con loro la invitino, e non valendo la cortesia, vogliano usare le forze, e per ben suo mal suo grado con violenza l'arrestino.

que uma vez, quanto ainda, porque não é condizente estruturar as sentenças e afetos irregulares com intervalos de palavras regulares. Se o verso não nos incomoda, isso acontece porque a sua concordância é pura concordância, e quase muro da sua estrutura; que, esmaltado com outras camadas de concordâncias iguais, similares e contrárias, e, pintado com uma variedade de rimas, epítetos e figuras perde a sua cor. Ainda mais considerando que muitas vezes o fim do verso é o seu principio e, às vezes, o meio da sentença. Por outro lado, na prosa, a mesma concordância se estabelece entre as coisas e as palavras, e, por isso exagerando com os enfeites, se tornaria uma obra artificial, nada prazerosa e oratória, mas ridícula e pueril. Portanto, retomando as coisas ditas e comparando-as entre elas, concluímos que uma mesma oração, por diferentes motivos, pode ter ou não concordância; pois o verso pode ser verso, mas com palavras baixas e mal ordenadas; e, às vezes, alguns antônimos e alguns sinônimos tornam sonora a rima, mas tornam muito áspera a oração. E a composição elegante muitas vezes estraga o verso e faz com que não seja julgado tal. Igualmente, a prosa alguma vez bem ordena as palavras não belas, e outra vez as belas acaba ordenando mal. E pode acontecer que, assim como na música, frequentemente as belas vozes não se harmonizam, e as não belas, ou por hábito ou por arte, se harmonizam, assim os pares, os similares e os contrários, todas as coisas por sua natureza bem ressoantes, alguma vez com voz áspera e disforme, outra vez estupidamente e com a boca aberta, a oração vai explicando. Finalmente, muitas vezes acontece que a prosa, composta perfeitamente, quase rio que se apraz do próprio curso, não cuida para chegar ao fim, mas para não deter-se pelo caminho, e segue; e se o fôlego não lhe faltasse, correria continuamente por toda a sua vida. Porém, recorreremos à concordância, a qual, atravessando a estrada, prazerosamente, com elogios e com manias a convida a refrescar-se e descansar juntas; e não conseguindo com a cortesia, faz uso da força, e para seu bem contra a sua vontade, com a violência aprende.

Sor. Questa legge de' numeri della prosa volgare par molto incerta e confusa, non distinguendo ove, quando, e quante fiate di qua dal fine debbia fermarsi l'orazione; nè con quai piedi cammini, o a qual termine si conduca per riposarsi. Ma che è quello che voi diceste, che a sentenzie ed affetti dispari, pari intervalli non si convengono? e come è vero che nella prosa più che nel verso, un medesimo numero sia delle cose e delle parole?

Broc. Brevemente risponderò: voi, come fate, attentamente ascoltatevi. Io pur dianzi, dell'oratore e del musico, e de' lor numeri ragionandovi, ebbi a dire che 'l musico ponendo insieme le voci gravi ed acute, e co' suoi numeri misurandole compiaceva agli orecchi; ma l'oratore con le parole, della mente similitudini, l'anima nostra di sollazzo disiderosa s'ingegnava di dilettere. Adunque egli è officio dell'oratore delle parole non solamente ben risonanti, ma intelligibili ed a' concetti significati corrispondenti. che siccome nei ritratti di Tiziano, oltre il disegno, la simiglianza consideriamo; e sendo tali, siccome son veramente, che i loro esempj pienamente ci rappresentino, opra perfetta e di lui degna gli esistiamo: così ancora nell'orazione con la testura delle parole, coi loro numeri, e con la loro concinnità le intenzioni significate paragoniamo; procurando che le parole pronunciate si pareggino alle sentenzie, e con quello ordine le significhino, che l'ha notate la mente. Per la qual cosa se i concetti son gravi, le parole a dover loro rispondere deono farsi di sillabe, che la lingua peni alquanto nel proferirle: siano spessi i riposi, e non s'indugie il finire. Il contrario nelle parole e nelle sentenzie piacevoli veggio fare al Boccaccio: ed altrettanto possiamo dir degli affetti. Perciocchè i collerici con parole all'umore proporzionate, volubili e preste molto; ma i maninconici pigramente, ed agguagliando con le parole l'umore, sono da esser pronunciati. che avvegnadio che 'l Toscano nel numerar delle sillabe non ponga mente alla

Soranzo: Esta lei das concordâncias da prosa vulgar parece muito incerta e confusa, não distinguindo onde, quando e quantas vezes antes do fim deva terminar a oração, nem com quais pés caminhe e a qual destino se direciona para repousar. Mas não é isso mesmo que o Senhor disse? Que as sentenças e os afetos ímpares não se condizem em intervalos pares? E como é verdade que, na prosa mais do que no verso, uma mesma concordância seja das coisas e das palavras?

Brocardo: Responderei brevemente: o Senhor, como sempre faz, escute-me atentamente. Realmente, antes, ao raciocinar sobre a concordância do orador e do músico, observei que o músico, colocando juntas as palavras graves e agudas e as medindo com os seus números, agradava aos ouvidos; mas, o orador, com as palavras que são equivalências da mente, se esforça em agradar a nossa alma desejosa de prazer. Portanto, é ofício do orador dizer palavras que não somente ressoam bem, mas que sejam inteligíveis e correspondam aos conceitos que significam. Pois, assim como nos retratos de Ticiano, consideramos além do desenho, a semelhança; e, sendo tais, como verdadeiramente são, pois os seus exemplos nos representam completamente, a consideramos uma obra perfeita e digna dele; ainda assim, na oração, com a ordem das palavras, composta com a sua concordância e com a sua simetria as intenções significadas, buscando que as palavras pronunciadas sejam iguais às sentenças, e as signifique com a mesma ordem com a qual a mente as percebeu. Por esse motivo, se os conceitos são sérios, as sílabas devem se constituir em palavras de tal forma que a língua sofra bastante em pronunciá-las, sejam frequentes as pausas e não demorem em concluí-las. Vejo acontecer o contrário nas palavras e nas sentenças de Boccaccio. E a mesma coisa podemos dizer das emoções, desde que sejam pronunciadas pelos iracundos com palavras proporcionadas ao humor, volúveis e muito efêmeras; e pelos melancólicos, com preguiça, e uniformizando o humor com as palavras. Queira Deus que o Toscano, ao concordar as sílabas, não repare no seu

lunghezza o brevità loro, sì che piedi se ne componga; nondimeno noi proviamo ogni giorno, che in esse sillabe con più tempo e più aspramente si proferiscono le consonanti, che le vocali non fanno. Il che Dante considerando, alcuna volta nelle canzoni e nella commedia, non a caso o per consuetudine, ma a bello studio elesse rime molto aspre; non per altro, salvo perchè al soggetto di che parlava, aspro molto e privo al tutto d'ogni dolcezza, si convenissero. Ma perciocchè 'l poeta altro non vuole che dilettarne, e l'oratore dilettaudo ci persuade; però è mestieri che le parole dell'oratore totalmente si confacciano a' concetti significati; e che i numeri della prosa, cioè il principio, il mezzo, ed il fin suo vada a paro co 'l mezzo e col principio delle sentenzie: il che de' versi non adiviene; i cui numeri non da' concetti dello 'ntelletto; ma da' balli, suoni, e canti son dependenti. E quindi viene che i perfetti oratori son rari in numero più che i poeti non sono: li quali avvegnadio che grandemente siano obbligati a' lor numeri, e però il verso paja opra laboriosa e di grandissimo magisterio; nondimeno certi essendo in qual sua parte cotali numeri si riparino, senza molto pensarvi suso, subitamente li ritroviamo; e dagli orecchi guidati, al mezzo e al fine facilmente con esso loro ci conduciamo. Ma altra cosa è la prosa; la quale dilettaudo e persuadendo, con gli orecchi e con l'intelletto siamo obbligati di misurare; guardando sempre che le parole non sian più corte o più lunghe della sentenza significata: che ciò essendo, troppo oscura o troppo fredda riuscirebbe la orazione. Sono adunque i suoi numeri meno sensibili, ma assai più nobili; un po' più liberi, ma non men certi di quei del verso: ma non appare la lor certezza, albergando nelle sentenzie, le quai sono cose intellettuali. Ed oso dire, che così come più perfetta è la musica delle tre voci, che delle due; come ancora è più perfetta la dipintura di più colori, che non è quella di pochi; così la prosa, nella quale agli orecchi ed allo 'ntelletto si concorda la lingua, è orazione più numerosa

comprimento ou na sua brevidade, para compor pés; por outro lado, nós comprovamos todo dia que nessas sílabas, com mais demora e mais asperamente, se pronunciam as consoantes do que as vogais. Dante, considerando isso, utilizou rimas muito ásperas, algumas vezes nas poesias e na Comédia, não por acaso ou por hábito, mas devido a um estudo rigoroso; isso porque fossem condizentes ao assunto do qual falava, muito áspero e privado de qualquer tipo de doçura. Mas é por isso que o poeta quer somente nos agradar, e o orador nos persuade agradando. Porém, é oportuno que as palavras do orador sejam totalmente condizentes aos conceitos significados, e que as partes da prosa, isto é, o princípio, o meio e o fim, concordem igualmente com o meio e com o princípio das sentenças; fato que não acontece nos versos, cujas partes não dependem dos conceitos do intelecto, mas do ritmo, dos sons e dos cantos. E disso decorre que os perfeitos oradores são mais raros numericamente que os poetas, os quais, ainda que sejam fortemente limitados pelas suas normas, e o verso pareça uma obra muito trabalhosa e de muita habilidade, mesmo assim, percebendo com certeza em qual parte essa concordância se encontre, sem pensar muito nisso, os reconhecemos imediatamente; e guiados pelos ouvidos facilmente chegamos ao meio e ao fim graças a ela. Outra coisa é a prosa, a qual, agradando e persuadindo, temos a obrigação de medir com os ouvidos e com o intelecto, tendo cuidado sempre que as palavras não sejam mais curtas ou mais longas que a sentença significada, pois, nesse caso, a oração se tornaria demasiadamente obscura ou fria. São então suas partes menos sensíveis, mas muito mais nobres, um pouco mais livres, mas não menos precisas daquelas do verso; mas não aparece a sua precisão, pois reside nas sentenças, que é mais intelectual. E ousou dizer que, assim como mais perfeita é a música de três vozes, do que aquela de duas, assim como é mais perfeita a pintura com mais cores que não a de poucas, da mesma forma a prosa na qual a língua se harmoniza aos ouvidos e ao intelecto, é uma estrutura mais completa que a do verso, no qual

del verso; ove la lingua e gli orecchi, due sole membra del nostro corpo, sono usate di convenirsi. Questo è il conto de' studii da me fatti fin ora nel Petrarca e nelle Novelle con fatica grandissima, e con quel frutto che voi vedete: nè me ne pento del tutto, sperando che i miei errori siano altrui occasione di dover bene operare: a me non già, il quale avvezzo a fallire a pena veggo il mio fallo, non che io possa ammendarmi.

Sor. Se il vostro fallo è sì piccolo, che voi peniate a vederlo; siate certo che agli altrui occhi sie totalmente invisibile: però potete non ne curare.

Broc. L'errore è grande e da se stesso assai noto; ma la mia vista usa alle tenebre della ignoranza, tanto che basti non lo discernere; e, che è peggio, vinta dal lume di verità non può affisarsi nel suo splendore.

Sor. Per grazia additatemmi questo errore; e se la vostra ignoranza ha privilegio di potermi giovare insegnandomi alcuna cosa, non la tenete oziosa.

Broc. Molti sono gli errori, onde io mi trovo impacciato; ma tutti nascono dalla radice, di che dianzi vi ragionai: cioè che l'arte Latina dell'orare e del poetare sia diversa dalla Toscana. Il che è errore a ciascheduno manifestissimo. quindi argomento che le mie lunghe e puerili osservazioni siano errori; specialmente quella de' numeri, della cui armonia le mie orecchie di miglior suono disiderose compitamente non si contentano.

Sor. Della materia de' numeri poco avrete da favellare, se a' jambi e a' dattili non ricorrere. ma io non vedo in qual modo con le misure Latine la nostra prosa volgare si possa far numerosa.

Broc. Nè io il vedo; ma altri forse sel vederà.

são usados somente dois membros do nosso corpo: a língua e os ouvidos. Esse é o relato dos estudos que fiz com muito afínco sobre Petrarca e sobre as *Novelas*, e continuo a fazê-lo com grande empenho alcançando os resultados vistos pelos Senhores. Não me arrependo completamente disso, esperando que meus erros possam ser aproveitados melhor por outra pessoa, pois para mim já não serve mais, pois, acostumado a errar, vejo apenas o meu erro, mas não como apagá-lo.

Soranzo: Se o erro do Senhor é assim pequeno, que se deve fazer esforço para vê-lo, certamente a outros olhos é totalmente invisível, então não se preocupe.

Brocardo: O erro é grande e notável por si só, mas a minha vista está acostumada com as trevas da ignorância, que é o suficiente para não o enxergar. E o que é pior, vencida pela luz da verdade não consegue fitar o seu esplendor.

Soranzo: Por favor, me indique esse erro; e se a sua ignorância tem o privilégio de poder me ajudar ensinando alguma coisa, não a deixe ociosa.

Brocardo: Muitos são os erros que me confundem. Mas todos nascem da raiz, da qual antes falei, ou seja, que a arte latina do orar e do poetar é diferente da toscana. Erro este evidente para todos. Então argumento que as minhas longas e pueris observações sejam erros, especialmente aquela sobre a concordância, da qual a harmonia das minhas orelhas, desejosas do melhor som, não se contenta sistematicamente.

Soranzo: O Senhor tem pouco a contar sobre a matéria da concordância, se não recorrer aos jâmbicos e aos dátilos. Mas eu não vejo de qual forma se possa construir a concordância da nossa prosa vulgar seguindo a medida quantitativa dos latinos.

Brocardo: Nem eu o vejo, mas provavelmente alguém verá.



Sor. Primieramente bisognerebbe far versi esametri e pentametri in questa lingua, dando loro quei piedi, onde i Latini sono usati di camminare: poscia alla prosa venendo, con quei medesimi in altra guisa disposti faticarsi di numerarla: ma ciò è cosa impossibile; però il Petrarca nè il Boccaccio non la tentò. Noi adunque che sotto lor militiamo, per le loro orme venendo procuriamo di seguirarli, contentandoci che dopo loro, nel loro ordine non secondi, ma terzi o quarti ci nominiamo.

Broc. Certo questo ho fatto io, mentre io era d'opinione, che la nostra arte oratoria e poetica altro non fusse, che imitar loro ambidue, prosa e versi a loro modo scrivendo: ed al presente più che mai fessi il farei, vinto dal piacer della lezione, e dal disio dell'onore che fa il mondo a chi gli assomiglia; se ciò non fusse, che Cicerone in alcun libro della sua arte oratoria, cotal guisa di studio da Carbone adoprato grandemente suol biasimare; lodando allo 'ncontro il tradurre d'una lingua in un'altra i poemi ed orazioni de' più famosi. la qual cosa, per vero dire, io non ho fatto fin qui; dubitando per le ragioni antedette, che la sentenza scritta da Cicerone delle due lingue più antiche, nella moderna non si eseguisse. così uscito dei primi studii, e ne' secondi non sendo oso di esercitarmi, molti mesi sono vivuto ozioso; e se 'l Valerio non mi consiglia, non so che farmi nell'avvenire.

Val. Ora a voi tocca di consigliare il Soranzo: però lasciando i casi vostri ne' loro termini stare, concludete il principiato ragionamento; il cui fine, se il desiderio dello ascoltar non m'inganna, ci è lontano parecchie miglia.

102

Broc. Anzi io parlava de' fatti miei, perchè di quei del Soranzo non mi è rimaso che favellare. che avendo detto per quai ragioni, secondo me, il diletto sia la virtù dell'orazione, e la causa dimostrativa, in quanto io posso, sopra le altre esaltata; oltre di ciò della forma

Soranzo: Primeiramente, precisaria fazer versos hexâmetros e pentâmeros nessa língua, dando a eles aqueles pés com os quais os Latinos estão acostumados a caminhar, em seguida passando para a prosa, com esses mesmos dispostos de outra forma, esforçar-se para construir a concordância: mas isso é coisa impossível, que nem Petrarca e nem Boccaccio a tentaram. Nós, então, que somos seus seguidores e que procuramos seguir seu exemplo, nos contentamos em ficar após eles, não na segunda, mas na terceira ou na quarta posição.

Brocardo: Certamente, eu fiz isso, enquanto eu era da opinião que a nossa arte oratória e poética não fosse outro que imitar a deles, escrevendo prosa e versos ao seu modo, e hoje faria isso muito mais do que fiz no passado, levado pelo prazer do exemplo e pelo desejo do prestígio que a opinião pública concede a quem com ela se identifica. A não ser que Cícero costuma criticar em algum livro da sua arte oratória esse tipo de estudo abundantemente usado por Carbone; louvando, ao contrário, o traduzir de uma língua para a outra os poemas e orações dos mais famosos. Coisa que, para ser sincero, eu não tenho feito até aqui, duvidando pelas razões acima mencionadas, que a sentença escrita por Cícero, nas duas línguas mais antigas, não se possa transpor nas línguas modernas. Tendo terminado dessa forma meus primeiros estudos e não ousando começar os segundos, vivi muitos meses no ócio e, se Valério não me aconselhar, não sei o que farei no futuro.

Valério: Agora o Senhor precisa aconselhar Soranzo: mas, deixando isso de lado, conclua o raciocínio que havia começado cujo fim, se o desejo de escutar não me engana, está longe muitas milhas.

Brocardo: Antes eu estava falando acerca do que me diz respeito, pois acerca das coisas de Soranzo não saberia o que falar; visto que tenho afirmado, por quanto eu possa, por quais razões, a meu ver, o deleite seja a virtude da oração e a causa demonstrativa, acima das outras exaltada; além disso, argumentei acerca da

dell'esercizio che tiene il mondo oggidì, e de' numeri quel che io n'intendo, e quanto io dubito ragionatovi; o bene o male che io ne parlassi, io pretendo d'aver risposto alla quistione: salvo se io non entrassi tra quei precetti infiniti di far proemii, di narrare, d'argomentare, e di epilogare nell'orazione; o a' stili, alle figure, agli ornamenti del dire; o all'azione o alla memoria mi rivolgessi; o degli affetti o de' stati distintamente vi favellassi. Il che fare non saperei, se io volessi; nè doverei, se io sapessi: sendo cosa non pertinente e fuori al tutto di quel proposito, intorno al quale fe il Soranzo la sua dimanda.

Val. *Bella virtù sarebbe quella dell'oratore, se ragionando fuor di proposito dilettaresse in maniera, che ci l'udisse nol discernesse.*

Broc. *Altra cosa è il parlamento dell'oratore, ed altra è quello del retore: l'uno diletta, l'altro insegna: benchè io sia retore atto meglio a dovere imparar che insegnare.*

Val. *Almeno m'insegnarete rispondere agli argomenti d'alcuni grandi; i quali confessando quel che voi dite, la rettorica essere arte, la quale ne' nostri animi piacere e grazia partorisca; seguentemente non civile virtù, ma perversa adulazione si fanno lecito di chiamarla; e come vizio di mala guisa lei sbandiscono delle repubbliche.*

Broc. *Di Platone parlate; il quale in persona di Socrate non per ver dire, ma Polo e Gorgia tentando, con quello animo biasimò*

forma que, a meu ver, o mundo hoje em dia a utiliza e acerca da concordância, e quanto eu duvido. Ainda que tenha falado bem ou mal, eu acredito ter respondido a questão: a menos que eu não entre naqueles preceitos infinitos sobre como fazer proêmios, narrar, argumentar e fazer o epílogo na oração; ou sobre os estilos, as figuras, os ornamentos do dizer; ou me direcionasse à ação e à memória; ou falasse detalhadamente acerca dos afetos e dos estados. Coisa que não saberia fazer, ainda que quisesse; nem deveria, ainda que soubesse, sendo algo fora de qualquer propósito e não pertinente ao assunto acerca do qual Soranzo questionou.

Valério: Seria uma bela virtude aquela do orador se, raciocinando fora de propósito, conseguisse deleitar de tal forma que, quem o escutasse, não se desse conta.

Brocardo: Uma coisa é a fala do orador e outra a do retórico: o primeiro deleita e o outro ensina, ainda que eu seja um retórico muito mais apto a aprender que a ensinar.

Valério: Ao menos me ensinará a responder aos argumentos de alguns grandes os quais, ao confessarem o que o Senhor diz, ou seja, que a retórica é uma arte, a qual desperta nas nossas almas prazer e graça, em seguida não a chamam de virtude civil, mas de adulação perversa e a banem das repúblicas por ser uma péssima espécie de vício.

Brocardo: Está falando de Platão, o qual, por meio de Sócrates e não por ter ouvido dizer, mas provocando Pólo³⁶ e Górgias,³⁷

36 [N. d T.] Sofista protagonista com Górgias do homônimo diálogo de Platão.

37 [N. d T.] Górgias (em grego antigo: Γοργίας; Leontinos, ca. 485 a.C. — Lárisa, ca. 380 a.C.) dito “o Niilista”, foi um retórico e filósofo grego, natural de Leontinos, na Sicília. Juntamente com Protágoras de Abdera, formou a primeira geração de sofistas. Diversos doxógrafos relatam que teria sido discípulo de Empédocles, embora tenha sido apenas alguns anos mais jovem do que ele. Como outros sofistas, estava continuamente mudando de cidade, praticando e dando demonstrações públicas de suas habilidades em diversas cidades e, nos grandes centros pan-helênicos como Olímpia e Delfos, cobrando por suas apresentações e por aulas. Uma característica especial de suas aparições era a de ouvir questões da plateia sobre todos os assuntos e respondê-las

la rettorica, che altra volta a Trasimaco e Glaucone fe laudar l'ingiustizia. Che così come, secondo lui, a' cittadini e guardiani delle repubbliche è necessaria la musica, arte più dilettevole che utile; così a' medesimi è buona cosa l'imparare e l'esercitarsi nella rettorica, gioja e diletto dell'intelletto. Ma acciocchè molto bene il mio intento apprendiate, voi dovete sapere che i sentimenti degli animali (dai quali, come da cose più note, è ben fatto che il nostro esempio prendiamo) in sentendo gli obietti loro, se buoni sono, s'allegnano; e se rei, cioè dannosi alle vite loro, sono usati di contristarsi. Adunque come il cane ha piacer di vedere, e futare, e mangiar cibo che lo conservi, e li dispiacciono le mazzate; così la mente di sapere disiderosa si diletta del vero, ed il falso, cosa contraria al suo disiderio, sommamente per sua natura abborisc. e per certo quale è il cibo allo stomaco, tale è la verità allo 'ntelletto: ma la bugia è il veleno che lo distrugge, e d'immortale che nacque, peggio che morto fa divenirlo. Ora a' sensi tornando, certo l'uomo è animale più gentile e di natura migliore, che le bestie non sono; il quale sollevato dalla bruttura de' bruti ad altro attende, che ad empieri la gola; e molte fiate per vedere una dipintura ed udire una musica, fame e fete patisce; togliendo anzi di pascer gli occhi e gli orecchi, non senza danno della persona, che di vivande materiali nella cucina ingrassarsi. La qual cosa siccome è vera de' sentimenti, così ha loco nello 'ntelletto; al quale similmente dee esser lecito, lasciando il vero che lo nutrica, alcuna volta per dilettersi poter gustare il piacevole,



culpou a retórica com o mesmo espírito com que a Trasímaco³⁸ e Glaucon³⁹ fez louvar a injustiça. Que, segundo ele, assim como aos cidadãos e aos guardiões das repúblicas é necessária a música, arte mais prazerosa que útil, da mesma forma para eles é uma coisa boa aprender e se exercitar na retórica, prazer e deleite do intelecto. Mas, para que entendam muito bem o meu intento, os Senhores devem saber que os animais (dos quais, como bem é sabido, nós derivamos), ao pressentir as coisas, se forem boas, seus sentimentos são de alegria e, se forem perigosas, ou seja, danosas para suas vidas, costumam ser de preocupação. Então, assim como o cachorro sente prazer em ver e farejar e comer comida que o conserve e não lhe agradam as pancadas, da mesma forma, a mente desejosa de conhecimento se deleita com a verdade e condena a falsidade, algo, por sua natureza, sumamente contrário ao seu desejo. E, com certeza, aquilo que representa a comida para o estômago, tal é a verdade para o intelecto: mas a mentira é o veneno que o destrói e sua natureza imortal se torna pior que morta. Ora, voltando aos sentidos, com certeza o homem é o animal mais gentil e de melhor natureza, e não é igual às bestas, pois, elevando-se acima da feiura dos brutos, tem outros objetivos além de encher sua garganta e de engordar com bens materiais na cozinha; e, muitas vezes, para ver uma pintura ou escutar uma música passa fome e sede, deixando, aliás, de nutrir os olhos e os ouvidos, não sem dano para a sua pessoa. Tal coisa, assim como acontece nos sentidos, também acontece no intelecto ao qual, da mesma forma, deve ser lícito, deixando a verdade que o nutre, alguma vez, para se deleitar, podendo saborear o prazeroso;



sem qualquer preparo. Seu principal legado foi ter levado a retórica desde sua Sicília natal para a Ática, e contribuir com a difusão do dialeto ático como idioma da prosa literária. Antístenes, fundador do cinismo, foi ouvinte de Górgias, e Platão escreveu um diálogo intitulado *Górgias*, onde discute a função e a validade da retórica.

38 [N. d T.] Trasímaco (em grego: *Θρασύμαχος*; ca. 459 a. C. — 400 a. C.) é um personagem do diálogo platônico *A República*, sendo o principal interlocutor de Sócrates no primeiro livro desta obra.

39 [N. d T.] Irmão de Platão.



nel qual caso per avventura il nostro umano intelletto è più
 divino, che umano. perchiocchè in quanto umano, cioè nudo
 d'ogni dottrina e d'imparare disideroso, corre al vero che'l sazia:
 ma con versi e con prose per suo diletto scherzando, simile è
 molto alle intelligenzie; le quali non per sapere più che elle
 sappiano, ma per sollazzo sotto a' piedi mirandosi, sono vaghe
 di riguardarne. Che se noi siamo filosofi, tali a noi sono la retorica
 e la poesia, quali i frutti alle tavole de' signori; li quali dopo cena,
 quando son sazii, compiacendo al palato, alquanti per gentilezza
 ne mangiano. ma a coloro, che già non sono e son per farsi filosofi,
 le due arti predette sono i fiori; che innanzi ai frutti delle scienze,
 le menti loro di fruttare disiderose, quasi pianta la primavera, si
 dilettono di fiorire. Al vulgo, poichè non sa nulla nè fa pensier
 di sapere, e pur è parte della repubblica, l'orazioni e le rime sono
 tutto 'l cibo e tutto 'l frutto della sua vita. Il qual vulgo non
 avendo virtù di digerir le scienze ed in suo pro convertirle, de'
 loro odori e delle loro similitudini, gli oratori ascoltando suole
 appagarsi; e così vive e mantensi. Dunque io non vedo per qual
 cagion la retorica debbia sbandirsi delle repubbliche; sendo arte
 che ha per subietto le nostre umane operazioni, onde hanno
 origine le repubbliche. che avvegnadio che l'oratore con ragioni
 probabili ed anzi incerte che no, diletta e persuadendo giudichi
 e regga le civili operazioni; nondimeno sommamente è da
 commendare e d'aver cara la sua solerzia: dalla quale le cose
 nostre perfettamente e propriamente, in quel modo che al loro
 essere si conviene, sono trattate e considerate. Questo dico
 presupponendo che voi sappiate, il che è noto ad ognuno, che
 l'uomo è mezzo tra gli animali e le intelligenzie; però conosce se
 stesso in un modo mezzano tra la scienza che egli ha de' bruti,
 e la fede onde egli adora Domeneddio. Il qual modo non è altro
 che opinione generata dalla retorica; con la quale il voler suo e
 l'altrui, co' parenti ed amici nella sua patria civilmente vivendo,
 dee curar di correggere. che se una opra medesima, in varii tempi

e, nesse caso, por sorte, o nosso intelecto é mais divino que humano. Por isso, enquanto humano, ou seja, despido de toda doutrina e desejoso de aprender, corre para com a verdade que o sacia; mas, brincando com versos e com prosas para o seu deleite, se assemelha muito com as inteligências, as quais, não para saber mais do que sabem, mas para seu deleite, olhando abaixo de seus pés, são felizes de olhar. Que se nós somos os filósofos, iguais a nós são a retórica e a poesia, como os frutos nas mesas dos Senhores os quais, após o jantar, já satisfeitos, agradando o paladar, comem alguns por educação; mas, para aqueles que ainda não são filósofos, as duas artes mencionadas são flores que, perante os frutos das ciências, suas mentes desejosas de frutificar, como plantas na primavera, deleitam-se em florescer. Para o povo que não tem nada nem faz questão de saber, apesar de ser parte da república, as orações e as rimas são todo o sustento e todo o fruto de sua vida. Tal povo, não tendo a capacidade de digerir as ciências e de utilizá-las em sua vantagem, ao escutar os oradores com seus odores e similitudes, se contenta e assim vai vivendo e se porta. Consequentemente, eu não vejo porque a retórica deva ser banida das repúblicas, sendo uma arte que tem por objeto as nossas operações humanas, nas quais se originam as repúblicas. E ainda que aconteça que o orador com razões prováveis e, aliás, incertas, deleitando e persuadindo, julgue e sustente as operações civis, mesmo assim é digna de respeito e de afeto sua solicitude, que faz com que ele trate e considere da forma que se convém e com perfeição as nossas questões. Digo isso pressupondo que os Senhores saibam, como se espera, que o homem está no meio, entre o animal e a inteligência; porém, ele conhece a si mesmo de uma forma que está entre as ciências dos brutos e a fé com a qual adora Deus. Esse modo não é nada mais que uma opinião gerada pela retórica, mediante a qual deve tentar corrigir seu desejo e o dos outros com os parentes e com os amigos, na sua pátria, vivendo civilmente; pois, se a mesma obra, em várias épocas, pode ser proibida ou aconselhada e pode



dalle leggi cittadinesche or vietata ed or commendata può esser vizio e virtù; ragione è bene che le nostre repubbliche, non da scienze dimostrative vere e certe per ogni tempo, ma con rettorice opinioni variabili e tramutabili, quali son l'opre e le leggi nostre, prudentemente sian governate. Però Socrate dannato a torto dall'ignoranza de' giudici, ubbidendo alla opinione della sua patria, volentieri si fe incontro alla morte: la quale, filosoficamente argomentando, come iniqua ed ingiusta pena, dovea tentar di fuggire. E nel vero come il filosofo uso ad intender null'atra cosa, salvo quella che per li sensi venendo gli va albergare nello 'ntelletto, tanto men crede, quanto più fa; così il medesimo uso all'opre della natura, la quale eterna con legge eterna ed incommutabile i suoi effetti produce, malamente può essere atto al governo della repubblica: le cui leggi per oneste cagioni avendo rispetto a' tempi, a' luoghi, alla utilità, alle sue forze e all'altrui, spesse fiate da un dì all'altro mutano forma e sembante: però si creano i magistrati, li quali non altramente reggano loro, che esse noi. Sono dunque le leggi non veri Dei, quali sono la natura e le intelligenzie, ma sono idoli da quelli istessi adorate, poichè son fatte, che con loro arte le fabbricarono. Però è ben fatto, che con scienza non necessaria ma ragionevole, non perfetta ma all'esser loro perfettamente corrispondente, l'oratore, di cui parliamo, abbia cura di conservarle. che il nostro intelletto intendendo si fa simile alla cosa intesa; come può esser che l'uomo avvezzo a contemplar la sustanzia e le maniere de' bruti, si confaccia col reggimento della città? più tosto è da creder quel che ogni giorno veggiamo, che questo tale al suo saper simigliandosi, vada cercando la solitudine, ed in quella filosofando si seppellisca. Il contrario fa l'oratore; la cui arte, il cui governo, i cui costumi, e le cui parole sono cose propriamente cittadinesche, non credute, non sapute, ma persuase con maggior dilettazone di quella, che la scienza dimostrativa dell'altre cose più basse e meno a noi pertinenti ci

ser vício ou virtude, é bem que as nossas repúblicas sejam prudentemente governadas não pelas ciências demonstrativas verdadeiras e certas em todas as épocas, mas com opiniões retóricas variáveis e mutáveis, como são as nossas leis e obras. Porém, Sócrates, condenado sem razão pela ignorância dos juízes, cumprindo com as opiniões de sua pátria, sem medo enfrentou a morte; mas, filosoficamente pensando, sendo uma pena injusta e parcial, deveria ter tentado fugir. E, na verdade, assim como o filósofo acostumado a não entender nenhuma outra coisa exceto aquela que através dos sentidos se estabelece no intelecto, menos acredita quanto mais souber; a mesma coisa costuma ocorrer nos fatos da natureza a qual, segundo uma lei eterna e imutável, produz seus efeitos e dificilmente pode ser adequada para o governo da república, cujas leis, por óbvias razões respeitando os tempos, os lugares, a utilidade, as suas forças e as dos outros, frequentemente, de um dia para outro, mudam sua forma e seu aspecto. Porém, instituem-se os magistrados para que as sustentem e elas a nós. Então, as leis não são verdadeiros Deuses, como a natureza e as inteligências, mas são ídolos por essas mesmas adoradas, pois são feitas com a mesma arte que fabricou as outras. Porém, é um dado de fato que, com uma ciência não necessária, mas razoável, não perfeita, mas perfeitamente correspondente a elas, o orador do qual falamos, cuida em conservá-las. Que se o nosso intelecto, ao entender, se torna similar à coisa entendida, como pode ser que o homem, acostumado a contemplar a substância e as maneiras dos brutos, seja condizente para o regimento da cidade? Mais fácil acreditar que o que vemos todo dia é que esse tal, assemelhando-se ao seu saber, busque a solidão e, nessa filosofando, sepulte a si mesmo. O orador, cuja arte, cujo governo, cujos costumes e cujas palavras são coisas propriamente urbanas, nos traz coisas não acreditadas, não sabidas, mas persuadidas e faz o contrário, e, com maior prazer que aquele que usa a ciência demonstrativa das outras coisas mais baixas e que menos nos pertencem. Pois, sem dúvida, é mais

apporta. che maggior dilettaçione è il veder solamente, o senza altro udir parlar uno amico da noi amato ed avuto caro; che vedere, udire, gustare, e toccare tutte le bestie del mondo. con la qual dilettaçione persuadendo, a se gloria, e salute a' suoi cittadini suol generar l'oratore; non altramente che coi diletti carnali gli animali senza ragione generando l'un l'altro, facciano intera la loro specie. che altro non sendo la nostra gloria, che opinione che hanno gli uomini dell'altrui senno e valore; ragione è bene che la rettorica, artificio delle civili opinioni, senza altramente filosofare, ne' nostri nomi la partorisca. Quanto adunque è più nobile e più amabil cosa del generar de' figliuoli la vera gloria, frutto eterno della virtù, per la quale a Dio ottimo massimo veramente ci assomigliamo; tanto è più utile alla repubblica la buona arte oratoria di qual si voglia scienza, che delle cose della natura con ragioni infallibili può acquistarsi la nostra mente. Voi adunque Soranzo (che già è tempo che a voi rivolga il parlare, ed in voi il finisca, come da voi s'incominciò) continuate l'impresa; ed allo studio dell'eloquenzia, che sì per tempo tentaste, ora che già ne è tempo, con tutto l' cuore donatevi e consacratevi. Conosco per molte prove il valor dell'ingegno vostro; il quale benchè sia atto a sapere ed operare ogni cosa, che a gentiluomo pertenga: nondimeno se a' sembianti della persona, testimoni dell'anima, si dee dar fede; considerando la figura della faccia e del corpo vostro, i movimenti di quello, la leggiadria della lingua, la voce, e i fianchi pieni tutti di molto spirito; chiaramente comprendo voi esser nato a dovere essere oratore: il quale nella vostra repubblica tra senatori e tra giudici accusate e deliberiate; o nella corte di Roma tra litterati vivendo, per diletto del mondo, con grandissima vostra gloria, biasimando e lodando componiate e scriviate: quale ho speranza che voi farete; se accompagnando con la natura la industria, in quella parte rivolgerete la mente, ove vi chiama la vostra stella; e contentandovi d'essere uomo, le cose umane umanamente curarte ed apprezzerete. che essendo imagine e simiglianza di Dio, ben può bastarvi che la vostra

prazeroso ver somente ou escutar falar um amigo querido e muito próximo, do que ver, escutar, saborear e mexer em todas as feras do mundo. Persuadindo com esse prazer, o orador costuma gerar a glória para si e a saúde para seus concidadãos, bem menos que com os prazeres da carne os animais geram uns aos outros sem razão, constituindo assim sua espécie. Para nós, a glória não é nada mais do que a opinião que os outros têm do nosso valor e da nossa razão; é bem então que a retórica deixe a razão nos nossos nomes, artifício das opiniões civis, sem filosofar de outra forma. Quanto então é coisa mais nobre e mais amável, a verdadeira glória que gerar filhos, pois é um fruto eterno da virtude, pela qual nos aproximamos verdadeiramente do Deus ótimo e máximo; tanto é mais útil que qualquer ciência para a república a boa arte oratória, pois a nossa mente pode entender as coisas naturais com razões infalíveis. Então, Soranzo (já que é tempo que eu dirija minha palavra para o Senhor para que eu termine o que com o Senhor iniciou), o Senhor continue a empreitada, doe-se e se dedique ao estudo da eloquência, que tempo atrás já tentou, agora que chegou sua hora, com todo seu coração. Conheço por vários motivos o valor de seu intelecto que, apesar de estar apto para saber e atuar qualquer coisa que caiba a um gentil-homem, por outro lado, se temos que reparar nos traços físicos da pessoa, que são o testemunho da alma, levando em conta o desenho da sua face e do seu corpo, os seus movimentos, a leveza da língua, a voz, e os quadris repletos todos de muito espírito, claramente observo como o Senhor não deva ser nada mais que um orador; para que, na sua república, entre senadores e juízes, acuse e delibere; ou componha e escreva, criticando e louvando, na corte de Roma, vivendo entre os letrados, para o deleite do mundo, com muita glória. Tenho esperança que faça isso se, juntando à natureza o esforço, voltando a mente para isso, para onde o leva a sua estrela e contentando-se com sua natureza de homem, humanamente organizará e apreciará as coisas humanas. Pois, sendo imagem e semelhança

scienza sia una nobile dipintura della medesima verità, diletta-
 la vostra mente, in quel modo che de' ritratti materiali suol
 dilettersi la vista. Che se l'anima razionale, forma e vita de' nostri
 corpi, è immortale intelletto (il che oggi l'ambasciador Contarini
 col Cardinale e cogli altri, siccome io stimo, concluderanno)
 creder dobbiamo, che'l vero cibo che la nutrica, sia non scienza
 mortale da noi in terra acquistata, ma alcuna cosa divina
 conveniente al suo essere; della quale alla gran mensa di Dio ci
 pasciamo nel paradiso. Dunque in tal caso solamente a dilettar
 lo 'ntelletto studieremo ed impareremo; dipingendo con le parole
 la verità, la quale, liberi fatti dalla prigion della carne, in propria
 forma vede e contempla la lostra mente. Ma posto caso (che Dio
 nol voglia) che la ragione sia cosa umana, come noi siamo; la
 quale nasca, viva, e mora con esso noi: certo suo officio dee essere
 il discorrere umanamente, e quello principalmente considerare,
 che si conviene alla umanità; l'arte oratoria adoprando, con la
 quale in questa vita civile le nostre umane operazioni moderiamo
 e reggiamo. E per certo come i colori materiali, stando fermi nei
 luoghi loro, mandano agli occhi le immagini, per lo cui mezzo li
 conosciamo; così il vero della natura e di Dio, non in se stesso,
 che non possiamo, ma nell'ombra delle nostre opinioni contentiamo
 di speculare: le quali quanto più ne dilettaano, tanto più dovemo
 credere che siano simili al vero, ove è riposto il piacere che
 veramente ne fa felici. Ma acciocchè nello 'mparare ed esercitar
 la rettorica, quello a voi, che a me avvenne, non intreveгна;
 appigliatevi intieramente a' consigli di Messer Trifon Gabriele,
 nuovo Socrate di questa età: le cui vive parole bene intense da
 voi, più di bene v'apportaranno in un giorno solo, che a me non
 fece in due mesi la lezion del Boccaccio, col rimario che io ne
 cava. Questi non men cortese che dotto, volentieri il sentiero,
 che a buono albergo conduce, con diligenza vi mostrerà: con
 questo uno il Petrarca e il Boccaccio leggendo, non pur le ciancie

de Deus, pode bem bastar-lhe que a sua ciência seja uma nobre pintura da mesma verdade, e que a sua mente se deleite daquela forma com que costuma se deleitar dos retratos materiais a vida. Pois, se a alma racional, forma e vida de nossos corpos, é intelecto imortal (fato que hoje o embaixador Contarini com o Cardeal e com os outros, como penso, confirmarão) devemos crer que o verdadeiro alimento que a nutre não seja a ciência mortal que adquirimos na terra, mas algo divino condizente ao seu ser que apreciamos no paraíso na grande mesa de Deus. Então, nesse caso, nos aplicaremos e aprenderemos para deleitar somente o intelecto, pintando com as palavras a verdade, a qual uma vez, livre da prisão da carne, observa do seu jeito e contempla a nossa mente. Mas, se por acaso (Deus não queira) a razão for algo humano como nós, a qual nasça, viva e morra junto conosco, com certeza seu dever deve ser o argumentar humanamente e considerar principalmente o que se convém à humanidade usando a arte oratória com a qual, nesta nossa vida civil, moderamos e conduzimos nossas ações humanas. E, com certeza, assim como as cores materiais, estando paradas no seu lugar, mandam aos olhos as imagens mediante as quais as conhecemos, da mesma forma a verdade da natureza e de Deus, não em si mesmo, que não podemos, mas na sombra das nossas opiniões nos contentamos de especular; as quais, quanto mais nos deleitam, tanto mais devemos acreditar que sejam iguais ao verdadeiro no qual está o prazer que verdadeiramente nos torna felizes. Mas, para que, ao aprender e exercitar a retórica não aconteça com os Senhores o que aconteceu comigo, atenham-se aos conselhos do Senhor Trifone Gabriele, o novo Sócrates desta época, cujas vivas palavras, se forem bem entendidas pelos Senhores, lhes trarão mais benefícios num dia só que o que trouxeram para mim em dois meses as lições de Boccaccio com o rimário que eu produzi. Aquele, não menos cortes que douto, prazerosamente lhes mostrará com diligência o caminho que leva para um bom albergue. Com isso, alguém, ao ler Petrarca e Boccaccio, adentrará facilmente não



da me osservate e notate, ma i secreti dell'arte loro non ben noti a' volgari facilmente penetrarete; imparando in qual modo latinamente e grecamente parlando, quelli imitiate e loro simile diventiate. Il quale Messer Trifone se ora fosse in Bologna, me certamente dagli errori del mio passato ragionamento, ed il Valerio dalla fatica del suo futuro per avventura liberarebbe; terminando la quistione in maniera, che poco o nulla v'avanzarebbe da dubitare. In tanto voi udirete il Valerio, il quale si può dir lui dopo lui; al cui parere, che che dianzi io dicessi, io vi conforto che vi atteniate.

Val. Ricordivi

**Il rimanente ce lo individò l'inavvertenza di Marsilio de'papafavi; il quale (come notò Ingolfo ne' suoi Ms,) sendo alloggiato a Vigodarzere, villa del Padovano, in casa dello Speroni, che era suo suocero; stracciò a caso alcun foglio di sì solito dialogo: di che avventosi l'autore, e montato perciò in gran collera stracciò il resto; nè più volle rifarlo, non che proseguire l'incominciata materia rettorica fino alla fine, come avea disegnato da principio.*



às bobagens que eu observei e anotei, mas aos secretos da sua arte bem conhecidos aos vulgares; aprendendo de que forma, falando ao exemplo latino e grego, aqueles devem imitar, tornando-se similares a eles. Esse Senhor Trifone, se agora estivesse em Bolonha, certamente me livraria dos erros do meu passado raciocínio e, ao Valério, do esforço do seu futuro, terminando a questão de tal forma que pouco ou nada se poderia questionar. Enquanto isso, ouvirão Valério; ao parecer dele eu lhes peço que, como antes disse, os Senhores se conformem.

Valério: lembro-lhes*

* Inacabado no original



Ana Luiza Leite Bado

Graduanda do curso de Língua e Literatura Italiana na Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista PIBIC de agosto de 2011 a agosto de 2012, no projeto de tradução do texto *Dialogo Della Rettorica*, de Sperone Speroni, sob a orientação do professor Dr. Sergio Romanelli. Atual monitora do curso de Língua Italiana, auxiliando alunos da graduação em suas dificuldades relacionadas à língua italiana (gramática, interpretação de texto, habilidade oral, etc.).



Sergio Romanelli

Professor Doutor, classe Adjunto III DE, no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e na PGET (Pós-graduação em Estudos da Tradução) da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista produtividade em pesquisa PQ 2 do CNPq. Possui graduação em Letras e Filosofia - Università Degli Studi di Milano (1997), Mestrado e Doutorado em Linguística Aplicada pela UFBA (2003 e 2006). Tem experiência na área de Linguística aplicada ao ensino/aprendizagem de LE e tradução e em Crítica Genética, atuando principalmente nos seguintes temas: Línguas Estrangeiras Modernas, Crítica Genética, Linguística Aplicada e Tradução. É líder dos grupos de pesquisa “Estudos Linguísticos e aquisição/aprendizagem do italiano como língua estrangeira”; e “Política editorial e tradução no Brasil contemporâneo”; do CNPq. Presidente da APCG (Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética do Brasil), membro oficial do GT de Crítica Genética da Anpoll, da ABRAPT e do NEIITA (Núcleo de Estudos interdisciplinares de italiano da UFSC). Editor-Chefe das revistas MANUSCRÍTICA (QUALIS A2) e IN-TRADUÇÕES (QUALIS B3). Coordenador do NUPROC - Núcleo de Estudo de Processos Criativos (www.nuproc.cce.ufsc.br), membro do Núcleo de apoio à pesquisa em crítica genética (NAPCG/CNPq). Tradutor (Virgillito, Alberti, Twain) e poeta.

Silvana de Gaspari

Graduada em Letras Português/Italiano pela UNESP-Araraquara, possui mestrado em Literatura Italiana pela Universidade de São Paulo e doutorado em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina. Sua dissertação de mestrado tem como tema central o verismo italiano, com enfoque nos autores Giovanni Verga e Luigi Capuana; e sua tese de doutorado versa sobre a *Divina Comédia* e sua relação com dois textos apócrifos: Enoque e Isaías. Desde 1992, é professora do curso de letras italiano da Universidade Federal de Santa Catarina e, desde 2011, chefe do departamento de língua e literatura estrangeiras. Seu projeto de pesquisa atual é direcionado para a área de poesia italiana, linha temática da qual faz parte no programa de pós-graduação em literatura da UFSC: poesia e aesthesis.



Dialogo della Rettorica,
que debatem acerca da
Questione della Lingua
durante o renascimento
italiano. Sperone Speroni
teve um importante
papel no debate acerca
de qual variante
vernácula assumiria a
função de língua comum
do território italiano e
foi um dos mais fortes
defensores do vulgar. O
Dialogo della Rettorica,
além de ser um breve
tratado que reivindica o
valor social da retórica,
fala sobre os valores e as
condutas morais do ser
humano e também nos
apresenta a figura do
novo literato, que é
capaz de argumentar em
língua vulgar.

Ana Luiza Leite Bado
Sergio Romanelli

Dialogo Della Rettorica

Sperone Speroni



ISBN 978-85-99554-92-0



9 788599 554920